UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Silmara de Fatima Cardoso

“VIAJAR É INVENTAR O FUTURO”:
narrativas de formação e o ideário educacional brasileiro
nos diários e relatório de Anísio Teixeira em viagem à
Europa e aos Estados Unidos (1925-1927)

São Paulo
2011

Silmara de Fatima Cardoso

**“VIAJAR É INVENTAR O FUTURO”:
narrativas de formação e o ideário educacional brasileiro
nos diários e relatório de Anísio Teixeira em viagem à
Europa e aos Estados Unidos (1925-1927)**

Dissertação apresentada à Faculdade de
Educação da Universidade de São Paulo
para obtenção do título parcial de Mestre
em Educação

Linha de Pesquisa:
História da Educação e Historiografia

Orientadora:
Prof^a Dr^a Dislane Zerbinatti Moraes

dissertação corrigida

São Paulo
2011

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

37(09) Cardoso, Silmara de Fatima
C268v Viajar é inventar o futuro : narrativas de formação e o ideário educacional brasileiro nos diários e relatório de Anísio Teixeira em viagem à Europa e aos Estados Unidos (1925-1927) / Silmara de Fatima Cardoso ; orientação Dislane Zerbinatti Moraes. São Paulo : s.n., 2011.

156 p. : il., fotos.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração : História da Educação e Historiografia) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Teixeira, Anísio Spínola, 1900-1971 2. História da educação 3. Historiografia 4. Viagens – Educação – 1925-1927 5. Pedagogia 6. Representação – Educação 7. Modelos- Educação I. Moraes, Dislane Zerbinatti, orient.

CARDOSO, Silmara de Fatima.

Título: “Viajar é inventar o futuro”: narrativas de formação e o ideário educacional brasileiro nos diários e relatório de Anísio Teixeira em viagem à Europa e aos Estados Unidos (1925-1927)

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título parcial de Mestre em Educação

Aprovado em 25 de abril de 2011

Banca Examinadora

Profª Drª – Dislane Zerbinatti Moraes – Instituição USP

Profª Drª – Ana Chrystina Venancio Mignot – Instituição UERJ

Profª Drª – Denice Barbara Catani – Instituição USP

Profª Drª – Rosário S. Genta Lugli (suplente) – Instituição UNIFESP

Profª Drª – Paula Perin Vicentini (suplente) – Instituição USP

Profº Drº – José Gonçalves Gondra (suplente) – Instituição UERJ

Dedicatória

Aos meus familiares, especialmente a minha mãe Maria de Fatima Cardoso, que mesmo longe, certamente estará orgulhosa de eu ter chegado até aqui.

Agradecimentos

Uma dissertação não é vivência estritamente individual. Implica um período longo de pesquisas, leituras, reflexões, seleção e escrita envolvendo orientador, professores, grupo de pesquisa, amigos, família, diferentes instituições, enfim, aqueles que das mais diferentes formas contribuem para a concretização do trabalho. Sendo assim, venho externalizar a minha gratidão a algumas pessoas e instituições.

Primeiramente agradeço à minha orientadora Dislane Zerbinatti Moraes por suas sempre atentas leituras, análises e reflexões em meu trabalho de dissertação. A mão segura e rigorosa foi essencial para meu aprendizado e crescimento intelectual. Sua perspicácia teórica e analítica impôs-me a desafios, nem sempre enfrentados com tranquilidade, mas sempre por ela encorajados.

A etapa da qualificação foi o “momento chave” para vencer alguns “nós” no sentido de aperfeiçoar o trabalho quanto à caracterização da documentação, à dispersão do referencial teórico, à exposição da biografia de Anísio Teixeira e revisão das apropriações dos autores teóricos. Dessa forma, sou muito grata às professoras Ana Chrystina Venâncio Mignot e Denice Barbara Catani por suas valiosas contribuições no meu exame de qualificação. A concretização dessa dissertação também se deve a elas.

No âmbito institucional devo meus agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo por ter me concedido uma bolsa CNPq, a qual foi muito valiosa, e sem a mesma, certamente seria mais difícil à finalização desta dissertação, já que um pós-graduando tem uma série de gastos que são exigidos com viagens a congressos, trabalhos de campo, visitas científicas, intercâmbio, compras de livros, impressão, xérox, etc.

Agradeço o apoio e compreensão dos profissionais da Secretaria da Pós-Graduação da FEUSP, que sempre atentos foram fundamentais no desenrolar dos meandros burocráticos.

Agradeço também o apoio e compreensão dos profissionais da biblioteca da FEUSP, sempre disponíveis a ajudar no que fosse preciso e

necessário: pesquisas bibliográficas, empréstimos de livros, teses e dissertações, renovação, atrasos, etc.

No campo da pesquisa sou imensamente grata ao CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro, do qual obtive todo apoio com a pesquisa dos documentos de Anísio Teixeira, ainda nos tempos de graduação e depois no mestrado.

Em diferentes momentos e de maneiras diversas, muitos amigos me apoiaram, sempre me incentivando e acreditando no meu trabalho. São pessoas que tive a feliz oportunidade de conhecer nas disciplinas realizadas, nas reuniões da Pós-Graduação, nos Seminários, Encontros, pelos corredores da USP, nos Congressos, nas viagens, nas discussões de representantes discentes, e que, cada um ao seu modo me deu suporte necessário. Numa retrospectiva emocionada esforço-me para lembrar todos e todas, embora tenha consciência das “traições” da memória. Assim, sou grata a Patrícia Coelho, Ana Luiza, Maria Luiza, Inara, Débora, Danielle, Mighian, Rafael, Evandro, Jerffeson, Fernando Henrique, Patrícia, Fernanda, Elias, dentre tantos outros mais.

Em alguns momentos contei com o apoio de colegas da FFLCH, que se disponibilizavam a pesquisar e retirar para mim na biblioteca desta faculdade alguns livros os quais não havia na biblioteca da FEUSP.

E por fim, agradeço à minha família que, mesmo distante sempre me apoiou e confiou no meu trabalho.

Resumo

“VIAJAR É INVENTAR O FUTURO”: narrativas de formação e o ideário educacional brasileiro nos diários e relatório de Anísio Teixeira em viagem à Europa e aos Estados Unidos (1925-1927)

Este trabalho tem por pretensão analisar as viagens de Anísio Teixeira à Europa em 1925 e aos Estados Unidos em 1927. Anísio partiu a países estrangeiros com o propósito de peregrinação, passeio e lazer, mas, também com o objetivo de entrar em contato com uma cultura diferente da sua, “civilizada” e conhecer um modelo educacional referencial, sobretudo, o norte-americano, considerado um dos mais eficazes neste momento. De suas viagens ele produziu uma escrita diarística, cujos registros são do cotidiano a bordo, dos sujeitos americanos, das cidades, de suas reflexões em relação à vida, à si, à política, à educação, à religião católica, à América, além dos objetivos e propósitos de suas viagens. A partir das observações das visitas realizadas às instituições educacionais norte-americanas Anísio produziu um relatório, que foi posteriormente publicado pela tipografia São Francisco da Bahia/Salvador sob o título geral de “Aspectos Americanos de Educação”. Esta obra na primeira parte traz os principais fundamentos do pensamento de Dewey sobre educação e democracia e na segunda parte as descrições e reflexões das escolas e modelo educacional americano. Utilizando esses documentos como fonte privilegiada de pesquisa, busco investigar quais foram as mudanças produzidas no pensamento e ações de Anísio durante e após suas viagens; como ele representa em sua escrita um modelo educacional considerado como ideal e quais estratégias utilizou para convencer seu leitor da eficácia desse modelo. Discuto também as apropriações feitas por Anísio do modelo americano de educação no seu percurso pela educação pública. O referencial teórico metodológico que serve de suporte ao presente estudo encontra-se delimitado em um modelo de educação em perspectiva transnacional e se apoia nas viagens pedagógicas para analisar a difusão mundial desse modelo. Para tanto, duas obras são referências: “Viagens Pedagógicas” (2007) organizada por Ana Chrystina Venancio Mignot e José Gonçalves Gondra e “Formas de Externalização no Conhecimento Educacional” (2001) de Jürgen Schriewer.

Palavras-chave: Anísio Teixeira, viagens pedagógicas, processos formativos, apropriação de idéias educacionais

Resumé

“VOYAGER EST INVENTER LE FUTUR”: narration de la formation et l'idéal de l'éducation brésilienne dans les journaux intimes et récit de Anísio Teixeira en voyage en Europe et aux États-Unis (1925-1927)

Ce travail a l'intention d'analyser les Voyages de Anísio Teixeira à Europe en 1925 et aux États-Unis en 1927. Anísio allés à des pays étrangers dans le but de pèlerinage, de loisirs et de récréation, mais aussi visant à entrer en contact avec une culture différente, «civilisé» et en connaître un modèle d'enseignement de référence, en particulier le modèle de l'éducation américaine, considéré comme l'un des plus efficaces en ce moment. Dans ses voyages Anísio produit des journaux intimes qui contiennent des enregistrements de la vie quotidienne à bord, les actions des individus américains et de leurs caractéristiques, les villes, leurs pensées sur vous-même, l'humanité, la politique, de l'éducation, à la religion catholique, l'Amérique, au-delà les objectifs et les buts des ses voyages. À partir des observations des visites dans les établissements d'enseignement américains Anísio produit plus tard un récit publié pour la typographie San Francisco de la Bahia / Salvador sous le titre général "Aspects de Education l'American ". Ce livre apporte la première partie des principaux fondements de la pensée de Dewey sur l'éducation et de la démocratie et la deuxième partie les descriptions et les réflexions des écoles américaines et de ses modèle d'enseignement. En utilisant ces documents comme source privilégiée de la recherche, je cherche à étudier quelles ont été les changements produits dans la pensée et les actions de Anísio pendant et après ses voyages ; comment il représente dans son écriture un modèle éducatif considérée idéal et les stratégies utilisées pour convaincre votre lecteur de l'efficacité de ce modèle. Je discute aussi les crédits ouverts par Anísio au modèle américain de l'éducation dans leur itinéraire pour l'enseignement public. Le cadre théorique qui soutenir la présente étude est limitée dans un modèle d'éducation dans une perspective transnationale et s'appuie, pour analyser la diffusion mondiale de ce modèle dans voyages pédagogiques. Pour cela, deux œuvres sont des références: "Voyages Pédagogiques" (2007) organisée par Ana Chrystina Venancio Mignot et José Gonçalves Gondra et "Les Formes de Externalization dans les Connaissances d'Enseignement" (2001) de Jürgen Schriewer.

MOTS-CLÉS : Anísio Teixeira, voyages pédagogiques, les processus de formation, la propriété des idées sur l'éducation

Sumário

Considerações Iniciais.....	10
-----------------------------	----

I – Anísio Teixeira: um viajante brasileiro no além-mar

1.1 – O percurso de uma vida.....	26
1.2 – Europa e Estados Unidos como destino: recriando identidades.....	42

II – Viajar e narrar

2.1 – Diários de viagem: razões e sentidos de produção de uma escrita.....	56
2.2 – Uma narrativa sobre as cidades e os sujeitos: a tensão entre o antigo e o moderno.....	66

III – “Aspectos americanos de Educação”: registro de uma experiência

3.1 – Relatório de observações escolares: dispositivos formais e textuais.....	85
3.2 – Representações de um modelo educacional “ideal”: um projeto diferenciado de escola, professor e aluno.....	93

IV – A experiência da educação estrangeira em Anísio Teixeira

4.1 – Reinventando e adaptando modelos.....	114
---	-----

Considerações Finais.....	142
---------------------------	-----

Fontes e Referências Bibliográficas.....	149
--	-----

Considerações Iniciais

A pesquisa sobre Anísio Teixeira com documentos produzidos por ele vem dos tempos da graduação, quando eu era bolsista de Iniciação Científica, vinculada ao projeto de pesquisa “Cultura Docente na Prática Epistolar: Estudo sobre as cartas de professoras para Anísio Teixeira (1931-1935)”, coordenado por Ana Chrystina Venancio Mignot, professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Participando deste projeto tive um primeiro contato com o arquivo pessoal de Anísio sob a guarda do CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro¹. Por quase dois anos pesquisei cartas trocadas entre Anísio e seus familiares do período de 1931 a 1935 quando então ele era Diretor Geral da Instrução Pública no Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal.

Dessa forma, continuei os estudos sobre Anísio em minha dissertação de mestrado, sendo que o meu foco são as viagens realizadas por ele e os escritos produzidos durante as mesmas, pois segundo Pimentel (1998) o viajante que registra o seu percurso produz um documento original, onde além dos acontecimentos, se pode conhecer também o próprio viajante.

Anísio Teixeira quando ocupava o cargo de Diretor Geral de Instrução Pública da Bahia em 1925 obteve permissão do governador Francisco Marques de Góes Calmon para acompanhar D. Augusto – o primaz arcebispo da Bahia – nas comemorações do Ano Santo em Roma, atendendo um apelo do papa que convocava os fiéis para realizarem uma peregrinação e percorrer a via-sacra do itinerário católico: Portugal, Espanha, Lourdes, Palestina, Roma, Itália, Bilbao, entre outras cidades.

Em sua viagem de peregrinação, Anísio passeia por algumas cidades européias e também visita algumas instituições educativas. Ele, que teve uma educação baseada nos moldes europeus e pertencente a uma família tradicional de políticos do sertão baiano, possuidora de vastas propriedades,

¹ Segundo Heymann (2001) o arquivo de Anísio foi doado ao CPDOC em 1977 e aberto para pesquisa em 1984, data em que teve sua organização concluída. O arquivo acompanha os quase cinquenta anos de sua vida pública, com uma documentação bastante variada: correspondência, rascunhos, artigos, projeto de lei, relatórios de governo, jornais, fragmentos de obras de diversos autores, cartões de aniversários, visitas, certidões, carteiras, agendas, fotografias, folhetos, livros, diários, entre outros documentos.

não estava isento de um pensamento elitista e conservador que julgava ser o Velho Mundo um lugar de civilização, beleza, cultura, requinte.

A viagem ao Novo Mundo em 1927 é de caráter oficial. Anísio havia sido designado pelo governador da Bahia para ir aos Estados Unidos da América observar os métodos de ensino e as instituições de educação que poderiam vir a ser implantadas de um modo parecido no estado baiano.

Se na primeira viagem o deslocamento é movido por um desejo próprio de atender ao apelo do papa ou passear pela Europa, na segunda o objetivo é para atender uma ordem de um superior, o sentido do deslocamento agora é pedagógico.

Nessas viagens Anísio produziu dois diários² e um relatório das visitas realizadas às instituições educacionais norte-americanas³. O relatório foi posteriormente publicado pela tipografia São Francisco da Bahia/Salvador sob o título geral de “Aspectos Americanos de Educação”.

O diário produzido em viagem à Europa contém 56 folhas em papel timbrado *Nordentscher Lloyd Bremen Na Bord des D. Sierra Morena e S.S Gelria*. O diário produzido em viagem aos Estados Unidos contém 52 folhas em papel timbrado *Munson Steamship Lines*. Eles contam uma história pessoal. Trazem descritos aspectos da cultura européia e americana. Relatam histórias de lugares e ações de sujeitos. Quanto ao modo de construção do texto e da escrita, aproximam-se de um ensaio. Anísio deixou registrado de forma mais livre e “sincera” os seus pensamentos, ideias e sentimentos.

Essa documentação está localizada no seu arquivo pessoal sob a guarda do CPDOC e é classificada como “Anotações de viagem”. Alguns autores como Nunes (2000), Mignot e Gondra (2006), Carvalho (2003), dentre outros classificam como “diário de viagem” ou “diário de bordo”.

Nesse trabalho também vamos considerar a documentação como diário por se tratar de um objeto pessoal, que segue uma datação e tem como finalidade principal situar os acontecimentos no tempo. A escrita é fragmentada e descontínua; os assuntos, necessariamente, não estão

² Os diários estão microfilmados pelo CPDOC e são disponibilizados para consulta e impressão da documentação na própria instituição.

³ Há duas edições (1ª e 2ª edição) do relatório na biblioteca da Faculdade de Educação da USP e na Faculdade de Educação da UERJ.

interligados. Apresenta rasuras e abreviações, condições de uma escrita mais informal, e tem por leitor, assim acreditamos, o seu próprio autor.

Por outro lado, o relatório produz uma compreensão, conta uma história ficcional, científica, pedagógica. É um objeto de circulação de ideias, representações, divulgação, instauração de determinado padrão de escola, de ensino, de professor e de aluno. Veicula discursos, principalmente o pedagógico, que institucionalizado e racional tem como função transmitir informações e legitimar uma verdade. É um discurso competente, pois segundo Marilena Chauí (1982) pode ser proferido, ouvido e aceito como verdadeiro e autorizado.

Esse documento foi resultado de uma pesquisa, de um trabalho de observação, por isso a escrita é mais objetiva. Foi produzido com uma intencionalidade e para ser publicizado. Anísio pretendia compartilhar experiências, valorizar, afirmar, projetar, difundir iniciativas de um modelo educativo e fortalecer o movimento escolanovista. Ele apresenta transformações educacionais e uma nova cultura escolar compartilhada mundialmente. Traz à tona – mesmo que seja do seu ponto vista – características dos espaços escolares, métodos educativos, programas escolares, formas de ser dos professores e alunos valorizados naquele momento.

Utilizando os diários e o relatório como fonte privilegiada de pesquisa, busco investigar as mudanças produzidas no pensamento e ações de Anísio durante e após suas viagens; como ele representa em sua escrita um modelo educacional considerado como ideal e quais estratégias usa para convencer seu leitor da eficácia desse modelo e, por fim, discuto que apropriações foram feitas por Anísio do modelo americano de educação no seu percurso pela educação pública.

É necessário explicitar que estou consciente das dificuldades em analisar e interpretar essas fontes. Segundo Eco (2005) um texto é um universo indefinidamente aberto, no qual o intérprete pode descobrir interligações infinitas. A linguagem é incapaz de apreender um sentido único e preexistente.

Entre os muitos desafios na análise da documentação estive o de conseguir um distanciamento, bem como o de compreender a dimensão afetiva e a crença de autenticidade que me envolvia como pesquisadora. De tempos em tempos retornava aos autores como Miceli (1994) que dizia ser a narrativa

de viagem uma construção e, neste sentido, o viajante e as suas escolhas determinam o resultado final dos seus textos.

O pesquisador deve fazer uso dessas narrativas sabendo que elas são construídas por sujeitos históricos – cuja formação, intenção, visão de mundo e objetivo podem influir decisivamente na tecitura dos seus textos. É preciso tentar romper a inevitável relação afetiva estabelecida entre o pesquisador e seu material de pesquisa. Esse rompimento passa pela objetivação desse material, pela sua construção como fonte.

Conforme Gomes (2004, p. 14) a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela “a sua verdade”. Dessa forma, torna-se necessário ao pesquisador atentar para a ótica assumida pelo registro em como seu autor a expressa. Isto é, “o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento”.

A autora nos alerta a compreender a escrita pessoal não como uma verdade a ser revelada por quem a escreveu. Não se pode correr o risco de acreditar que a fonte seja expressão de uma verdade descoberta, mas sim entendê-la como um registro por parte de seu autor, de suas impressões e pontos de vista.

Os diários de viagem por seu caráter privado estendem inúmeras armadilhas. A impressão de pegar desprevenido o autor, cuja escrita se destinava unicamente a si, o sentimento de violar uma intimidade, garantia de autenticidade, quando não de verdade, são bastante enganadores.

A análise do relatório exige certo cuidado por se tratar de um texto ideologizado; traz um discurso pedagógico, que por sua natureza é político-ideológico, ou seja, anuncia uma verdade na pretensão de estabelecê-la. É persuasivo, retórico, prescritivo, autoritário e orientador de uma prática (TEIXEIRA, 2000).

A realidade é algo pensado, imaginado por sujeitos, jamais se pensa neutro. Certamente a visão de mundo de Anísio Teixeira, o que considerava certo de acordo com seus padrões sociais, culturais, políticos e ideológicos irá refletir na sua escrita.

Foram necessárias várias leituras, reflexões e análise dos diários e do relatório para não cair na armadilha da sedução dessas fontes. Procurei caracterizar o material, construindo quadros temáticos e interpretar alguns itens considerados indispensáveis: aspectos da escrita, objetivos do autor ao produzi-los e identificação dos temas tratados.

A escolha da temática do presente trabalho se justifica na medida em que os estudos historiográficos têm voltado o seu interesse nas pesquisas sobre viagens e os escritos produzidos pelos viajantes, os quais contemplam discursos, representações e imagens da sociedade, da cultura, da educação, da religião, dos costumes, dos valores, ideias, etc. A partir de comparações aproximam e distanciam diferentes realidades, adotam posturas e assumem posições.

Entendida como uma estratégia de conhecimento objetivo e científico do mundo, a viagem adquiriu crescente importância para a elite letrada dos séculos XIX e XX. Segundo Pimentel (1998) funcionavam como um passaporte para a vida civilizada, para o ingresso definitivo no universo dos cultos e distinguiam socialmente os sujeitos.

Conhecer de perto a realidade de países considerados civilizados, a sua cultura e sua história fez parte da realidade de jovens aristocratas. Estudantes eram subsidiados por bolsas, encorajados a viajar para expandir seus conhecimentos de literatura e de artes, de história antiga e moderna, de comércio e diplomacia; expandir suas experiências com a música e o teatro; conhecer os costumes locais e se tornar familiarizados com cidades e países bastante distintos dos seus.

A valorização cultural e educativa da viagem, a ideia ilustrada de que o conhecimento cosmopolita faz parte da boa educação é bem antiga. Conforme Pimentel, Francis Bacon no seu ensaio *Of Travel*, de 1615, forneceu argumento de como uma viagem seria indispensável para os jovens que ambicionassem aprender mais, tornarem-se mais cultos e desempenhar um papel de liderança na sociedade.

De acordo com Gondra (2007, p. 65) a viagem é uma estratégia para complementar os limites impostos pelos registros escritos. Comparece como “recomendação metodológica e como complemento do esforço de se

compreender o *estrangeiro*⁴ e, de modo particular, as soluções encontradas no campo da educação”.

Segundo o autor ler e ver são ações solidárias que há muito tempo vêm sendo convertidas em método de trabalho no campo dos estudos comparados. Solidariedade tecida no conhecimento da insuficiência do gesto de leitura, praticado somente com base em relatos de outros viajantes, dados estatísticos, levantamentos, inquéritos, dentre outras formas de representação da realidade estrangeira com a qual se deseja estabelecer a comparação.

O autor observa ainda que uma viagem pode desmanchar imagens mentais de culturas estrangeiras, formadas sob as marcas de outras leituras. O contato direto faz com que todas as peças do quebra-cabeça caíam exatamente em seus lugares e as imagens distorcidas, de certo modo, endireitam.

Nos últimos anos, diz Mignot e Gondra (2007), o intercâmbio crescente entre os historiadores da educação tem permitido observar que as viagens foram realizadas por educadores do Brasil, da Espanha, de Portugal, da França, Alemanha, Suíça, Bélgica, Japão e de muitos outros países⁵. Os sujeitos se deslocaram a lugares próximos ou distantes com a mesma finalidade, aprender com o “outro”.

A viagem é um fator de distinção, pois há uma diferença entre aqueles que podem comprovar daqueles que apenas ouviram ou leram. Conhecer *in loco* experiências culturais, sociais, educacionais ou políticas de um país concede ao viajante um lugar de autoridade, sendo-lhe permitido falar, escrever e comparar o presenciado.

É dessa forma que nos séculos XIX e XX, inspetores de ensino, diretores, professores e mesmo os engenheiros, médicos e políticos envolvidos com projetos educacionais foram em busca dos “códigos da civilização”. De

⁴ Grifo do autor.

⁵ A obra “Viagens Pedagógicas” organizada por Mignot e Gondra (2007) reúne estudos sobre uma determinada estratégia: as viagens de caráter oficial ou particular realizadas por educadores com a intenção de se aproximar de políticas educacionais e práticas pedagógicas inovadoras, questão esta ainda pouco estudada na historiografia da educação brasileira. Na presente obra estão articulados textos que tratam de viagens realizadas por educadores renomados ou anônimos, tanto no século XIX quanto no século XX. Os escritos produzidos e os suportes utilizados pelos viajantes são diversificados como cartões-postais, diários, agendas, relatórios oficiais, registros autobiográficos, artigos publicados na imprensa ou em livros. São narrativas de espanto, admiração, respeito e crenças. Olhares de familiaridade e estranhamento que tentaram inspirar e legitimar mudanças na realidade educacional.

uma viagem, esses sujeitos voltavam mais sábios e experientes ampliando o seu universo cultural e intelectual.

Conhecer de perto a realidade de lugares considerados como mais “civilizados”, referências em matéria de difusão, métodos e organização do ensino, poderia significar a apropriação de experiências e instrumentos fundamentais para o enfrentamento das dificuldades que os educadores encontravam para realizar nos seus países de origem uma reforma educacional.

A preocupação reformista, o interesse dos reformadores pela educação, conforme Viñao (2007) seria uma das motivações mais frequentes de quem desde a França, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos e outros países, viajaram com o objetivo de conhecer, estudar e se informar sobre seus sistemas educativos – isso de modo exclusivo – além de outros aspectos: sociais, econômicos, políticos, etc.

A busca por modelos mais desenvolvidos de educação parecia assegurar um grau de legitimidade respeitável ao país que os implantavam, gerando condições de igualdade educacional. Foi nessa lógica que os intelectuais procurando organizar o campo educacional buscaram em países estrangeiros um modelo referencial capaz de reverter o atraso do ensino público em menor tempo possível.

De acordo com Marta Carvalho (2003) os intelectuais se auto-representando como uma elite, que deveria influir e gerir a educação para a transformação e desenvolvimento do país, acreditavam que os modelos de educação estrangeiros – em um primeiro momento o europeu e depois o norte-americano – seriam vitoriosos no Brasil. Estes, de fato, acabaram por servir de referência para organizar o campo educacional.

Para compreender o que se entende por campo, seguimos a reflexão de Bourdieu (2004 a). Segundo o autor, o campo é uma disputa onde cada agente busca concentrar consigo certos capitais – cultural, das relações sociais, econômico, de prestígio, escolar, político, financeiro, institucionalizado, simbólico, etc. Assim, de acordo com a quantidade de capitais acumulados, fica moldada a posição do sujeito, determinante para o que será feito.

Anísio Teixeira e outros intelectuais reformistas como Fernando de Azevedo, Venancio Filho, Carneiro Leão, Francisco Campos, Paschoal Lemme, dentre outros, possuíam capitais culturais acumulados e diversificados

em virtude do saber, da competência, das relações sociais, disposições e interesses semelhantes, lhes conferindo o poder e os habilitando a serem os agentes responsáveis pela organização do campo educacional brasileiro.

Esses intelectuais não eram pessoas comuns, mas sim letrados e viajados. Pertenciam à famílias aristocratas e elitizadas. Escreviam em jornais, boletins, revistas e produziam livros referentes à educação. Proclamavam manifestos, discutiam e debatiam questões educacionais. Ocupavam cargos públicos, razões essas que lhes garantiram o direito de estarem frente às decisões dos rumos do ensino público.

Eles se apropriaram da palavra e da escrita no intuito de fazer valer suas ideias e decisões referentes ao campo educacional, já que pertenciam a uma comunidade de letrados, de leitores que liam e faziam referência a um outro leitor e letrado, pois como diz Bourdieu (2004 b, p. 144-145):

A cultura letrada, erudita, define-se pela referência; ela consiste no permanente jogo de referências que dizem respeito mutuamente umas às outras; ela não é nada mais do que esse universo de referências que são indissolivelmente diferenças e reverências, distanciamentos e atenções.

Conforme Bourdieu (2004 c, p. 138) “com muita frequência, grupos diferentes podem vincular seus interesses a este ou àquele sentido possível das palavras”. Os intelectuais reformadores com o objetivo de fazer valer seus “projetos de ensino e visões sobre educação” (MORAES, 1996, p. 26) usaram a palavra, os seus conhecimentos e capitais acumulados.

Para dar visibilidade aos modelos de educação estrangeiros, os intelectuais e educadores reformistas se valeram de uma série de estratégias no intuito de disseminá-los e afirmá-los nacionalmente. As revistas de cunho pedagógico⁶ constituem um importante veículo para isso. Catani (2003, p. 188) analisando o material publicado na *Revista do Ensino* do período de 1911 a 1918 diz o seguinte:

⁶ Ver o livro *Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (1902-1918)*, da professora Denice Barbara Catani (2003). A autora analisa a história dos investimentos dos professores paulistas, enquanto profissionais, no trabalho de organização e delimitação do espaço destinado ao debate de questões relativas ao ensino, nas duas primeiras décadas do século XX. Segundo a autora, este estudo tem como suposição básica o reconhecimento de que a criação e manutenção das revistas pedagógicas manifestaram-se como uma forma específica do processo de organização do campo educacional.

Evidenciando a preocupação em apresentar as idéias e os fatos relativos ao ensino que eram vigentes em outros países, a *Revista* passa a publicar muito material traduzido e diminui consideravelmente a participação dos professores paulistas. Entre 1911 e 1918, o último período de vida da publicação, aparecem cerca de quarenta trabalhos traduzidos ou elaborados com base em fontes estrangeiras.

Outras formas para divulgar modelos pedagógicos estrangeiros foram criações de grupos, associações, clubes e escolas. A Associação Brasileira de Educação, por exemplo, fundada em 1924, segundo Mignot e Gondra (2007), promoveu congressos, conferências, palestras, seminários e cursos, editou revistas, boletins informativos e manteve correspondência com educadores de diferentes nacionalidades.

Os reformadores também deram espaço à divulgação de obras publicadas no exterior, enviaram professores ao estrangeiro e trouxeram educadores de outros países a fim de conhecer e aplicar os modernos métodos de educação nas escolas aqui do Brasil. Esses reformadores “buscavam saída para romper com o atraso no qual julgavam se encontrar o país, cujo sistema educacional estava, nesta representação, em completa desestruturação” (MIGNOT E GONDRA, 2007, p. 8).

Para se compreender o processo de afirmação da escola moderna, Mignot e Gondra (2007) observam que é necessário entender seu aparecimento e legitimação para além de fronteiras nacionais, na medida em que discursos, escritos e materiais produzidos em determinado local, foram difundidos de diferentes formas, nacionalmente e internacionalmente.

A circulação de ideias sobre os saberes educacionais seguiu as relações de poder entre espaços referidos como modelares e outros como atrasados. Alguns países eram tomados como exemplos, outros não. O que Schriewer (2001) reconhece como a constituição das sociedades de referência.

A lógica da expansão da escola moderna pelo mundo, segundo Schriewer, classificou os países ora como exemplos de modernidade a serem seguidos, ora como grupos a quem coube aprender como organizar seus sistemas de ensino a partir das lições oferecidas pelos países mais desenvolvidos, seja em termos de educação, economia, política ou cultura.

Os países vistos como modernos nas palavras Schriewer (2001, p. 17) “servem como unidades de referência, que podem ser trazidas a lume para vários argumentos políticos”. Esses países são transformados em sociedades modelares, condutoras de uma suposta internacionalidade e revestidos de um caráter eficiente.

Schriewer diz que a ideologia e difusão de sistemas educacionais modernos e modelares nasceram na Europa dos séculos XVIII e XIX e ganharam aceitação global, particularmente durante a segunda metade do século XX, em correlação óbvia com a emergência de um “transnational cultural environment” (2001, p. 09).

Em quase todo o século XX, conforme Schriewer, não é mais a Europa considerada a sociedade de referência principal, mas sim os Estados Unidos. Visto como um dos países mais poderosos na divulgação de um modelo de sociedade nacional, baseando-se nos mitos do indivíduo, da nação como coletivo de indivíduos, do progresso nacional e individual, da socialização e continuidade do “ciclo de vida” e do Estado como guardião da nação.

Assim, é possível compreender o “fascínio” de Anísio pela educação norte-americana. Ele a compara com a educação européia e brasileira, considerando-as como arcaicas e atrasadas e a americana como moderna e referencial.

Na segunda metade do século XIX, de acordo com Santos (2005), a nação norte-americana e todos os seus símbolos de juventude e purificação que incorporava exerciam forte atração sobre uma magnífica parcela de intelectuais e homens públicos ibero-americanos, que procuravam referências para a construção de nações independentes após as lutas de libertação ou para a reforma dos sistemas monárquicos – no caso do Brasil e republicanos – no caso das ex-colônias. Os Estados Unidos traziam a promessa de uma nova forma de organização político-educacional exemplar a ser seguido.

No Brasil, as influências educativas americanas oficialmente tiveram seu início nos primeiros tempos da República, no estado de São Paulo, quando então foram organizados os colégios regulares. Por motivos do fluxo emigratório e do desenvolvimento econômico do café, nos últimos anos da

Monarquia houve sensível movimento em prol da educação, tomando força e vulto no começo da República.

Se o Velho Mundo ainda exercia o fascínio como fonte de cultura, beleza e requinte, os Estados Unidos exerciam a grandeza por sua política, regime e educação democráticos, que estavam à frente de muitos países europeus.

Os intelectuais brasileiros começavam a voltar o pensamento para a nação norte-americana por ser considerada um referente, uma alternativa política e cultural, além de que este país tinha muitas aproximações com o Brasil, foi colonizado e viveu sob o regime escravista. No entanto, estava conseguindo se desenvolver tão velozmente por meio da ciência, da técnica e da educação com seus métodos modernos e eficientes.

O modelo norte-americano de desenvolvimento emerge como alternativa a vários países do mundo. No Brasil recém-republicano, lideranças políticas e intelectuais – movidas pelo desejo de erradicação do analfabetismo, das doenças, da miséria, de uma sociedade atrasada, que carregava ainda o estigma da escravidão, hierárquica, ignorante, dirigida por uma elite excludente e de mente fechada – dirigiam os seus olhos cobiçosos para a experiência positiva daquela nova sociedade.

A consolidação da posição dos Estados Unidos como nação hegemônica nas relações comerciais com o Brasil adveio com a República, posição anteriormente ocupada pela Inglaterra. A mudança no sistema de governo era fundamental para que o Brasil se integrasse ao novo contexto das Américas. Apesar de muitos intelectuais, escritores, jornalistas, políticos, administradores, professores, verem com bons olhos essa hegemonia americana, houve também resistências. Eduardo Prado se posicionou abertamente contra a influência da nação americana no Brasil⁷.

⁷ Em sua obra *A Ilusão Americana* (2002), o autor apresenta vários exemplos de como os políticos americanos não estavam bem intencionados em relação ao Brasil e às demais nações latino-americanas. Demoraram a reconhecer a independência brasileira, beneficiaram-se de conflitos regionais, multaram nações que não se submetiam aos seus propósitos, anexaram territórios de seu vizinho, o México, e em várias ocasiões demonstraram um sentimento de superioridade para com todas as nações do continente. Eduardo Prado com seu livro buscou abrir os olhos daqueles que viam os Estados Unidos como um modelo a ser perseguido. Para ele, os Estados Unidos comportavam-se como metrópole e viam as nações latino-americanas como consequente formação de um mercado consumidor. No seu livro, Eduardo Prado inicia a sua escrita mostrando a sua indignação àqueles que pretendiam impor uma confraternização entre os Estados Unidos e Brasil: “Pensemos que é tempo de reagir contra a insanidade da absoluta confraternização que se pretende impor entre o Brasil e a grande república anglo-saxônica, de que nos

Sobre essa posição de Eduardo Prado, Venâncio Filho (1946, p. 229-230) lhe fez duras críticas o considerando um saudoso monarquista que vivera das rendas do trabalho alheio e não podia compreender o desenvolvimento de um país democrático como os Estados Unidos:

O aristocrata Eduardo Prado, por certo pouco apto a compreender uma civilização democrática, êle que vivera sempre das rendas do trabalho alheio e dele distante...Seriam insuspeitas aquelas duas vozes, porque, como a dele eram também de católicos e de monarquistas. É pois, a educação, no mais amplo e completo sentido que possa conter este conceito, o traço típico, característico da civilização norte-americana. Não há exemplo, na história, em qualquer época e em qualquer país, de surto tão vultoso, como o da educação nos Estados Unidos. Fenômeno grandioso em si mesmo, pelas dimensões de seu próprio crescimento e pela criação de novos órgãos e de novas funções, desconhecidos de outros povos.

Sendo a maioria a favor, a minoria contra, o americanismo adentrou no Brasil, penetrou nos corações e mentes. Esse novo modelo como observa Warde (2000) constituiu-se em cultura, moldou formas de pensar, sentir e viver. Tornou-se parâmetro para o progresso, felicidade, bem-estar, democracia, civilização. Moldou esperanças em torno da cidade e da indústria, projetou padrões de arquitetura redimensionando os espaços e acelerou os tempos. Plantou nos corações e nas mentes a silhueta do homem novo⁸ – racional, administrador e industrial.

Assim, compreendemos a escolha do governador da Bahia Francisco Marques de Góes Calmon em enviar o diretor da instrução pública Anísio Teixeira aos Estados Unidos da América estudar o seu sistema educacional. Esse país surge como uma grande nação, apresentando um novo modelo econômico e educacional. Essa crença dos Estados Unidos como o “paraíso reencontrado” não foi somente difundido no Brasil, mas em muitos países do globo terrestre.

O Novo Continente apresentava um modelo solucionador para os problemas de toda a ordem que assolam a educação de um país, pois a crença

achamos separados, não só pela índole e pela língua como pela história e pelas tradições do nosso povo. O fato de os Estados Unidos e o Brasil se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico ao qual seria pueril atribuir uma exagerada importância” (hipertexto, p. 7).

⁸ De acordo com Popkewitz e Bloch (2000, p. 35), o termo “homem novo”, muito em voga nos EUA e na Europa, “implicava o desenvolvimento de uma disciplina interior que permitiria aos indivíduos controlar a sua existência mundana”.

nesse momento é a educação como o caminho para o desenvolvimento de um povo e de uma nação.

Assim é possível falarmos de um reacendimento na crença educacional, um *otimismo pedagógico* (NAGLE, 1976), que iniciado no período oitocentista, via como modelo de educação, especialmente os países europeus. Agora o olhar volta-se ao Novo Mundo e não ao Velho com suas crenças e tradições arcaicas. O modelo americano de educação é simbolizado como a modernidade pedagógica, onde os países deveriam se espelhar.

Para dar conta de toda essa problemática, essa dissertação está organizada em quatro capítulos. Colocá-los numa ordem tal, que fosse possível redigi-los de forma inteligível tanto para mim quanto para meu leitor, foi um dos maiores desafios.

No capítulo I – *Anísio Teixeira: um viajante brasileiro no além-mar* procuro primeiramente tratar do sujeito de minha pesquisa, traçando o seu perfil biográfico no intuito de situá-lo no presente trabalho. Em seguida a análise se volta às viagens realizadas por ele e às mudanças produzidas no seu pensamento e ações.

As viagens constituem, transformam e mudam os sujeitos, já que o deslocamento não se realiza somente externamente, ou seja, no sentido geográfico de tempo e espaço, de um lugar para outro, mas também internamente. O sujeito viaja para dentro de si, é a viagem como metáfora, transformação pessoal. O viajante se dá a conhecer, viajando e, nessa mínima odisséia (OLIVEIRA, 1995), o seu mundo não se estreita, antes se abre, não bloqueia, mas faz experimentar a vertigem das alterações temporais.

Ao percorrer caminhos e lugares diferentes, conhecer outras culturas, outras pessoas, entrar em contato com outras formas de pensamento que não o seu, Anísio se desenraiza, se desequilibra, perde, se apropria de novas ideias e assim equilibra-se novamente, ganha novos conhecimentos e se torna outro, pois de acordo com Ianni (1996), no curso de uma viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que o sujeito da partida não é nunca o mesmo que regressa.

No capítulo II – *Viajar e narrar* a análise se volta às características dos diários, as razões pelas quais foram produzidos e o enfoque central das temáticas tratadas. É possível observar na escrita de Anísio o moderno e o

tradicional presentes. Ele condena a modernidade, mostrando-se um saudosista da antiguidade e dos bons costumes.

No diário de viagem à Europa, o tema principal são as cidades. O viajante se impressiona com as suas paisagens, os seus aspectos físico, cultural, moderno, tradicional, os seus ritmos e ruídos. Admira-se pela beleza, suavidade, doçura, tranqüilidade de umas cidades e se horroriza pela decadência e precariedade ou reforma de outras. Observa suas particularidades, singularidades e diferenças. Demonstra encanto, sensibilidade e excitação por algumas, e por outras repulsões, decepções e desencantos.

No diário de viagem aos Estados Unidos, Anísio atenta para os americanos. Ao escrever sobre eles, demonstra grande admiração considerando-os de mentes modernas e vencedores pela ciência, pela educação e pelo trabalho, mas logo então muda seu posicionamento. Sente repugnância por seus modos de se comportar, falar, agir, vestir, gostos e preferências, que fogem totalmente aos seus padrões de uma cultura europeia aprendida em família e nos colégios jesuítas que estudou durante boa parte de sua vida.

No capítulo III – “*Aspectos americanos de Educação*”: *registro de uma experiência* dirijo-me para a produção do relatório, considerando os seus aspectos formais e textuais. Esta obra com 166 páginas está dividida em duas partes, a primeira traz o título *Fundamentos de Educação* e apresenta quatro capítulos. Anísio trata dos principais fundamentos do pensamento de Dewey sobre educação e democracia. A segunda parte, sob o título *Aspectos Americanos de Educação* refere-se especificamente das instituições educacionais visitadas.

Propomos-nos também a analisar as representações de escola, de professor e aluno presentes no relatório e as estratégias utilizadas por Anísio para apresentar e defender esse modelo escolar que estava atrelado aos ideais de uma nova concepção de educação. Anísio se valeu do artifício da comparação e da imagem com o propósito de comover, persuadir e convencer o seu leitor da eficácia desse modelo.

A sua narrativa opera no sentido de selecionar os modelos educacionais a imitar ou recusar, posto que pertencia, de acordo com Nóvoa (2000) a uma determinada tradição da produção histórica em educação comparada, ancorada no paradigma do Estado Nacional como matriz, no qual

os ditos países civilizados apareciam como uma espécie de espelho dos contrários, onde se refletiam imagens híbridas, complexas e ambíguas dos países considerados não civilizados e subdesenvolvidos.

Anísio compara o “outro” com o já conhecido, aquilo que faz parte de seu mundo social e cultural. É um intelectual, está numa posição privilegiada, viajou a vários países da Europa e norte-americanos, conheceu algumas instituições educacionais, o que lhe concede o poder de analisar e comparar uma realidade com outra.

Ainda neste capítulo é feita uma reflexão sobre as fotografias presentes no relatório, as quais seriam testemunho de uma educação idealizada. Para analisar o sentido destas imagens autores como Jacques Aumont (1995), Philippe Dubois (2006), Boris Kossoy (2002) e Roland Barthes (1990) nos ajudam a compreender que a fotografia tem uma materialidade, uma técnica manipuladora do real. Ela permite mostrar um realidade não existente. Anísio elegeu os monumentos, instituições e sujeitos que deveriam figurar em seu relatório de acordo com suas crenças e ideologias.

No capítulo IV – *A experiência da educação estrangeira em Anísio Teixeira* busco compreender como se deu às apropriações por Anísio do modelo americano de educação no seu percurso pela educação pública. Ele partiu a países estrangeiros com a intenção de observar, analisar, divulgar, comparar, propor e prescrever. Não apenas leu ou ouviu, mas teve o privilégio de ver o “real”. Atuando como mediador cultural (SHIRIWIER, 2001) pode ocupar cargos públicos, as cátedras universitárias, as páginas dos jornais, das revistas, todos esses espaços privilegiados para a formação de opinião e para a elaboração de projetos visando à renovação cultural e educacional do seu país.

Nas considerações finais procuro destacar os principais pontos discutidos ao longo de cada capítulo, fazendo ainda uma reflexão dos capitais intelectuais, culturais e políticos adquiridos por Anísio com a experiência de suas viagens, as quais o legitimou ainda mais como autoridade no debate educacional.

I capítulo

Anísio Teixeira: um viajante brasileiro no além-mar

<http://www.prossiga.br/anisioteixeira/index.html>

1.1– O percurso de uma vida

Antes de entrarmos na análise das viagens de Anísio e nos escritos produzidos durante as mesmas, convém tratarmos de quem foi ele, suas ações, realizações e posições ocupadas no campo político-educacional no intuito de o situarmos no presente trabalho. A vida de um sujeito não é linear e os acontecimentos que constituem o seu percurso podem ter interpretações diversas e diferenciadas.

O sujeito não é expresso por si só, mas sim todas as narrativas que o constituem. Por sua voz falam as instituições, os ensinamentos recebidos, os silenciamentos impostos, os discursos permitidos e os estimulados. Quem é Anísio Teixeira? A sua identidade se situa no entrecruzamento das histórias narradas e constituídas sobre ele.

A apresentação aqui de *quem foi* e *o que fez* Anísio, não é o real absoluto, porém uma representação desse real. Pontuo suas principais realizações e ações; evidentemente muitas coisas aconteceram entre os intercursos de sua trajetória. E ainda, um sujeito que viveu cerca de 71 anos, teríamos muito a dizer dele. No entanto, não se trata de uma biografia completa, mas de seleção. Até mesmo as biografias são incompletas, pois ao lembrarmos o passado, o reconstruímos de acordo com nossas ideias atuais sobre o que é ou não importante narrar, escrever.

A história de vida de um sujeito, segundo Bourdieu (1996) não é como um caminho, uma estrada, uma carreira, um trajeto percorrido com um começo, meio e fim, ou uma linha reta, um *cursus*, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear e unidirecional.

O autor critica a naturalização do sentido de continuidade pessoal conferido às histórias de vida, alerta que o sujeito ou o seu biógrafo, ao escrever, contar a sua vida, atuaria como ideólogo de sua própria história, relacionando fatos, acontecimentos, experiências em função de uma intenção global e estabelecendo entre eles conexões adequadas a dar-lhes coerência, gerando sentidos a partir de uma retórica ordenadora da descontinuidade do real.

Seguindo essa mesma lógica, Viñao (2000) observa que na hora de escrever, (biografias, autobiografias, relatos, recordações, etc.) a memória e

imaginação se confundem sempre, de tal forma que o resultado é uma ficção. É muito difícil ater-se exclusivamente à memória porque a imaginação sempre intervém.

A memória humana, diz Viñao, é um processo dinâmico. Está em permanente reconstrução. É criadora, transformadora, mesclada de ficção e realidade. Dessa forma, nos escritos biográficos ou autobiográficos sempre vão estar presentes recordações e ficções, sensações e imaginações, silêncios e esquecimentos, disfarces e mascaramentos.

Há uma vasta produção que trata da vida e obra de Anísio. Essa produção, primeiramente se deu por meio dos escritos biográficos. São relatos, depoimentos e testemunhos de quem esteve com Anísio no dia-a-dia e acompanhou a sua trajetória. Os seus biógrafos buscaram resgatar suas facetas diferenciadas enfocando desde o seu nascimento, adolescência, juventude, a sua educação, o seu pensamento, a sua vida pública e os seus feitos notáveis. Assim, emergem em seus textos, entre outros aspectos, a dimensão privada e o cotidiano, os sentimentos, o sofrimento, as conquistas, vitórias, derrotas, perseguições, o contexto social, cultural e político no qual vivera.

Um primeiro trabalho biográfico foi produzido quando Anísio ainda estava vivo. Ao completar 60 anos recebeu homenagens de vários amigos e admiradores por meio do livro *Anísio Teixeira: pensamento e ação* (1960) escritas por intelectuais como Fernando de Azevedo, Hermes Lima, Gilberto Freyre, Afrânio Coutinho, Delgado de Carvalho, Péricles Madureira, Gustavo Lessa, Darcy Ribeiro, Luiz Henrique Dias e Jaime de Abreu. Isso lhe permitiu conhecer em vida o julgamento de sua obra e ações. Ele é apresentado como o homem de ação, o grande administrador, o sinônimo da inteligência, o apóstolo da educação, o renovador, o pensador liberal, o estadista da educação e o modelo de virtudes humanas.

Outros trabalhos biográficos foram produzidos após a sua morte. Hermano Gouveia Neto escreveu o livro *Anísio Teixeira: educador singular* (1973). O autor reuniu dados relativos à biografia e ação educacional de Anísio, registrando também homenagens a ele prestadas na Bahia por motivo de seus setenta anos. Hermes Lima escreveu a obra *Anísio Teixeira: estadista da educação* (1978) e Luís Vianna Filho *Anísio Teixeira: a polêmica da*

educação (1990). Os autores procuraram delinear as diversas etapas da vida de Anísio e as atividades realizadas por ele.

Há importantes trabalhos que tratam da vida e obra de Anísio, porém mais intensamente à luz de sua documentação. Citamos *Anísio Teixeira: formação e primeiras realizações* (1988) de Maria Lúcia Pallares Schaeffer. A autora tinha como propósito reconstruir o processo formativo e evolutivo do pensamento de Anísio Teixeira do período de 1924 a 1935 quando ele atuou na direção do ensino público da Bahia e Rio de Janeiro.

Outro trabalho é *Anísio Teixeira: a poesia da ação* (2000) de Clarice Nunes. Mergulhando no arquivo de Anísio sob a guarda do CPDOC, a autora procurou rever a vida e a obra do educador num momento crucial de sua trajetória, buscando não propriamente elaborar uma biografia ou exposição sistemática de suas ideias, mas realizar uma leitura que, na interseção dessas duas vertentes, revelasse as circunstâncias nas quais o seu pensamento e emoções se forjaram.

Há muitos outros autores que escreveram sobre Anísio Teixeira. No entanto, os citados são considerados os principais pela historiografia da educação brasileira. Eles nos servirão de base para apresentarmos os dados biográficos de Anísio, que foi considerado um dos maiores intelectuais atuando no campo político-educacional seja como professor, escritor, diretor, gestor, administrador, secretário, consultor, reitor, etc.

Admirador, simpatizante, lutador da educação pública, alguns autores como Hermano Gouveia Neto (1977), Hermes Lima (1978), Vianna Filho (1990) afirmam que Anísio Teixeira foi educador por acaso. Porém, Nunes (2000) diz que o caminho da educação foi uma escolha consciente feita por Anísio. Sendo o acaso ou uma escolha, no seu plano inicial não estava a de seguir a carreira educacional, mas sim a de jesuíta.

A formação de Anísio Teixeira e a sua admiração pela educação jesuítica, de acordo com Viana Filho (1990), influenciaram na sua vontade de seguir a carreira sacerdotal. Iniciou seus estudos em 1916 no Instituto São Luiz fundado em 1912 por jesuítas expulsos de Portugal, reunindo padres portugueses, franceses, alemães, suíços e irlandeses. Após terminar o ciclo de estudos nesse Instituto, transfere-se com o irmão Jaime de Caetité para o Colégio Antonio Vieira em Salvador e encontra o padre Cabral, que foi de

fundamental importância para a sua formação espiritual. Participou do *Círculo Católico de Estudos* e da *Liga da Comunhão Frequente*, além disso, colaborou no *Arquivo Mariano Acadêmico*.

Durante os quatorze anos de discípulo dos jesuítas, Anísio viveu segundo Vianna Filho, a experiência dos ardentes conflitos religiosos. Participou com entusiasmo da formação intelectual e religiosa proporcionada pelos padres. Rendeu-se ao catolicismo e fez mesmo projeto de entrar para a Companhia de Jesus.

Anísio não encontrou nos seus pais apoio a seu desígnio da carreira sacerdotal. A formação católica de sua família apresentava fendas, por ela circulavam espíritas e ateus. A sua mãe, que vinha se afastando dos ideais católicos, protestou, deixando de frequentar as missas até que Anísio e sua irmã Hercília abrissem mão do desejo de seguir a vida clériga.

Na intenção de evitar que Anísio entrasse para a Companhia de Jesus, Deocleciano Pires Teixeira transfere-o para o Rio de Janeiro juntamente com seu irmão Jaime para terminar o curso de Direito iniciado em Salvador. Essa transferência suscitou segundo Vianna Filho, uma regular correspondência entre o padre Cabral e Anísio. O jesuíta ainda acreditava conquistar para a Companhia o excepcional discípulo.

Antes de partir para o Rio, Anísio escreve uma longa carta⁹ datada de 25 de março de 1920, em uma sexta-feira santa expondo aos seus pais os motivos pelos quais almejava ser jesuíta:

Entendi que não devia partir para o Rio sem vos deixar antes, em uma ou duas páginas de bloco, todas as razões por que tomei a resolução firme de entrar para a Companhia de Jesus e que, em conversa, não tive a sorte de expender muito claramente. Cristão pela graça de Deus, tive a felicidade de, desde cedo, ser educado em colégios católicos, que me souberam imprimir um grande amor à minha religião. Com os anos, à proporção que crescia dentro de mim este amor, crescia-me, também, a experiência e a justa visão das coisas. E foi indescritível a minha desolação ao perceber o menosprezo com que a maioria dos homens, considerava esta religião, única verdadeira e de onde os afastava uma educação racionalista e falsa. Ao mesmo tempo, de outro lado, observava o franco movimento de ressurgimento, já no século XIX tão pronunciado e que a formidável intervenção da guerra vinha apressar neste angustiado século XX. As

⁹ Carta publicada sob o título “Carta aos Pais”. In: ROCHA, João Augusto de Lima *et alii*. *Anísio em Movimento: a vida e as lutas de Anísio Teixeira pela escola pública e pela cultura do Brasil*. Salvador: Fundação Anísio Teixeira, 1992, p. 226.

leituras me iniciaram ainda mais na grandeza deste movimento, que é a última cruzada, cruzada branca, de paz e de luz e que virá de novo conquistar o mundo aos ensinamentos divinos de Jesus. E se foi de profunda tristeza o primeiro espetáculo, a aurora que já entrevia de um mundo novo, reabilitado perante a sua própria consciência, forte, virtuoso, fiel a Deus, cristão enfim, trouxe-me a alma um salutar entusiasmo de moço e uma irreprimível aspiração de me fazer apóstolo deste grandioso movimento de idéias que iria restaurar o mundo. De logo não pude mais compreender a vida como a luta pelas pequenas ambições materiais dos homens. Compreendia-a como a luta por este ideal superior da Verdade e do Bem. E já me via na imaginação de um novo apóstolo de Jesus, pregando suas idéias e seu amor e espalhando, em volta de mim, o conforto sagrado da religião.

O Dr. Deocleciano Pires Teixeira, médico, possuidor de grandes propriedades, um político renomado de Caetité, convicto republicano, avesso a qualquer dogma religioso, a favor da autonomia dos estados, separação da Igreja e Estado, laicidade do ensino público, liberdade religiosa e de pensamento, almejava para o filho Anísio um destino político. Não o queria na vida sacerdotal, mas sim na pública.

No ano de 1922, Anísio obtém o título de Bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas pela antiga Faculdade Nacional, hoje Faculdade de Direito da UFRJ. Em 1923 em Caetité, dedica-se à advocacia e à assistência política a seu pai, na campanha da sucessão governamental. Em 1924, chega a Salvador a fim de candidatar-se a uma vaga de promotor público, seria o início na vida política. Procurou o governador de quem esperava a nomeação.

Eleito governador da Bahia, Francisco Marques de Góes Calmon, admitiu novos talentos para compor sua administração. Convocou Hermes Lima para servir no seu gabinete, e, por sugestão do mesmo, convidou Anísio Teixeira para o cargo de inspetor-geral do ensino, sendo nomeado em 17 de abril de 1924.

A nomeação causou surpresa a Anísio e a sua família, pois para tais cargos eram geralmente escolhidos administradores experientes no setor. Incentivado por seu amigo Hermes Lima, aceitou o novo desafio realizando importante reforma educacional no estado baiano do período de 1924 a 1929.

Confessando-se despreparado para atuar na administração do ensino baiano, Hermes Lima (1978) observa que Anísio é aconselhado pelo Governador a procurar Afrânio Peixoto e Antonio Carneiro Leão, e, por

intermédio do segundo obtém conhecimento da obra *Métodos americanos de educação* de autoria de Omer Buyse. Este livro foi divulgado por Lisímaco da Costa no Congresso de Ensino em 1922.

O autor belga Omer Buyse¹⁰ (1927) procurava demonstrar por meio de sua obra o espírito que orientava a organização do sistema americano de educação. Ele utilizou o artifício da comparação para exaltar as vantagens e qualidades da educação americana, em contraposição aos vícios e desvantagens da educação europeia.

Para Schaeffer (1988) a leitura desse livro por Anísio¹¹ teria lhe abalado às convicções pedagógicas exatamente porque lhe descortinava uma sociedade surgindo vitoriosa e ameaçando a preponderância econômica do velho mundo europeu. Esse mundo novo erguido com audácia do outro lado do Atlântico, não era fruto do acaso e nem dos métodos clássicos europeus de desenvolvimento e crescimento econômico, mas um mundo inaugurando efetivamente numa nova maneira de reger seus negócios e que, pouco a pouco, estava solapando a supremacia europeia.

Nunes (2000) não concorda, como propõe Schaeffer (1988), que a leitura do livro de Buyse teve impacto sobre o pensamento educacional de Anísio. O livro se prestou a uma preparação rápida e casuística, não permitindo ainda a Anísio entrever o significado de sua experiência na gestão do ensino público bahiano. A sua administração constituiu um espaço de manobra possível, onde ele exercitou sua escolha profissional entre avanços, recuos e abandono de algumas perspectivas.

Anísio Teixeira foi um ávido leitor, crescera cercado de livros, de informações, de um ambiente intelectual intenso, de uma cultura livresca e humanística riquíssima e variada, o que supomos não somente o livro de Omer Buyse ter-lhe influenciado o pensamento, mas, sim um conjunto de obras e de

¹⁰ De acordo com Pronko (1999) Omer Buyse foi um engenheiro belga dedicado à problemática do ensino técnico-profissional que havia participado da criação da Universidade do Trabalho de Charleroi (Bélgica) em 1902, transformando-se em caloroso difusor dessa instituição. No começo da década de 1930 e por sugestão de Fidelis Reis, introdutor dessa proposta no Brasil, Buyse foi convidado pelo governo varguista a realizar estudos sobre a organização e a instalação de tal instituição no país.

¹¹ Segundo Schaeffer (1988) Anísio traduziu muitas páginas da obra de Omer Buyse do francês para o português e mandou distribuir aos professores primário em 1927. A obra objetivava iniciar os mestres baianos nos métodos ativos de educação considerados vitoriosos nos Estados Unidos da América.

autores, e ainda, o contexto político, social, cultural e familiar no qual estava inserido.

Duas importantes viagens foram realizadas por Anísio na intenção de seu aperfeiçoamento educacional. Segundo seus biógrafos, essas viagens mudaram sua maneira de pensar. Em 1927, havia sido comissionado pelo governador da Bahia para estudos de organização escolar nos Estados Unidos. Retorna ao Brasil com um convite da universidade de Columbia para um curso de aperfeiçoamento. Em 1928 passou dez meses no Teachers' College da Columbia University, graduando-se em *Master of Arts*. A filosofia educacional de John Dewey e os ensinamentos de Kilpatrick e Counts influenciaram em suas ideias posteriores sobre educação.

Anísio definitivamente optou pelo campo educacional, não queria mais seguir a carreira sacerdotal, essa sua escolha vem ser comunicada a seu pai por carta em 18 de novembro de 1927. O missivista escreveu quando retornava dos Estados Unidos a bordo de um navio:

(...) demorei-me nos Estados Unidos cerca de seis meses. Durante esse tempo estudei, visitei escolas, fiz boas relações e acredito que aprendi um pouco. A nomeação com que me surpreendeu o Dr. Calmon no princípio de seu governo, marcou a minha carreira. E hoje, por gosto e pela orientação que têm os meus estudos, pretendo não me afastar mais do campo da educação onde comecei minha vida. São essas as disposições que trago da América e quero crer que o Brasil e a Bahia, apesar de todos os aborrecimentos dos jornais e de todas as flutuações da política, me ajudarão, ou pelo menos não me impedirão esse desejo. Nenhum trabalho poderia me apaixonar, que fosse mais vasto ou mais necessário do que este. E sobretudo, irredutivelmente idealista como me parece que sou, nenhum outro me será tão querido ao coração e à inteligência.¹²

A sua opção pelo campo educacional vem ser confirmada na carta de 14 de julho de 1928, quando escreve ao seu pai comunicando a oportunidade de estudos no país que mudara suas convicções filosóficas, pois lhe foi concedido uma bolsa de estudo no Teacher's College da Universidade de Columbia, Anísio foi o primeiro brasileiro a estudar nesta instituição:

¹² Carta de Anísio a Deocleciano Pires Teixeira. In: <http://www.prossiga.br/anisioteixeira/index.html>

Quando deixei no ano passado, a Universidade de Columbia, em Nova Iorque, tive uma oferta de seus diretores, de um ano de estudos em Nova Iorque, às custas da Universidade. Dar-me-iam 1.800 dólares, ou cerca de 15 contos para minha manutenção (...) o que mais me leva à América, é o desejo de completar meus estudos. Mamãe, por certo, não há de gostar. Mas, há de se recordar que se nós não nos preparamos enquanto moços e sem responsabilidades, nunca mais teremos tempo de nos especializar em assunto nenhum. E, no caso, eu ganhei amor pelos estudos de educação e queria fazê-lo mais completos e mais extensos do que me tem sido dado até hoje realizar. Não será um preparo perdido porque ainda que eu deixe a instrução, ele sempre me servirá para o magistério e para a política¹³.

O ciclo americano de estudos, como relata Hermes Lima (1978) fez história na carreira e na filosofia de Anísio. A cena social dos Estados Unidos, sobretudo vista da universidade, campo onde ele pensou e trabalhou, reforçou-lhe a fé democrática e republicana, ampliou-lhe as perspectivas futuras da obra educacional, ofereceu-lhe a motivação de um pensamento organizador, que se arrematava por uma concepção do mundo naturalista e científica. A ambiência respirada na América do Norte, os contatos intelectuais e pessoais, a atmosfera antidogmática do ensino, as aberturas da pesquisa e da especulação filosófica, o levou a conceber e interpretar o mundo fora das quatro linhas da mística jesuítica.

Dewey e outros filósofos haviam conquistado Anísio e mudado o seu modo de pensar. Segundo Vianna Filho (1990, p. 38) “ele voltara esmagado da América”. Agora era um Anísio racional, substituiu a sua fé jesuítica pela razão. Suas convicções mudaram, não desejava mais ser jesuíta, mas sim educador, lançando-se nesse campo com todo o fervor de um apóstolo. Defendeu e lutou por uma educação pública, laica, obrigatória e gratuita e por isso foi perseguido até o fim de sua vida por quem inicialmente tinha grande admiração e respeito, o clero.

Em março de 1928, Vital Soares se faz sucessor de Francisco Marques de Góes Calmon no governo da Bahia. Anísio apresenta-lhe novas sugestões e críticas ao processo educativo, apontando possíveis melhoramentos, inclusive na formação dos professores. Tais sugestões não

¹³ Carta de Anísio a Deocleciano Teixeira. In: <http://www.prossiga.br/anisioteixeira/index.html>

sendo bem aceitas, levou-o a exonerar-se do cargo em 1929. Ciente de sua exoneração, o amigo Monteiro Lobato lhe escreve com bom humor:

Já não é mais diretor de Instrução. Curioso. Justamente quando te preparaste para ser um grande diretor de Instrução, quando ficaste em ponto de bala, fora...Vai para o teu lugar um, o que? um leigo, pois, acho que é leigo todo o homem que não conhece a América (...) Tua viagem à América foi um erro, como foi a minha¹⁴.

Após deixar a administração do ensino baiano, Anísio foi incentivado por Fernando de Azevedo a concorrer à cátedra de Pedagogia na Escola Normal do Rio de Janeiro; seria a oportunidade para emigrar. No entanto, alguns problemas familiares o levaram a desistir do concurso. Permanece na Bahia e assume a cadeira de Filosofia e História da Educação da Escola Normal da capital de 1929 a 1930. Ele também foi incumbido pelo Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública para elaborar novos horários e programas das diversas disciplinas das escolas primárias do estado.

Anísio partira em 1931 ao Rio para acompanhar o inventário de seu tio Rogociano. Nesse ínterim foi convidado para participar da comissão do então Ministério da Educação e Saúde Pública encarregada de estudos relativos à reorganização do ensino secundário no país. E também, pelo Decreto 18.890 de 18 de abril de 1931 coube-lhe a Superintendência do Serviço Geral de Inspeção do Ensino Secundário.

Dentre muitos nomes para assumir a Diretoria da Instrução Pública na capital carioca em outubro de 1931, Anísio foi escolhido. A convite do prefeito Pedro Ernesto Batista, aceita o cargo desde que fosse assegurada a autonomia na direção do serviço. Começaria um dos grandes períodos na sua vida, quatro anos de intenso trabalho educacional, lutas e perseguições.

Certamente o seu nome fora escolhido por sua experiência anterior como diretor da instrução pública na Bahia e por suas viagens de estudo. Anísio não era mais um diletante, que apenas por arranjos políticos ocuparia cargos na administração do Estado, ele já era um especialista com capitais culturais acumulados obtendo conhecimentos específicos de um campo.

¹⁴ Carta de Monteiro Lobato a Anísio Teixeira. In: VIANNA, Aurélio e FRAIZ, Priscila. (Org) *Correspondência entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986.

A função de Diretor da Instrução Pública era um dos cargos de maior projeção nos meios educacionais brasileiros, e fora exercido por ilustres educadores e intelectuais. Sampaio Dória em 1920 no estado de São Paulo, Lourenço Filho em 1922 no Ceará, José Augusto Bezerra de Menezes em 1925 no Rio Grande do Norte, Francisco Campos em 1926 em Minas Gerais, Lisímaco da Costa em 1927 no Paraná, Antonio Carneiro Leão em 1922 no Rio de Janeiro, que teve continuidade com Fernando de Azevedo em 1927 e depois com Anísio Teixeira em 1931.

A sua administração se desenvolveu durante um período conturbado da história (1931-1935), recebendo, como não poderia deixar de acontecer, todo o impacto dos acontecimentos contraditórios. Nesse período o país estava sob um clima de ditadura, pois com a vitória da chamada Revolução de 1930, Getúlio Vargas chegara ao poder, iniciando-se um período de perseguições a movimentos sociais, políticos, professores, jornalistas, intelectuais, artistas.

O momento político era instável. Em 1932 foi formada a Ação Integralista Brasileira fundada no estado de São Paulo sob a liderança do político Plínio Salgado, cujo objetivo era divulgar o nazi-facismo no país. Contou com um forte apoio do meio militar, das fileiras do Clero e da vanguarda intelectual católica, contrários às ideias de Anísio Teixeira.

Paralelamente à campanha Integralista, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) fundou em 1935 a Aliança Nacional Libertadora e teve Luiz Carlos Prestes como seu presidente de honra. A ANL era radicalmente contra a Ação Integralista, ao fascismo e ao governo de Getúlio Vargas considerado autoritário e antipopular. Ao passo que a ANL ascendia, Hélio Silva (1969) observa que aumentava a crise política no país com incansáveis conflitos entre integralistas e comunistas.

A ANL liderou a Intentona Comunista, uma espécie de rebelião eclodida em novembro de 1935. Luiz Carlos Prestes faz um discurso fervoroso ordenando a derrubada do governo e reclamando todo o poder à ANL. O Presidente Getúlio Vargas aproveita a repercussão do episódio para, com base na lei de Segurança Nacional, fechar a organização lançando forte campanha contra o que denominou de “ameaça comunista”. Tal campanha foi utilizada pelos opositores de Anísio Teixeira, associando as suas ideias e realizações à

influência comunista, principalmente, em razão dele defender e partilhar do entendimento de que cabia ao Estado a responsabilidade de garantir um modelo de educação pública, laica, gratuita e universal.

Em 1935 Anísio Teixeira demitiu-se do cargo, diante de pressões políticas que dificultaram sua permanência no mesmo numa conjuntura a qual o pensamento autoritário ganhava forças no Estado e na sociedade. Sofrendo perseguições, embarcou para Buenos Aires juntamente com sua esposa Emilinha. Retornando ao Brasil, os seus inimigos, entre os quais estavam as vanguardas do Clero, acusando-o de comunista, preconizavam a sua prisão. Atendendo aos conselhos de amigos, refugia-se no sertão baiano. Nessa ocasião Monteiro Lobato, muito amargurado com o exílio do amigo, escreve-lhe: “Lembro-me de quando te vi no Rio de Janeiro, *traque* pela polícia, escondido pelos amigos como um grande criminoso – e naquela ocasião também chorei”¹⁵.

No sertão, Anísio se ocupou de responder às cartas dos amigos e familiares. Escreveu o livro *Educação para a democracia*, síntese de seu trabalho no Distrito Federal. Lia os livros enviados pelos amigos. Traduzia obras para a Editora Nacional e realizava atividades do campo: plantar, colher, pescar, caçar, etc. Nesse ínterim, nasceram as suas duas primeiras filhas.

Por volta de 1939 ele muda-se para Salvador na intenção de gerir com os irmãos Jaime e Nelson a *Simel*, empresa de exportação de minérios e importadora de locomotivas e material ferroviário. A guerra estimulava o negócio. Apesar do alto lucro, não lhe agradava de todo esse trabalho. Em 1941, nasce o seu filho Carlos Antonio e em 1943, José Maurício.

Em junho de 1946 é criada a UNESCO. Paulo Carneiro, delegado do Brasil na nova instituição e Julian Huxley, seu Primeiro-Secretário Executivo, convidam Anísio Teixeira para colaborar no setor educacional. “A notícia chegou ao Brasil como uma bomba – de algum modo era a desforra” (VIANA FILHO, 1990, p. 103).

Para Anísio era quase inacreditável e ele escreve ao amigo Monteiro Lobato: “Depois de dez anos de enxotamento no Brasil, ver-me

¹⁵ Carta de Monteiro Lobato a Anísio. In: Carta de Monteiro Lobato a Anísio Teixeira. In: VIANNA, Aurélio e FRAIZ, Priscila. (Org) *Correspondência entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986.

suspenso pelo Huxley e feito conselheiro de uma Universidade do mundo é francamente milagre de conto da carochinha”¹⁶. Anísio exerceu por um ano e meio a função de Conselheiro para o Ensino Superior. Depois pede o seu afastamento definitivo do cargo.

De volta ao Brasil em 1947, Anísio viaja ao Amapá a fim de explorar o manganês da Serra do Navio. Nesse meio tempo recebe um telegrama de Octavio Mangabeira, que acabava de empossar-se governador na Bahia, convidando-o para Secretário da Educação. Dezoito anos decorridos desde o seu afastamento dos serviços educacionais carioca, voltava pela segunda vez a dirigir a instrução de sua terra natal, onde iniciara sua carreira de educador.

Uma de suas grandes realizações no governo Mangabeira esteve na criação do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, tornando-se além de escola integral, lugar de visitação. A UNESCO, em documentário de escolas de muitos países, escolheu o Centro como personagem central de um de seus filmes. A UNESCO tenta resgatar Anísio para seus quadros, todavia, ele não aceita.

Ernesto Simões Filho convida Anísio para Secretário Geral da CAPES. Instituída pelo decreto nº 29.471 de 11 de julho de 1951, esta instituição era um instrumento inédito de formação cultural e profissional, que até 1961 esteve ligada administrativamente ao INEP. Centrava suas atividades no aperfeiçoamento docente universitário. Proporcionava bolsas no país e no estrangeiro, em centros de pós-graduação e em projetos de levantamento, estudos, pesquisas científicas e documentação.

Anísio viria a ocupar mais um posto no Ministério da Educação na qualidade de diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Ao tomar posse em 1952, pronuncia um discurso veemente. Nas palavras de Hermes Lima (1978, p. 158):

Anísio esteve sempre acima dos cargos que ocupou. Em suas mãos esses cargos cresciam de significação, de autoridade, de capacidade realizadora. Ele possuía virtude rara em administradores a nível de

¹⁶ Carta de Anísio a Monteiro Lobato. In: Carta de Monteiro Lobato a Anísio Teixeira. In: VIANNA, Aurélio e FRAIZ, Priscila. (Org) *Correspondência entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986.

governo: sabia fazer. Era mais que um técnico, mais que um administrador. Era um homem de governo, dotado da visão política dos problemas do Estado de que a educação constituía uma das chaves.

Como diretor do INEP ofereceu vários cursos para professores e especialistas do Brasil e da América Latina, aperfeiçoamento de pesquisadores e criou no Rio de Janeiro o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) com o objetivo de coordenar estudos sociológicos, antropológicos, estatísticos e históricos sobre a realidade educacional brasileira.

Além de suas responsabilidades na direção do INEP, ele assume em 1957 o trabalho de docência na Faculdade Nacional de Filosofia como professor contratado para ministrar aulas na cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada.

O trabalho desenvolvido por ele frente à educação não agradou o clero, que desejava manter o monopólio do ensino religioso. Dessa forma, em 29 de março de 1958 o Arcebispo D. Vicente Scherer de Porto Alegre juntamente com os Bispos da Província Eclesiástica do Rio Grande do Sul erguem campanha para o afastamento de Anísio da direção da CAPES e do INEP e de sua posterior prisão. Eles o acusavam de estar destruindo a família e preparando a revolução socialista, assim Anísio é demitido.

De acordo com Vianna Filho (1990) inicia-se no país um movimento intenso em protesto à demissão de Anísio. Foram realizados manifestos, abaixo-assinados e moções de repúdio de professores, Conselhos Universitários, Congregações, estabelecimentos de ensino, Câmara de Vereadores, Assembléias Legislativas, Associações (ABE, de escritores, bibliotecários, a UNE), artistas, intelectuais, reitores, diretores, inclusive de alguns padres e bispos a favor de Anísio. Assim, D. Helder Câmara concordou que não seria boa política e inútil a demissão de Anísio e ele volta a seu cargo.

Durante o governo de João Goulart, em 1962, Anísio foi nomeado membro do Conselho Federal de Educação, sendo relator do Plano Nacional de Educação elaborado pelo CFE/62. No ano seguinte tornou-se presidente da Comissão Nacional do Ensino Primário.

Em Brasília encerrar-se-á a sua atividade oficial administrativa. Anísio elaborou na capital o planejamento do sistema escolar. O modelo

seguido foi o do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, de Salvador, cuja escola primária era destinada a funcionar como casa, integração social e escola de aprendizagem propriamente dita.

Anísio também assumiu em caráter interino, como observa Gouveia Neto (1973), a Reitoria da Universidade de Brasília (UnB) a pedido de seu Reitor Darcy Ribeiro, que fora convocado para a Chefia da Casa Civil da Presidência. A criação da Unb foi um projeto de Anísio, que entregou a sua condução a Darcy Ribeiro tendo o apoio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, reunindo a comunidade científica do País.

A criação desta universidade teve muitas resistências e disputas políticas e ideológicas. Dom Helder Câmara a pretendia sob a condução dos jesuítas. Vencidas as resistências, Anísio e Darcy viram o sonho se concretizar. A lei que criava a Universidade foi sancionada pelo presidente João Goulart, em 1961.

Em 1963, em viagem aos Estados Unidos, onde tratou de interesses da UnB diretamente com o *Assistant Secretary of State* para assuntos culturais Anísio foi surpreendido com uma homenagem. Recebera em Nova York do professor Solon Kimball do *Teacher's College* da Universidade de Columbia uma medalha de honra em solenidade do encerramento do ano letivo, cujos dizeres eram:

Mestre para seus alunos, seus colegas e seu país – cujo saber ilumina a educação em todas as Américas – líder nas escolas e universidades do Brasil, seu exemplo inspira os educadores pelo mundo inteiro, homem que ama tanto o saber que devota a vida ao progresso do ensino e à melhoria das escolas. Para honrar seus notáveis serviços à causa da educação internacional, para assinalar quanto nos orgulhamos do antigo aluno que se distinguiu e para lhe expressar a elevada estima que lhe dedicamos, Teacher's College lhe confere a medalha por serviços relevantes¹⁷.

Instaurado o Golpe de 64, Anísio é demitido de seus cargos, acusado por furtar dinheiro dos cofres públicos. Não houve provas concretas, e assim não foi preso. Chegaram-lhe dois convites, um da Universidade de Columbia para, na qualidade de *visiting scholar* e *Consultant* do Teacher's

¹⁷ Hermes Lima, 1978, p. 191.

College, ministrar um curso; outro, no mesmo sentido, da Universidade da Califórnia.

Anísio foi aconselhado pelo diretor da Faculdade de Filosofia da UnB a aceitar os convites. Segundo Hermes Lima esses convites exprimiam uma solidariedade moral e tinham o objetivo de poupar a sua vida. Houve resistências à viagem, mas o presidente Castelo Branco, assegurado que Anísio não estava fugindo, autorizou o passaporte. Em 04 de dezembro de 1964, ele escreve a Paulo Carneiro:

Querido Paulo: aqui estamos – Emilinha e eu – desde setembro, num semi-exílio, semivoluntário, semicompulsório, o que corresponde à semiconfusão brasileira. Não desejava deixar o País, mas fui aconselhado a fazê-lo pelo meu diretor da Faculdade de Filosofia, em contato com a cúpula militar e com isto resolvi aceitar os convites da Columbia e da Califórnia, devendo passar aqui esse semestre e o próximo em Los Angeles – UCLA¹⁸.

Exilado, Anísio se deparava com uma nova América. Chegara a guerra. Esse fantasma perturbava-o e dele não se libertava. A América que ele amara e admirara na juventude já não era a mesma. Em breve ele externaria a sua decepção:

Haverá realmente algo mais terrível nesta longa transição em que vivemos do que a guerra? Não é de enlouquecer ver-se a nação nascida apenas ontem, nos fins do século XVIII, num berço de esperanças, de fraternidade universal, e hoje a mais rica e poderosa nação do mundo, ensandecida na aventura inacreditável de policiar, dominar e parar o planeta ou então fazê-lo implodir?¹⁹.

Era o ano de 1965, Anísio ainda estava no exílio na América do Norte, o que lhe confortava eram as correspondências que mantinha com amigos e familiares. Chega-lhe um convite causando grata surpresa. Octales Marcondes o convida para trabalhar no Rio de Janeiro na Editora Nacional.

Retornou ao Brasil no final de 1966 e continuou a dedicar-se à educação. Integrou o Conselho Federal de Educação e tornou-se consultor para

¹⁸ Carta de Anísio a Paulo Carneiro. In: <http://www.prossiga.br/anisioteixeira/index.html>

¹⁹ Depoimento de Anísio Teixeira. In: Viana Filho, 1990, p. 179.

assuntos educacionais da Fundação Getúlio Vargas de 1966 a 1971. No ano 1969 publicou seus dois últimos trabalhos: *Educação e o mundo moderno e Educação no Brasil*. A Universidade do Rio de Janeiro lhe conferiu em 1970 a última homenagem em vida, agraciando-o com o título de professor emérito.

Juntamente com as atividades de administrador, gestor, diretor, professor, pesquisador, Anísio exerceu a de escritor. Além dos artigos publicados em revistas, boletins, jornais, ele produziu livros, todos referentes à educação, dentre os quais estão *Educação progressiva: uma introdução à filosofia da educação* (1934), *Em marcha para a democracia* (1934), *Relatório da educação na Bahia* (1950), *Educação para a democracia* (1953), *A educação e a crise brasileira* (1956), *Educação não é privilégio* (1957).

Segundo Nunes (2000) muitos intelectuais como Antonio Carneiro Leão, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e Anísio Teixeira tiveram boa parte de suas obras traduzidas em diferentes línguas e a sua ampla produção extrapola, em boa medida, o âmbito pedagógico. Anísio destaca-se pela fidelidade à temática educacional: fundamentos, organização, ensino secundário e superior, relato de experiências e, sobretudo, política educacional.

Por sua intensa produção bibliográfica e luta constante às causas da educação, alguns intelectuais (Hermes Lima, Afrânio Peixoto, José Honório, dentre outros) convenceram Anísio a candidatar-se à vaga de Clementino Fraga na Academia Brasileira de Letras. Anísio não ocuparia a vaga, pois uma tragédia viria acontecer.

No dia 19 de março de 1971 saindo da Fundação Getúlio Vargas, seguiu para uma visita de praxe ao acadêmico Aurélio Buarque de Holanda, cujo apartamento era próximo. No caminho ele desaparecera. Seguiu-se a preocupação, o medo, um mundo de cogitações. Não se pensara, porém, na hipótese verdadeira – Anísio morrera caído no poço do elevador do edifício para o qual se dirigira.

Ninguém vira nada. Era a tragédia sem testemunhas, e sobre ela pairavam todas as conjecturas e todas as interrogações (VIANA FILHO, 1990). Em julho de 1973, o Ministério da Educação e Cultura, por intermédio do ministro Jarbas Gonçalves Passarinho, conferiu-lhe *post-mortem* a Comenda da Ordem do Mérito Educativo no grau de Grande Oficial.

1.2 – Europa e Estados Unidos como destino: recriando identidades

Nesse item iremos analisar as mudanças produzidas no pensamento e ações de Anísio ao entrar em contato com outra realidade, história e cultura de países estrangeiros. Apesar de elegermos as viagens à Europa em 1925 e aos Estados Unidos em 1927 para objeto de análise, ele empreendeu muitas outras. Percorreu países da América do Norte, América do Sul e Europa por razões e propósitos diferenciados.

Aos Estados Unidos o seu deslocamento aconteceu por motivos de estudo, trabalho, descanso e exílio. Em 1928 Anísio parte a Nova York para um curso de especialização em educação oferecido pela Universidade de Columbia. Atendendo ao convite do secretário-geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), viajou novamente em 1958 aos EUA para integrar uma comissão de peritos em assuntos educacionais. No ano de 1962 viaja com sua esposa Emilinha a Nova York na intenção de espairecer a mente e o coração. O filho caçula José Maurício havia morrido em acidente de carro. Na qualidade de Vice-Reitor segue em 1963 a Washington, no intuito de tratar dos interesses culturais e educacionais da UnB. Em 1963 ministrou durante quatro meses, como professor convidado, conferências na Universidade de Colúmbia. Com a instalação do governo militar em 1964 é afastado de suas funções sendo aposentado compulsoriamente e obrigado a exilar-se. Embarca aos Estados Unidos atendendo convites das Universidades de Colúmbia (1964), Nova Iorque (1965) e da Califórnia (1966) para lecionar como professor visitante.

À América Latina as viagens se deram em virtude de refúgio, visitação e participação em congresso. Em 1935, obrigado a exonerar-se de seu cargo de Diretor da Instrução carioca, Anísio segue a Bueno Aires e refugia-se de perseguição política. Em exílio, viaja ao México em 1964 no intuito de participar da reunião do CHEAR – Council on Higher Education in the American Republics. Em 1965 parte a Santiago do Chile para visitar a Filha Baby Teixeira, também exilada juntamente com marido. Nascera a primeira neta de Anísio, “seria a flor do exílio” (VIANNA FILHO, p. 181).

À Europa Anísio viajou a trabalho, participação em eventos, lazer e passeio. Convidado por Julian Huxley, segue a Londres em 1946 para presidir o cargo de Conselheiro de Educação da UNESCO. Em 1959 viaja a Paris a fim de organizar a construção e funcionamento da “Casa do Brasil” na cidade Universitária de Paris. Em 1960 proferiu e participou da Conferência “O Progresso da Ciência nos Novos Estados em Israel”. Também nesse ano, participou da Comissão de Peritos para Estudo Internacional de Admissão à Universidade, em Beirute, Líbano. Pisa o velho chão da Grécia em 1961 e visita o Partenon, a Acrópole e as ruínas de uma antiga civilização.

De todas essas viagens, as de 1927 e 1928 aos Estados Unidos da América foram as mais comentadas na historiografia da educação brasileira. Os autores que a elas se referem geralmente as associam à mudança operada no pensamento de Anísio. Observam que a América com sua cultura, política, filosofia e sistemas educacionais, contribuíram para o que ele veio a ser e a construir no campo da educação posteriormente. Essas viagens mostraram um mundo novo, até então desconhecido para Anísio. Ele presenciara na sociedade e cultura norte-americana o impacto revolucionário da ciência e da técnica aliadas às ideias democráticas de educação de inspiração deweyana.

Se essas viagens foram consagradas como as principais para a mudança no pensamento de Anísio, não deixamos de considerar importante também a viagem à Europa em 1925, pois foi o primeiro contato dele com outra cultura, outros povos, outras experiências e maneiras de pensar e também o momento que ele começa a redefinir seus conceitos e preceitos religiosos, políticos, filosóficos e educacionais.

Como um peregrino Anísio se desloca aos países de ideário católico. Num primeiro momento, é possível dizer que a intenção maior da sua viagem pela primeira vez ao Velho Continente é de propósito religioso. Ele parte em companhia de um bispo. Na Espanha visita o santuário de Santo Inácio de Loyola para meditar. Em Roma hospeda-se no Colégio Pio-Americano, o único leigo numa instituição destinada desde 1958 aos padres latino-americanos, e foi recebido em audiência pessoal sendo abençoado por Pio X.

No entanto, o viajante parece se ofuscar. Não há o abandono ideal peregrino, o tom doloroso da peregrinação torna-se prazeroso. Em várias

ocasiões se distancia da imagem de um católico que busca renunciar aos prazeres mundanos para santificar-se. Ele escreve sobre as belas mulheres de Vigo. A referência a esse assunto não cabe nos padrões peregrinos mais ortodoxos:

Mas, de Vigo a impressão realmente foste saudavel e não é de admirar desde que estávamos em terra de Espanha, foi a das suas mulheres. Lindas mulheres de Vigo, tão cheias de saude, de riso e de cores, que sois effectivamente as flores de Espanha, os adornos dessa terra linda que Deus vos deu! Tudo era característico e amável para os olhos. O asseio dos seus trajes vistosos, a insolencia de sua elegancia, o calor dos seus olhos e do seu sangue, o vigor do seu trabalho, tudo constituia para a vista de estrangeiros avidos de impressões, um encanto salubre e rico. Lindas pecadoras, ruidosas lavadeiras de Vigo eu passei por vós apenas a febre de um olhar inquieto e apressado de viajante, mas como vos sou reconhecido pela saudavel impressão espiritual que me fostes, no aereo contentamento de vossos risos altos e no brilho colorido de vossa sadia beleza de hespanholas²⁰.

No cristianismo a ideia original de peregrinação é tradicionalmente concebida como jornada penitencial no qual o fiel busca reproduzir o caminho do filho de Deus na terra. Assim, os crentes se inspiram no trajeto de Jesus, que feito homem e humilhando-se, foi desprezado encontrando morte trágica antes de ser glorificado no Reino dos Céus. “Na discursiva cristã, aqui muito influenciada por Agostinho de Hipona, peregrinar seria ascender (arduamente) ao paraíso” (COSTA, 2005, p. 6). .

O termo peregrinação aos poucos foi se distorcendo do seu sentido original, passando a ser motivo para tão somente conhecer e apreciar a cidade universal do catolicismo. Viajar a Roma no Ano Santo era uma das razões para se deslocar à Europa. A viagem peregrina tinha virado moda, perdia o seu sentido primevo. Muitos membros da elite, principalmente os homens, realizaram este percurso²¹.

Anísio, nesse momento, apresenta a imagem de um católico mais moderado. Suas ações demonstram que a ideia de peregrinar não é apenas

²⁰ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem à Europa*. Lisboa, 1925, 56 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC. Foi mantida a escrita original nas citações.

²¹ Um exemplo é Alceu Amoroso Lima que no final de 1949, acompanhando a esposa e as duas filhas, parte rumo à Europa. Amoroso Lima tencionava visitar Roma, em virtude do Ano Santo a ser celebrado em 1950; rever Paris e, de modo especial, a *Sorbonne*, onde ensinara Tomas de Aquino, e conhecer a terra dos ancestrais, Portugal.

sacrifício, via dolorosa, mas também prazer e alegria. Assim ele vai redefinindo sua eclesiologia, já não é o crente de antes, almejando uma estrita vida clériga, longe dos atos e atividades “mundanas” e prazerosas.

Apesar de observarmos uma mudança de um novo cristão, ele estava ainda bastante ligado ao catolicismo, religião que amava e admirava por excelência, e procurava nas suas viagens renovar a sua fé de antes. Com exceção de seu pai Deocleciano Pires Teixeira, convicto republicano e distante de qualquer convicção religiosa, a sua família eram de católicos.

A sua irmã Hercília chegou a entrar para o convento e só saiu de lá não por vontade própria, mas, por motivos de doença foi obrigada pelos dirigentes da instituição a renunciar o desejo de ser freira. Além disso, Anísio estudara quase toda a sua vida em colégio católico, ainda estava latente a concepção filosófica cristã de sua formação. Segundo Hermes Lima (1978, p. 62), “Anísio educara-se como militante da fé na ambivalência evangelizante da Companhia de Jesus. Idéias, noções, conceitos alicerçavam a crença religiosa sublimada pela devoção à maior glória de Deus”.

A viagem à Europa renovou e aumentou o estoque de conhecimento de Anísio Teixeira e o seu capital simbólico. Ele teve a oportunidade de entrar em contato com pessoas, cultura e idéias diferentes, ampliando e enriquecendo o seu universo cultural. Nesse contexto, a viagem é entendida como bem cultural, da mesma forma que Bourdieu (2004 d) entende a frequência ao teatro, ao concerto, aos museus, cinema, etc.

Em seu percurso pelo Velho Mundo Anísio obteve um ganho em erudição, em conhecimento, em formação geral. No entanto, o mesmo não aconteceu com a sua fé. Anísio mergulha no seu mundo interior e se dispõe a escrever as suas incertezas. Ao que parece, ele pretendia renovar a sua vida espiritual na sua viagem peregrina. No entanto, tem muitas dúvidas se isso aconteceu:

Relia hoje velhas cousas que havia escripto na minha viagem para a Europa. Até que ponto os meus desejos e minhas previsões se realizaram? De modo geral devo dizer que o aprendizado foi muito curto e que é muito cedo para tirar conclusões. Sob o lado technico ganhei evidentemente alguns conhecimentos novos. Sob o lado de formação geral, aumentei, é innegavel, o meu cabedal de cultura. Mas, a minha

resposta sobre a influencia dessa viagem na qualidade do meu espirito, será tão positiva? Se posso dizer que ganhei mais facilidade diante da vida, não deverei também dizer que ganhei mais banalidade diante da existência? E a minha fé, a minha compreensão methaphysica da vida não está também cada vez mais afastada de mim, como um objecto de que eu conservo culto mas de que já não uso?²²

Num primeiro instante Anísio tinha dúvidas, agora ele parece ter certeza que a sua viagem “não foi talvez outra cousa sinão uma dissipação do espírito e da intelligencia. O espirito dissipou-se na sua fé. A intelligencia diluiu ainda mais a sua cultura”²³.

Se o viajante esteve diretamente com pessoas e situações ligadas a fé católica, o que poderia renovar os seus preceitos religiosos contribuiu mesmo foi para reformular suas crenças. Tarefa delicada, essa reformulação vai se definir e completar nos Estados Unidos da América. Ele apresenta uma imagem de um fiel se abrindo para o novo, disposto a conhecer e considerar formas novas de viver a sua fé.

Portanto, Anísio não se tornou o crente que fora na juventude em sua viagem aos países de ideário católico. Ele buscará esse propósito nos Estados Unidos. Escreve no seu diário sobre a necessidade de renovar a sua crença católica e acreditava que a América, o país voluntário por excelência e fortemente cristão, seria a fonte para uma renovação espiritual:

Oh! Essa nobresa do corpo, que só o catholicismo dá ainda a percebo e a estimo. O que preciso é de uma cura de vontade, cura de energia – e onde poderei ter mais intensa, mais efficax, mais penetradora do que na America, o paiz voluntario por excellencia? Se effectivamente, a vida como enriquecer o meu sentido de tolerancia e acepticismo, tem, do mesmo passo, enfraquecido o sentido da lucta e da rennuncia – que outro paiz melhor do que a America poderia renovar-me as fontes de acção, de energia e de apostolado e afastar – para sempre esse terrivel – não vale a pena – que é a tentação indefectível de uma intelligencia culta? Sob nenhum ponto de vista levo mais contentes e mais seguras esperanças. A america vai ser para mim, uma cura de vontade²⁴.

²² TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem à Europa*. Lisboa, 1925, 56 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC. Grifo do autor.

²³ Idem.

²⁴ Idem.

O viajante se enganara. A América não renovou o seu antigo ardor pelo catolicismo. Pelo contrário, a sua fé enfraquecera-se mais ainda. Essa viagem de quatro meses nos Estados Unidos, comissionado para estudos de organização escolar, mudou de acordo com Vianna Filho (1990) o pensamento de Anísio Teixeira. John Dewey, Kilpatrick e Counts – mais o exemplo concreto da experiência americana – transformaram a sua fé religiosa, tradicional, em fé nas possibilidades do homem, na melhoria da vida terrena, por meios dos métodos da educação, inspirados na filosofia e na ciência.

De acordo com Hermes Lima (1978, p. 60) Anísio chegou católico aos Estados Unidos e de lá regressou liberto de qualquer crença revelada. “A crise religiosa conheceu ali o seu epílogo”. Luís Viana Filho (1990, p. 31) também parece concordar com essa visão de Hermes Lima, pois segundo ele a América mudara a forma de pensar de Anísio, ele “conheceu o mundo que lhe mudou as convicções. Libertava-se graças às leituras de Dewey, filósofo que na América revolucionava a educação”.

Conforme Fernando de Azevedo (1960, p. 31), ultrapassada a crise religiosa que sofreu na mocidade, Anísio orientou-se em outra direção, com a primeira experiência educacional na Bahia e seus estudos, entre 1928 e 1929, nos Estados Unidos. Foi um e voltou outro. Partiu crente e voltou agnóstico. “A educação, a formação do homem, passou a ser a sua religião, como se sente no ardor quase religioso com que se consagrou ao apostolado leigo”.

Anísio se desliga do modelo de católico mais tradicional que outrora abraçara com tanto empenho para adotar um novo registro eclesiológico, mais progressista. Ele permanece no rebanho católico, mudando, todavia, sua forma de conceber a fé. Definitivamente abre mão do desejo de ser jesuíta, adentrando um novo rumo.

Essas viagens também tiveram um impacto no seu pensamento político. Num primeiro momento Anísio se mostra a favor e saudosista do regime monárquico. É possível percebermos essa questão quando ele narra minuciosamente em seu diário de viagem à Europa a visita que realizara ao Conde de Mafra, deixando registrada sua admiração por essa emblemática figura do antigo regime. Antes de partir definitivamente ao Brasil, visita o seu palacete localizado em Lisboa:

O Conde de Mafra é uma figura de simplicidade e distinção incomparáveis. Homem de intelligencia e de coração a sua vida é hoje um culto ininterrompido às velhas e boas cousas portuguesas banidas pela república. O seu palacete povoado de recordações de todos os reis da Europa e especialmente dessa corte portuguesa de que elle foi um dos grandes servidores é bem o quadro dessa sua vida. A saudade impregna tudo, mas nada entristece. O seu piedoso culto por tudo que a sua intelligencia verdadeiramente aprecia e o seu coração verdadeiramente estima não entristece a sua vida, nem a faz sossobrar em uma inatividade reprovavel. Alegre, jovial elle vive corajosamente a sua dor, que aflora aqui e alli, na conversa, no olhar, no gesto, mas logo apagadas por um sorriso, por um disfarce amavel com que accentua o digno e sobranceiro pudor de sua alma. A nossa prosa ia e vinha livremente como um animal livre em um campo. Affinidades de pensamento, recordações que illustravam a nossa commum amizade a outro portuguez de qualidades o Padre Luis Cabral – davam a nossa primeira palestra o encanto de um velho encontro de amigos. Apenas a minha inclassificável delicadeza multiplicava grosseiramente agradecimentos sem sentidos²⁵.

Anísio registra a visita realizada ao Colégio de Campolide (antigo colégio dos jesuítas) junto com o Conde de Maffra. Ele descreve o trajeto, os seus sentimentos, emoções e tristezas por esse monumento que nunca mais voltaria a ser o mesmo. Chovia muito quando partiram. Desceram do bonde na rua Campolide, caminhavam apressados e silenciosos como se acompanhassem uma cerimônia fúnebre. Depois defronte do colégio, as suas contemplações tinham qualquer coisa de piedoso e as lágrimas escorriam de seus olhos.

O Conde de Mafra, segundo Anísio, desde a revolução não havia desejado voltar a esse local, pois era grande seu amor e saudosismo pelo colégio que lhe valera o título de antigo aluno honorário²⁶. Anísio prossegue na sua narração. “Na tristeza daquela manhã, o colégio de Campolide com os seus soldados em armas nas portas dava a idéia de um local privado vitimado por uma ocupação militar recente”²⁷.

²⁵ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem à Europa*. Lisboa, 1925, 56 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

²⁶ Essas questões tratadas por Anísio nos revelam fragmentos de um tempo histórico vivido: a queda da Monarquia e a ascensão da República. Isso não aconteceu somente no Brasil e em Portugal, mas sim em grande parte de países europeus influenciados por movimentos, acontecimentos, estudos e teorias que se impunham, como por exemplo, o positivismo de Comte, o evolucionismo de Spencer, o socialismo de Fourier e Proudhon, os Estados Unidos da América tornou-se um país republicano desde o ano de 1787, a Revolução Francesa de 1789, dentre outros fatores.

²⁷ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem à Europa*. Lisboa, 1925, 56 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

Porque era ainda o collegio que estava diante de nós. Com o seu observatorio na torre, com a sua egreja, com o pedestal desarvorado de onde a virgem presidia e abençoava o santo labor dessa casa. Apenas as frases accentuavam indolentes que a occupação continuava²⁸.

A República Portuguesa, de acordo com Anísio, exige como condição para receber os seus ordenados, a todos os professores universitários uma profissão de fé republicana. Mas o Conde de Mafra:

Há quatro anos não recebe um centavo porque se recusa fazê-la. Pertencente a uma dinastia de servidores do rei jamais poderia fazer profissão de fé republicana. Ah! o regime que permite que um homem repita, com orgulho, que pertence a uma dynastia de servidores, é um grande regime²⁹.

Se no diário de viagem à Europa, Anísio se mostrava um saudosista do regime monárquico, agora, no diário de viagem à América do Norte notaremos uma mudança de postura. Segundo ele “afastada a possibilidade do regime forte e harmonioso que seria a monarchia – só nos resta aperfeiçoar a nossa republica”³⁰. Ele se revelará a favor de um regime livre e descentralizado:

Em política – A minha crença politica definitivamente se inclinou para os regimes descentralisados, facilitadores do florescimento das energias individuaes e das iniciativas pessoas e que garantam uma exacta classificação social. Regime livre e justo. Livre, no sentido de não choibir, de nenhuma sorte, o desenvolvimento do individuo e da família; justo, no sentido de criar uma athmosphera onde os quadros sociaes se instalem com sentido do merecimento e do valor justo, no sentido de permitir as aristocracias³¹.

Apesar de ser a favor de um regime livre, Anísio não deixará de apoiar a aristocracia, pois nesse momento ele pertencia a uma família aristocrata e tradicional do sertão baiano – os Spínolas e os Teixeiras, possuidoras de grandes propriedades, certamente, será a favor da aristocracia,

²⁸ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem à Europa*. Lisboa, 1925, 56 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC. Grifo do autor.

²⁹ Idem.

³⁰ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan American, 1927, 50 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

³¹ Idem. Grifos do autor.

meio em que nascera e fora criado. Ele será totalmente contra esse regime quando volta dos Estados Unidos.

Em democracia, conforme o viajante, no Brasil ela tem sido uma inversão de valores. As qualidades inferiores são exaltadas e os medíocres triunfam. A América, pelo contrário, permite uma democracia descentralizada, com o estado reduzido ao mínimo, o que permite desenvolver um ambiente cultural, intelectual, moral, cívico e aristocrático. Anísio demonstra a sua admiração pelo regime democrático norte-americano, compara-o ao brasileiro, exalta o primeiro e condena o segundo.

A nossa democracia tem sido o regime das inversões de valores. Estamos longe de uma fixação honesta dos valores brasileiros. Pelo contrario o triumpho se está dando pelo melhor estado das qualidades inferiores que permitem os triumphos culpados de que somos testemunhas. A America vae mostrar-me uma democracia descentralisada, com o estado redusido ao minimo e em que um ambiente de cultura intelectual, moral e cívica permitem a formação de uma aristocracia. Como disse um escriptor celebre – a democracia americana encerra uma possibilidade de egualdade; as outras democracias tem procurado obter uma realidade de egualdade. Tanta é justa a primeira, quanto iníqua e revolucionaria a segunda. E’ essa realidade de egualdade niveladora que cria nas democracias latinas dos melhores, para que se permita o triumpho dos medíocres³².

No Brasil e na Europa o poder de uma classe dominante impedia a democracia e reeditava velhos princípios. Esses problemas, segundo Anísio, não teriam chances de existir na América, que valorizava a democracia, a liberdade e igualdade de direitos.

Os seus conceitos sobre educação também serão reformulados. Quando partiu ao Velho Mundo, o seu pensamento pedagógico refletia ainda a marca do aristocratismo haurido da sua formação intelectual jesuítica para o qual buscava, no sistema francês típico do dualismo classista, o ensino primário independente e isolado do secundário.

³² TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan American, 1927, 50 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC. Grifos do autor.

Na Europa Anísio visita algumas instituições educativas francesas e belgas³³. Como Diretor Geral da Instrução Pública da Bahia e um viajante ávido por aprender, renovar seu conhecimento no campo que atuava, procura conhecer a educação estrangeira. Descreve a visita e trata dos programas, currículos, disciplinas, método e organização das escolas, porém, sem muito entusiasmo e surpresa:

Fui depois a escola normal maternal – école normal e gardienne – do estado para continuar a minha visita do dia anterior. Continuou a minha visita ser exatamente em dia de horário pouco interessante. A separação da escola normal para jardim de infancia é absolutamente recente na Bélgica. Mas essa emancipação está em vias de se tornar cada vez mais completa e mais nítida. Por enquanto a escola normal gardienne é um ensaio com muitas insufficiencias. O pessoal é commum, o material do ensino commum, apenas os programas differem, mais não bastante para permittirem a especialização necessária³⁴.

Não havia nesse momento, uma preocupação por parte de Anísio entre a prática pedagógica observada e a existência de uma concepção nova de modelo educacional que estava a se impor. Isso acontecerá somente por ocasião de sua visita aos sistemas educacionais norte-americanos em 1927. Até porque, ele partiu à Europa como um peregrino e não com a intenção maior de estudar instituições educativas. Suas visitas foram muito rápidas e localizadas.

É possível observar uma ambigüidade ou oscilação no pensamento educacional de Anísio quando em viagem aos Estados Unidos. Ele escreve no seu diário produzido a bordo, que considerava “um absurdo as famílias pobres não poderem no Brasil, oferecer uma educação católica aos seus filhos. E isto é uma questão séria e incontestável”³⁵. No entanto, não vai deixar de defender uma educação laica, republicana, e espera firmemente conhecê-la na prática no país considerado o modelo “ideal” de República. Segundo ele, “os moldes do

³³ No arquivo pessoal de Anísio encontram-se algumas cartas de recomendações que o autorizava a realizar as visitas. Por meio dos seus timbres é possível compreendermos quais tipos de escolas foram visitadas: “Prefecture de la Seine. Directeur de L’Enseignement Primaire”; “École Municipale dès Arts Appliqués a L’industrie” e “Gabinete du Ministre de L’Instruction Publique et dès Beaux Arts”.

³⁴ Anotações sobre escolas francesas visitadas. Arquivo Anísio Teixeira, CPDOC, AT: pi 1924/270000

³⁵ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan American, 1927, 50 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

seu pensamento sobre educação se moldaram na Europa. No entanto, hoje se aproximam vivamente dos americanos”³⁶.

Anísio e outros intelectuais, como Venancio Filho, acreditavam que a educação americana se apresentava como uma experiência inédita, surgida em contraposição ao velho continente europeu, em que os fins da educação tiveram sempre alvos marcados e rígidos.

A educação americana, de acordo com Venancio Filho (1946), ao invés de ser tradicional, empírica e autocrática como era a europeia, pelas origens de sua formação histórica tornou-se experimental e democrática, não se estabelecendo diferenças entre uma cultura e educação para o povo e outra para a elite, havendo apenas diferença de intensidade ou extensão, além de que, apresentava-se cientificamente planejada.

Os quatro meses nos Estados Unidos mudou a maneira de pensar de Anísio, pois ao regressar ao Brasil irá defender uma educação pública, gratuita e laica para todos. Não tinha porque a Igreja Católica administrar o ensino, isso era uma questão que somente cabia ao Estado.

Depois de suas visitas às instituições educativas norte-americanas, Anísio pode comprovar que a escola dual europeia se resumia em fazer dos alunos ouvintes passivos. Diferentemente da escola única americana que exaltava a individualidade e permitia a aprendizagem pela ação. Assim, ele reavaliará seus conceitos sobre a escola única.

No artigo produzido anteriormente sob o título “A propósito da escola única”³⁷, Anísio combateu esse tipo de escola preconizada por Carneiro Leão quando foi Diretor da Instrução Pública no Distrito Federal do período de 1922 a 1926. Ele avalia o impacto que o projeto da “escola única” exercia nos grandes centros, e os efeitos comprometedores que poderia causar:

Se é verdade que o homem na sociedade tem direito ao desenvolvimento da inteligência em sua plenitude, daí não se segue que a organização de um instrumento único, idêntico para todos e a todos acessível, a “escola única” venha abrir para todos os homens a possibilidade de um pleno desenvolvimento de suas faculdades”³⁸.

³⁶ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan American, 1927, 50 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

³⁷ TEIXEIRA, Anísio. A propósito da "Escola Única". Nov. 1924, 7 fls mimeografadas. Arquivo Anísio Teixeira, CPDOC/FGV, terceiro rolo, 2(0445).

³⁸ Idem.

Tal projeto, de acordo com Anísio iria produzir o nivelamento intelectual e moral de um país, com a criação “de um tipo médio, sem grandes defeitos, porém sem grandes virtudes, tipo abstrato de cidadão, em que desaparecem todas as qualidades e particularidades individuais”³⁹.

Segundo Bomeny (1993, p. 30), Anísio, nesse momento, estava dentro do “dilema toquevilliano, qual seja, o de compatibilizar diferenças, liberdades individuais, com o princípio inexorável da igualdade, ideário condutor da sociedade moderna”.

Para a autora, o modelo informado por Anísio é aquele que inspirou a Escola Nova norte-americana. Ou seja, como seria possível pensar em desenvolvimento idêntico para todas as inteligências de um país, se uma delas vai constituir a inteligência do camponês, do industrial, do letrado, do artista.

A “escola única”, para Anísio, no seu aspecto fundamental se apresentava em sua simplista uniformidade “desadequada para atender à variedade complicada da espécie humana e a sua aplicação como um possível e sempre desastroso nivelamento da inteligência de um país”⁴⁰.

A natureza humana é complexa e variada, diz Anísio, e qualquer projeto de nivelamento seria a sua destruição total. Assim ele procura justificar a sua posição contra a “escola única”:

A inteligência de um dos nossos vaqueiros, por exemplo, de um daqueles sertanejos tão admiravelmente descritos por Euclides da Cunha, conhecedor da sua terra e das coisas da sua terra, sábio na arte de pastorear o seu gado e na equitação bárbara das caatingas, não tem a inteligência altamente desenvolvida para a melhor adaptação ao seu meio e à sua atividade?⁴¹.

Anísio acreditava que oferecer ao camponês, sertanejo, o homem da terra uma educação integral, num mesmo método e ensino igualmente ao intelectual requintado era “desenraizá-los e inutilizá-los”⁴².

Não convém às sociedades democráticas modernas, diz Anísio, que ao filho do povo esteja somente reservado a escola primária e ao filho do rico o liceu, seria então necessário o liceu também ser uma oportunidade aos filhos

³⁹ TEIXEIRA, Anísio. A propósito da "Escola Única". Nov. 1924, 7 fls mimeografadas. Arquivo Anísio Teixeira, CPDOC/FGV, terceiro rolo, 2(0445).

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Idem.

⁴² Idem.

do pobre, só que havendo uma seleção. Assim, os melhores alunos, entre ricos e pobres da escola primária seriam admitidos no ensino secundário. A democracia garantiria o governo dos melhores, selecionados a partir do suposto básico do direito universal e gratuito à educação.

A postura e ideias de Anísio vão se modificando. De acordo com Schaeffer (1998), ele, em sua carreira educacional de início, adotava uma postura tradicional e elitista, colocando-se contra a escola única; posteriormente, tornou-se um ardente defensor de uma educação comum para todo o povo brasileiro, combatendo uma educação de elites e de privilegiados. Sua visão da educação estava associada a uma dada concepção de filosofia e indissoluvelmente vinculada à ideia de construir uma sociedade democrática.

Depois de suas viagens, especialmente a segunda, a sua trajetória não seria mais a mesma. A partir de então iniciou uma série de publicações que se traduziram em artigos, entrevistas, ensaios, livros fazendo circular os princípios da Escola Nova, base da nova pedagogia conhecida nas escolas norte-americanas, a qual estava ligada às concepções pragmatistas⁴³. Essa nova filosofia deixou marcas significativas no pensamento de Anísio se tornando referências em suas reflexões e ações no campo da educação.

⁴³ De acordo com Moreira (2002), o pragmatismo pode ser definido em termos gerais como uma corrente filosófica desenvolvida nos Estados Unidos no final do século XIX, cujos autores principais foram Charles Pierce (1839-1914), William James (1842-1910) e John Dewey (1859-1952). Trabalhando em áreas de estudos próximas, ainda que especificamente distintas, eles não chegaram a constituir uma escola de pensamento. Um conceito central, dessa nova filosofia, é o de atividade (*activity*), referindo-se àquilo que é ao mesmo tempo biológico e psicológico. É essa filosofia que nos leva a encontrar novos problemas, fazendo com que o mundo seja conhecido e mude progressivamente. Dewey preferia utilizar o termo instrumentalismo, em lugar de pragmatismo. Ele acreditava que o pensamento havia emergido da interação dos seres vivos com o mundo, a partir de situações de incertezas. O pensamento era visto como um instrumento desenvolvido para resolver problemas e modificar a realidade.

2.1 – Diários de viagem: razões e sentidos de produção de uma escrita

As viagens de acordo com Mignot (2007, p. 247) “geralmente são acompanhadas de recordações e registros escritos como diários, agendas, cartas e postais que detalham experiências ou apenas flagram instantes”. Confirmamos essa questão com Anísio. Ele foi um viajante que se valeu intensamente de uma escrita diária para registrar os acontecimentos durante o seu percurso a bordo e depois dele.

Assim, nesse capítulo iremos fazer uma análise dos diários produzidos por Anísio Teixeira em suas viagens à Europa em 1925 e aos Estados Unidos em 1927. Que significados vêm à mente quando lançamos mão da palavra diário?

O significado mais comum e usual é de um objeto que contém a narrativa diária de experiências pessoais. Registro das vivências e sentimentos de um “eu” face ao mundo que o rodeia. Possui um caráter intimista e confidente e o protagonista/narrador podem ser coincidentes. Por esse motivo, a modalidade de enunciação do discurso geralmente é utilizada em primeira pessoa.

A matriz discursiva é muito livre, uma vez que o narrador dá livre expressão ao curso do seu pensamento. Na maioria das vezes, o discurso é subjetivo e a escrita é confessionalista. O nível de língua é familiar e o registro é informal. Por vezes, a narração é descontínua, intercalada, porque apenas ocorre quando o sujeito da enunciação deseja registrar algo.

Viñao (2000) define um diário como uma sucessão de textos mais ou menos extensos, os registros podem estar em folhas soltas, ou juntas em um suporte. Escrito sobre o fio dos acontecimentos, com maior ou menor frequência e regularidade, ao longo dos anos ou durante um período de tempo determinado. O peso da realidade imediata ainda viva, sobre ou a partir do que se escreve, confere ao diário o caráter fragmentário e atomizado.

Viñao aponta algumas tipologias e funções de diários: íntimos – onde predomina os sentimentos e emoções. De viagem – pouco íntimo e pessoal. Administrativos ou institucionais – tratam de campanhas, navegação,

afazeres. Escolares – predominam o cotidiano, a vida escolar de professores e alunos. O autor diz que se limitou a tratar somente destes diários no seu texto⁴⁴, pois há muitos outros ainda.

Nesse trabalho tratamos de um diário específico, de viagem. Muito comum no século XVIII, trazia informações sobre a geografia específica, terreno, possibilidade de rotas, fauna e flora, curiosidades sobre os povos nativos e a expressão do sentimento associado a cada uma dessas experiências. Na metade do século XVII foi muito útil como rito de passagem na educação de rapazes. Uma das etapas para se tornar adulto, o *Grand Tour*⁴⁵, oferecia ao jovem a oportunidade de escrever os acontecimentos de sua viagem para desenvolver o hábito da observação e reflexão.

É bem verdade que muitos diários de viagem continham aspectos voltados muito mais para o exterior do que para o “eu” do diarista, embora nesses registros o escrevente fosse capaz de utilizar a escrita para exercitar a auto-reflexão e o exame da consciência.

Os diários de Anísio cumprem a função de relatar aspectos do mundo exterior como também para o seu “eu”. Tanto inclui a objetividade quanto a subjetividade. Além dos aspectos cotidianos, tratam dos sentimentos, opiniões, reflexões, etc.

Anísio produz seus diários se valendo de uma escrita livre, informal e fragmentada; realizada na intimidade, emite juízo de opinião e de valor. O seu ponto de vista está bem marcado: critica, elogia, defende, condena. Deixa registrado o seu incômodo em relação a muitas questões. Nesta escrita o sujeito está mais à vontade para se expressar, escrever o que bem deseja sem medo de repressões ou opiniões alheias.

Uma característica que nos chama atenção nos diários é que alguns assuntos são abordados na forma de ensaio⁴⁶. Anísio defende ou nega

⁴⁴ VIÑAO, Antonio. Las autobiografías, memorias y diários como fuente histórico-educativa: tipología y usos. In: *Revista Teias*, UERJ, Rio de Janeiro, volume 1, 2000, p. 82- 95.

⁴⁵ *Grand Tour* era o nome dado a uma tradicional viagem pela Europa, feita principalmente por jovens da classe alta. O costume floresceu desde cerca de 1600 até o surgimento do tráfego ferroviário em grande escala, na década de 1840, e costumava estar sempre associado a um determinado itinerário. A tradição ainda continuou depois que as viagens por trem e navio a vapor facilitaram os deslocamentos, e jovens americanos e de outros locais do mundo também a realizaram.

⁴⁶ O ensaio é um gênero que trata dos mais variados temas e pode estar dentro dos mais diversos campos: literatura, filosofia, religião, história, medicina, etc. não possuindo uma única forma de expressão, sendo seu estilo bastante livre e flexível.

determinada posição, sem, contudo, apoiar-se na pesquisa empírica ou bibliográfica. Os temas tratados são variados: as cidades europeias, a humanidade, o homem moderno, a guerra, os sujeitos americanos, regimes políticos, democracia, educação, religião católica, os livros *May Life and Work* de Henry For e *Os exercícios espirituais* de Inácio de Loyola.

O ensaio consiste na defesa de um ponto de vista pessoal e subjetivo sobre um tema (educacional, filosófico, político, social, cultural, moral, comportamental, literário). Apesar de ser uma escrita mais livre, não dispensa o rigor lógico e coerência de argumentação, e por isso mesmo exige grande informação cultural e muita maturidade intelectual. Daí muitos pensadores, filósofos, escritores preferirem esta forma de trabalho para expor seu pensamento.

Adorno (2003) pensa o ensaio como o estilo ou a maneira de fazer filosofia que, de modo geral, não se pauta em formalidades acadêmico-científicas, ou seja, não exigem documentos, provas empíricas ou dedutivas. Ciência e filosofia se valem de uma interpretação conceitual da realidade, de um amálgama entre a ordem dos conceitos e a ordem das coisas.

De acordo com o autor o ensaio não segue as regras do jogo da ciência e de teorias organizadas. Não se pauta em uma construção fechada, voltando-se contra a doutrina arraigada de Platão, segundo a qual o mutável e o efêmero não seriam dignos da filosofia.

O ensaio oferece mais liberdade ao escritor, no sentido de orientar sua escrita pelo pensamento, sem obrigação de seguir algum plano pré-estabelecido, código, regra ou convenção. As temáticas tratadas estão atreladas às suas opiniões e pontos de vista representando o seu modo de ser e pensar. Anísio transpõe para os seus escritos suas escolhas pessoais, crenças e propósitos. Por isso, na forma ensaística, memória e vida se confundem em pensamento.

Uma escrita ensaística inclui a representação do “eu”, algo próprio do autor, uma marca na sua experiência vivida. Engendra um texto com digressões e relatos próprios dos acontecimentos cotidianos. Surge da reflexão solitária, sendo possível ao escrevente conhecer a si mesmo e rever as próprias posições. Desse modo, por meio de sua escrita, Anísio está descobrindo na solidão a bordo uma nova dimensão de si mesmo.

Ele produziu sua escrita em folhas avulsas/soltas⁴⁷, apresentando marcas da oralidade – rasuras, abreviações, elementos metafóricos e subjetivos. Isso se justifica pelo fato da sua escrita diarística ser livre e sem intenções primeiras de um leitor – a não ser ele mesmo ler.

Nos escritos de viagem à Europa encontramos sessenta rasuras e nos escritos de viagem aos Estados Unidos América, quarenta e sete. Segundo Pino (2004) a rasura tem a função de permitir uma nova consistência, que elimina ao menos parcialmente uma angústia do escritor.

O uso de abreviações é muito utilizado, demonstrando liberdade na hora de escrever: snr (senhor), Dr. (doutor), Comm. (comandante), Ex. (Excelência, referendo-se ao bispo Don Augusto), Comp. (Companhia, referendo-se ao navio em que viaja), m.^a intelle (minha inteligência), my coração (meu coração), do q q p.^a (do que qualquer pessoa), my espirito (meu espírito), extrang (estrangeiro), Vossa pág de alb em q a s.t.^a me pede para deixar o my autogr. (Vossa página de álbum em que a senhorita me pede para deixar o meu autógrafo).

Anísio também usa palavras estrangeiras (francês, espanhol e inglês). Isso demonstra que além de ser conhecedor dessas línguas, a situação daquele momento – a viagem – o fez usar palavras dos países a que se destinava: viejo, chauffeur, metteur en scène, títere, grand guignol, footh, Sport, chairnau of sports, rounds, hard book, sans façon, toilettes, races horses, american shocks, ruellas, waiter, my.

Além dos temas desenvolvidos em forma de ensaio, o viajante tratou nos seus diários dos objetivos, sentidos, razões, propósitos e experiências de suas viagens. Ele escreveu ainda para desabafar, extravasar seus sentimentos, amenizar suas saudades, suas angústias, sua solidão, anotar impressões, expectativas, mostrar pensamentos, expressar emoções, organizar ideias, elaborar diferenças, expôr dúvidas, fazer comparações, reflexões e questionamentos.

⁴⁷ Muitos autores começaram seus diários nas margens laterais dos almanaques. Outros surgiram a partir dos chamados Livros de Razão, nos quais se costumava escrever e guardar as prescrições, receitas, fórmulas medicamentosas e maneiras de tratamento, para que não fossem esquecidas ou sofressem alterações acabando por inviabilizar seu uso. A partir da industrialização, no século XVIII, o desenvolvimento da fabricação de papel e das técnicas de encadernação tornou possível a venda de volumes encadernados próprios para os registros íntimos. Hoje, qualquer papelaria vende cadernos específicos para o registro íntimo, com variedade de tamanhos, cores, formatos, muitos ostentando na capa os dizeres “meu diário”.

De acordo com Mignot (2003) aprisionar no papel o banal ou o surpreendente da vida cotidiana tem contagiado a muitos sujeitos de diferentes gerações sejam homens, mulheres, adolescentes, jovens, adultos ou velhos. A escrita diária acontece por muitos motivos e razões diferenciadas.

Escrever atende necessidades específicas e múltiplas: aproveitar a experiência na sua totalidade, deixar um documento original, que seja útil para outros, guardar melhor as imagens e impressões colhidas ou transmitir acontecimentos e fatos. O ato de registrar é importante, pois permite construir uma memória compreensiva; aquela que não é simples recordação, mas a base para reflexão.

Anísio pretendia ocupar-se do tempo longo de seu percurso que seriam de duas ou mais semanas em alto-mar, assim, ele lança mão de uma escrita diária. Primeiramente trata de sua partida, ora mostrando-se satisfeito e entusiasmado com sua viagem, ora nostálgico, saudoso e apreensivo:

Poderia citar, desta viagem, toda uma extensa serie de factos que o comprovam essa asserção: desde a gentil sollicitude de todo o pessoal de bordo, a simplicidade do commandante e a colaborar pessoalmente em todos os jogos e festas de bordo, até a atenção de ornamentar os salões, a traducção da carta de refeições em todas as linguas dos passageiros e mil outras pequenas cousas consegue a Comp percurso tornar a viagem de cada um dos passageiros sem incidentes e sem contrariedades. Não há sinão duas classes: a primeira e a terceira. Ambas estavam completas, tendo a terceira mais de seiscentos passageiros. Seria injustiça solicitar as condições de viagem da 1^a. Classe, sem registrar as condições da 2^a., que essas parecem-me effectivamente excepcionais, registrando-se por parte do commandante um cuidado muito accentuado em demonstrar as condições, estaria a diser, de sympathia com que acolhe aquellos passageiros.⁴⁸.

Acho-me a bordo do Pa-America, de viagem para Nova York. Embarquei às 4 h. da tarde, nessa linda tarde de hoje que ainda mais carrega de saudades uma partida para mim tão cheia de apprehensões. Deixei que o Rio fosse desaparecendo sob as minhas vistas. Quis ver até perder-se dos meus olhos a terra carioca. A bordo, até o momento, nada de interessante. O navio é americano e está cheio de americanos. Alguns argentinos. Muita ordem. A não ser por ocasião da partida em que o deck estava repleto⁴⁹.

⁴⁸ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem à Europa*. Lisboa, 1925, 56 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

⁴⁹ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan American, 1927, 50 pgs. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

As viagens de Anísio tinham propósitos definidos. Obter informação, renovar a aprendizagem, descobrir e aprender com outros países, outros povos, a oportunidade de descobrir a si próprio, exercitar a auto-reflexão, alimentar o espírito, etc. Assim ele escreve as razões pelas quais está se deslocando a países estrangeiros:

Os payses extr que vou percorrer será, apenas, os estímulos de my intimas descobertas. Debruçado sobre as reacções de todo o mundo, cheio de solicitude, de sympatia e de benev. presença, estenderei os domínios do my copista, recolhendo os ensinamentos q se desprendem de cada terra e de cada povo. Um extrang assim surprehendido é um professor e um mestre, a cuja sombra, uma vez, nos transformamos. Um novo conhecimento, uma nova aff. espiritual descoberta e alimentada é um excitante para aquellas mysteriosas explor. em nosso manto interior⁵⁰.

Sigo para a America com o espírito de um estudante. Renovo as minhas disposições de curiosidade, de entusiasmo pelo novo e pelo inédito. Não prevejo qual seja o meu depoimento sobre o povo que hoje é objecto de tanta curiosidade e fontes de tantas licções. A minha viagem se é uma viagem de estudos, especializada, em que vou buscar elementos positivos de informação, - não deixara, não podera deixar tambem de ser formadora, educadora, no sentido em que nos educam os conhecimentos novos e os novos contactos⁵¹.

Anísio empreendeu viagens também para especializar-se e buscar elementos positivos de informação, mudança, entusiasmo, coragem e ardor, pois segundo ele a vida, a Bahia, o trabalho iam-lhe condenando à fadiga, incapacitando-o para qualquer renovação:

Entretanto, porque não diser que precisava dessa mudança? A vida, a Bahia, o trabalho iam-me condenando a essa fadiga, que nos incapacita para qualquer renovação. Essa viagem poderá renovar-me. Renovar-me o espirito de entusiasmo. Renovar-me as fontes daquelle meu antigo ardôr. Tornar-me menos egoista. Salvar-me dessa falta de espirito de sacrificio que ia me vencendo⁵².

⁵⁰ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem à Europa*. Lisboa, 1925, 56 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

⁵¹ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan American, 1927, 50 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

⁵² Idem.

Renovar ainda a minha sede de sentido e de conhecimento. Pois não é verdade que até nisto se accentuava a que eu chamo a minha decadência? A possibilidade de me coordenar melhor, o desejo de sempre progredir em tudo, esse amor à luta tão americano, a infatigabilidade do querer – tudo me podera dar essa viagem⁵³.

Anísio tem muito a aprender com suas viagens, e o sentido do deslocamento por turismo, por prazer, é o que lhe falta. Para ele “as viagens terão sempre um travo sério de um alto exercício espiritual”⁵⁴.

Para mim uma viagem é um exercício espiritual. Viajo menos para descobrir e conhecer as terras alheias por onde esse passear a m.^a intelle. e o my coração, do q p.^a conhecer e descobrir os territórios inexploráveis de my espírito, viajo para enriquecer o meu sentido de vida⁵⁵.

A missão de Anísio em país alheio era buscar os códigos de civilização, aprender de sua cultura, educação, progresso, observar, refletir, comparar, e, chegando ao seu país, divulgar, ensinar, civilizar. O turista, sendo um viajante sem esse compromisso, apenas ia de lugar a outro tentando tirar proveito próprio de suas andanças.

Apesar das vantagens proporcionadas por uma viagem, como novos conhecimentos, aprendizagens, contatos pessoais e renovação, se deslocar a um país estrangeiro não é era algo fácil para Anísio. Ele acredita que o desenraizamento penoso de seus costumes, de seus amigos, de sua terra, de sua família, de sua gente e o cultivo novo em terra alheia é sempre uma ação dolorosa.

As hereditariedades tranquilladas que acompanham um filho daquellas terras virgens do Brasil, não consentem em uma vida cosmopolita. A nostalgia que o acompanha é muito forte para que as viagens lhe possam ser um prazer. Antes, um custoso sacrifício. Uma provação⁵⁶.

⁵³ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan American, 1927, 50 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Idem.

Viajar é uma constante inquietação. Os sujeitos partem em busca de algo, aprender, fugir de si próprio, do “outro”. Sempre há quem se martirize ou se alegre com uma partida. Nas palavras de Pimentel (1998, p. 24):

Necessárias para uns, dispensáveis para outros, pertencer ao grupo dos viajantes ou dos sedentários nem sempre é uma escolha individual. Prazer ou sacrifício, viajar não é uma atitude nata ao ser humano, prova é que muitos nascem e vivem toda a vida em um mesmo lugar. E, mesmo sentida como prazer, a viagem vem sempre acompanhada de algum sacrifício, que pode ser físico ou moral.

Para Pimentel, outrora viajar significava correr riscos, uma vez que estar em um navio por muito tempo implicava ficar sujeito a tempestades, mar bravio, naufrágio, ataque de piratas e imprevistos. Viajar para muitos era um sofrimento, transtorno ou ato de coragem. Anísio também concebia a viagem dessa forma. Segundo ele “ha sempre necessidade de uma pequenina coragem para levar avante uma viagem”⁵⁷. O viajante procura conhecer as próprias razões, pelas quais está deixando para trás tudo o que lhe é importante com o propósito de seguir em longa viagem:

Deixamos de ver terra. Temos somente diante de nós o grande oceano. E muito longe, essa New York tumultuaria o colossal. Tão profundamente diferente de tudo o que eu conheço. Tão chocante. Caminho para esse mundo novo com uma curiosidade apprehensiva e febril. Deixei para ir conhecel-a meus amigos, meus livros, meus deveres, minha terra⁵⁸.

Anísio escreve sobre o que deixou para trás ou o que espera encontrar adiante. A sua partida é carregada de inquietações, seja pelos sentimentos íntimos despertados, seja pela apreensão da viagem. O seu desenraizamento é visto como algo penoso e difícil:

As vóses do meu sertão, que, na Bahia, se faziam tanto ouvir convidando ao silencio, ao isolamento, à intimidade sertaneja, como insistem agora dentro de mim tornando mais penoso o meu desenraizamento (...) Como compreendo a coragem do imigrante.

⁵⁷ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan American, 1927, 50 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

⁵⁸ Idem.

Como lhe devem ser pequeno o mundo de affectos que o ligam à Terra natal, ou como lhe deve ser vasta e teimosa a coragem ⁵⁹.

O desenraizamento, ou a libertação, se são vistos por alguns viajantes como algo positivo, por outros são vistos como uma ameaça. Antigamente um deslocamento muito longo não era concebido como uma ação voluntária, mas sim uma imposição.

Uma viagem não é de toda prazerosa. Solidão, tristezas, saudades, são sentimentos que assolam o viajante em um longo percurso. Anísio se valeu de uma escrita diária em resposta à solidão a bordo, estabelecendo um diálogo secreto e confidente consigo. Escreveu para desabafar e extravasar suas saudades e sentimentos:

Daqui, deste isolamento de bordo, como minha saudade se estende, não à Bahia, mas às pequeninas ruas da cidade sertaneja que me viu nascer. Como tudo revive em nós, mesmo o que julgávamos morto e inexistente. A distancia e a solidão fazem florescer cousas idas e que conservam o seu formidável poder de sedução ligados à terra e ao meio de onde somos. Uma só dessas cousas, humildes e pequenas bastariam para nos fazer companhia e desmanchar más estar de saudade que nos invade e nos entorpece ⁶⁰.

Como compreendo o ardor com que acompanhei o Rio quando o deixamos. Do ponto mais alto do navio, ao sol, como enchi os olhos de minha terra, querendo leval-a na retina para me acompanhar nessa longa, longuíssima excursão. Não era a beleza do panorama, não era a cidade admirável naquela tarde de azul e de luz, era o pequenino segredo que ella me revelava de ser a minha Terra e o meu Brasil. Amanhã me ligarei a New York e a deixarei com saudades. E' possível. Mas, isto não diminue a minúscula e secreta angustia que me vae perseguindo, infatigavelmente, nessa viagem ⁶¹.

Por final, ele faz uma reflexão de sua viagem à Europa. Acredita que ganhou novos conhecimentos e aumentou o seu capital cultural ⁶², no

⁵⁹ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan American, 1927, 50 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Idem.

⁶² A mobilidade proporcionada pela viagem põe em contato muitas pessoas, amplia e enriquece as maneiras de pensar e de atuar, expandindo o acervo cultural.

entanto, tem muitas dúvidas se a viagem acrescentou algo ou foi positiva ao seu espírito.

Relia hoje velhas cousas que havia escripto na minha viagem para a Europa. Até que ponto os meus desejos e minhas previsões se realizaram? De modo geral devo dizer que o aprendizado foi muito curto e que é muito cedo para tirar conclusões. Sob o lado tecnico ganhei evidentemente alguns conhecimentos novos. Sob o lado de formação geral, aumentei, é innegavel, o meu cabedal de cultura. Mas, a minha resposta da influencia dessa viagem sobre a qualidade do meu espirito, sera tão positiva?⁶³

O viajante se põe a fazer um balanço de sua estadia no Velho Continente. “Os quatro meses de elegante vagabundagem pela Europa não está totalmente perdido. Desses quatro meses muita cousa se há de aproveitar. Mas está encerrado o cyclo da vida errante e amável. Vamos trabalhar e pensar”⁶⁴.

Anísio Teixeira encerra sua escrita e reflexão aconselhando a si mesmo: “e nos vagares das nossas pausas ouçamos, como um velho ouve um moço descuidado, as aventuras de nossas viagem, para tirarmos della conclusões práticas e sisudas”⁶⁵.

Apesar de escritos na esfera da intimidade e sem intenção de publicação, os diários esboçam um desejo de comunicação. Anísio escreveu a respeito de coisas sobre as quais gostariam de falar, de refletir, questionar, primeiramente para “si”, de repente, para o “outro”.

⁶³ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem à Europa*. Lisboa, 1925, 56 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC. Grifo do autor.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Idem.

2.2 – *Uma narrativa sobre as cidades e os sujeitos: a tensão entre o antigo e o moderno*

Duas temáticas terão prioridades nos diários de Anísio. Ele ocupa a maior parte deles para tratar das cidades e dos sujeitos americanos. É possível observar uma tensão entre o antigo e o moderno. O viajante se horroriza com a mudança, o desenvolvimento e o aspecto modernizador das cidades e se decepciona com pessoas, que fortes, trabalhadoras e poderosas apresentam costumes tão fúteis e horríveis. Estranha o diferente, as coisas pelas quais estava acostumado até então antes de partir a um país estrangeiro. É dessa forma que ele se dá a conhecer, conhecendo o novo e o “outro”.

Durante o seu percurso pela Europa, o viajante observa, explora e analisa as cidades. Desencanta-se com os seus aspectos modernos, mostrando-se um saudosista dos tempos antigos e da tradição. Vaga pelas ruas no intento de perceber os acontecimentos ao seu redor, de captar algo de mais perene no cenário urbano. Ele é *flâneur*⁶⁶, um observador que apreende cada detalhe da paisagem. Busca uma nova percepção dos lugares por onde passa, procurando compreender as suas características, pormenores, singularidades, semelhanças e particularidades.

Para Walter Benjamin (1985) o *flâneur* é um produto da vida moderna e da Revolução Industrial. É também um personagem chave para se entender o processo do urbanismo e cosmopolitismo. O próprio Benjamin se tornou o seu exemplo, caminhou pelas ruas de Paris observando, estranhando, admirando a vida social, estética e a multidão.

A percepção do *flanêur* parece se dar diante daquilo que é fugaz e transitório na cidade, mas ele simplesmente não se lamenta a respeito da transitoriedade, se alimenta dela, formula uma espécie de abrigo no ventre da caótica urbanidade.

Uma vez em solo europeu Anísio tem um olhar especial sobre as cidades. Admira a simplicidade e beleza da Ilha de madeira. “Amanhecemos no dia 26, em frente ao Funehal, capital da Ilha da Madeira. O panorama da

⁶⁶ O termo *flâneur* é de origem francesa e não possui tradução direta para o português, mas pode ser compreendido como observador anônimo, passante anônimo, ou ainda, como transeunte anônimo. A idéia do *flâneur* tem acumulado importante significado como uma referência para compreendermos os fenômenos urbanos e modernos.

Ilha é gracioso e novo”⁶⁷. Não vê com bons olhos Lisboa. “Lisboa a nossa frente, é uma mancha cinzenta, cheia de fumaça, meia occultta por uma infinidade de barcos e vapores velhos que cobrem quase todo o caes”⁶⁸. Considera Porto “uma cidade commercial aparentemente sem interesse”⁶⁹. Fascina-se pela cidade do Minho. “Tudo está tão mudado, gentes e cousas, nessa terra do Minho que se tras de lá uma saudavel impressão de estabilidade, de segurança e de gosto”⁷⁰. Encanta-se com Vigo e suas belas mulheres. “Lindas mulheres de Vigo, tão cheias de saude, de riso e de cores, que sois effectivamente as flores de Espanha, os adornos dessa terra linda que Deus vos deu!”⁷¹. E considera Paris um “ambiente requintadamente artificial”⁷².

A primeira cidade visitada foi Funchal, capital de Ilha da Madeira, cidade portuguesa. Nesse local, Anísio, juntamente com o religioso D. Augusto foram recebidos pelo bispo D. Manoel Pereira Ribeiro, que os levou a passear de automóvel pela cidade no intuito de conhecer “os pontos mais pitorescos”⁷³ e depois seguirem para um “almoço cordialissimo no palacio de sua residencia”⁷⁴.

Próximo destino Lisboa. O viajante registra a sua chegada: “Só as oito horas chegamos a Lisboa”⁷⁵. Nesta cidade, visita o *Perospicol*, uma espécie de igreja. Descreve o monumento e lamenta a reforma que vem sendo feita, pois lhe tira todo seu caráter tradicional:

Desembarcamos, tomamos um automovel e fomos ao perospicol. O monumento grandioso da raça deixou-nos uma impressão que eu reputo característica da terra portuguesa. A grande igreja em stylo manuelisco concluída por uma capela maior em stylo romano, o mundo de andaimes que enche metade da igreja e que lá está ha mais de dois annos, o claustro, o in excessivel e maravilhosos clautro povoado de rapazes e de meninos – de 12 a 18 annos – na suavi incrível das algazarras, os guardas de tudo aquilo, uns funcionarios grosseiros e irritantes – todo aquele aspecto de repartição publica, em concertos, nos deixou a convicção material de como está desfazendo a obra portugueza. A grandeza da construcção, a maravilha da obra

⁶⁷ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem à Europa*. Lisboa, 1925, 56 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Idem.

⁷¹ Idem.

⁷² Idem.

⁷³ Idem.

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ Idem.

de arte, a antiguidade do monumento, tudo desaparece no horror do detalhe actual da vida de Lisboa. Portugal de hoje estragou-nos a impressão do Portugal de ontem de que fomos, pouco depois, encontrar numa apagada imagem no museu nacional de Coches⁷⁶.

Anísio demonstra o seu saudosismo dos tempos antigos de Portugal, que provavelmente nunca mais voltaria a ser o que era. Descreve o passeio de automóvel pelas ruas e avenidas de Lisboa. Chegado o fim de sua aventura, deixa registrada a sua última impressão:

Partimos dahi com os olhos cheios da opulência dos tempos idos de Portugal, para continuar a nossa corrida de automovel pela Avenida da Liberdade, pelo Chiado, pelo Largo do Rocio e ao tomarmos a lancha que nos ia levar ao vapor, resumiamos a esperada impressão de Lisboa – é menor portuguesa das cidades de Portugal⁷⁷.

Outras cidades portuguesas ocuparão espaços nos escritos do viajante. Porém, ele insistirá nas paisagens naturais dos lugares visitados. Entrega-se ao jogo dos olhos, dos sentidos, apreciando e vendo as paisagens como fonte de adoração.

É possível observar uma repulsa de Anísio à modernidade e um apego a uma visão romântica do passado e da natureza. Essa questão foi construída, em grande medida, pelo romantismo⁷⁸, e assim percebemos ideias desse movimento no pensamento de Anísio. A natureza se humaniza e se diviniza para ele, encantando os seus olhos e espírito:

Barca d'alva nos annunciava Portugal. O Douro arido, torturado, montanhoso abria para nós os seus vales intratáveis. O trem sobre as montanhas troçava curvas magnificas e a paysagem tinha a sedução de uma vista sobre precipicio. Pouco a pouco a natureza vae-se humanizando, a terra vae-se povoando e a entrada no porto é sob o regime do Minho todo vêrde, todo frescura. No outro dia, tomava em Bôa Vista um camboio para Póvoa. Um pequeno camboio sem pressa e que me permittia apreciar demoradamente a paisagem. A seguir, de automovel fui a Farmolicão, á Quinta dos Ribeiros e depois voltei ao Porto. Tudo está tão mudado, gentes e cousas, nessa terra do Minho que se tras de lá uma saudavel impressão de estabilidade, de

⁷⁶ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem à Europa*. Lisboa, 1925, 56 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC. Grifos do autor.

⁷⁷ Idem.

⁷⁸ Um dos elementos mais importantes da estética romântica, a natureza exerce profundo fascínio sobre os escritores do período romântico, que vêem nela a antítese da civilização que os oprime. Encontrar-se com a natureza significa encontrar-se consigo mesmo, significa alargar a sensibilidade.

segurança e de gosto. Depois a paisagem é affectuosa, é feminina nos seus contornos, nas suas cores, na sua luz. Do Porto para Lisboa gastei 12 horas. Uma noite. Amanheci na praça do Rocio e a velha cidade portuguesa não me dizia nada, depois que o Minho me presenteara com toda a frescura e todo azul do país⁷⁹.

Se valendo da metáfora e comparação, o viajante descreve o ambiente natural das cidades e as pessoas. Desembarcou vindo do Porto, ainda com os olhos “cheios da delicadeza affectuosa da paisagem do Minho, tão azul, tão dourado nas horas rápidas em que ali passou”⁸⁰. O seu afadigado atravessar da França, da Espanha e de Portugal encontrou no Porto e no Minho “uma pausa de luminosa serenidade”⁸¹. “A quinta dos Ribeiros, os caminhos tortuosos e antigos, o contacto com gente tradicionalmente simples e boa dessa região de Portugal enchiam-lhe o coração de frescura”⁸². A paisagem do Minho o encantou “como uma pagina rara de litteratura”⁸³ e na velha Lisboa “foi uma triste manhã de chuva”⁸⁴.

Os fenômenos naturais servem para indicar o estado de espírito e sentimentos do viajante. Parte de Lisboa, “sob o céu de estrelas a bordo do Gelria”⁸⁵. Para ele o Tejo era algo informe e sombrio do qual florescia plantas aquáticas e exóticas, misturadas às embarcações velhas, que estavam espalhadas. “Sobre essa agua negra e em uma noite de breu, o nosso rebocador avançava hesitante”⁸⁶. A partida e a paisagem “tinha qualquer coisa de macabra e augmentava uma pequenina impressão de angustia que nos dá o embarque em um porto desconhecido para uma grande viagem”⁸⁷.

De Portugal segue para a Espanha. A próxima visita seria a Vigo, uma cidade espanhola que muito agradou ao viajante. Ele é premiado com o encanto das terras espanholas. Aqui os elementos naturais têm uma significação poética:

⁷⁹ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem à Europa*. Lisboa, 1925, 56 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

⁸⁰ Idem.

⁸¹ Idem.

⁸² Idem.

⁸³ Idem.

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ Idem.

Depois de terras de Portugal, terras de Espanha. Amanhecemos na bahia de Vigo, mais docê e mais asul das bahias de todo o mundo. Na delicia daquelle mar e daquelle céu cortado de asas claras de gaivotas, não nos animavamos a descer para visitar a pequena cidade moderna e commercial que o “Sierra” depositava. O verão macio de Espanha, nesse frio de julho claro e risonho, a que se juntava o abraço affectuoso das montanhas espanholas que as envolviam e nos prendiam – davam aos passageiros de bordo um tal praser de espirito e de olhos, que receiavamos gastar a impressão com as fadigas de um passeio por terra⁸⁸.

O viajante mostra-se um saudosista do passado, das coisas boas que estavam sendo banidas pela modernidade. Em Vigo, ele toma um carro puxado a cavalo, almejando assim conhecer os bairros antigos da cidade. No entanto, mostra-se decepcionado, pois o carro não consegue subir as ruas montanhosas. Percorre algum tempo, o que não é do seu agrado, lugares caracteristicamente modernos, para depois apreciar a deslumbrante paisagem natural da cidade:

Afinal animavamo-nos e às 8/2 horas desciamos de um pequeno saveiro em terras de Vigo. Atravessamos uma pequenina alfandega e, por curiosidade, tomamos um pequeno carro puxado a cavallos, pedindo ao coxeiro-mor, um hespanhol de calças de veludo e cara amavel de bebedo, que nos transportasse para algum bairro viejo da cidade. Pouco adiante, tivemos de verificar que a nossa pittoresca victoria difficilmente nos arrastaria pelas ruas montanhosas da cidade. Deixamos com pena o pequeno e interessante carrinho, para tomarmos um automovel americano como quasi todos os poucos automoveis da cidade. Durante hora e meia percorremos uma cidade caracteristicamente moderna, quer diser caracteristicamente vulgar, até resolver o “Chauffeur” conduzir-nos a um dos arredores – a Guia – da cidade, realmente deslumbrante de belleza de paysagem⁸⁹.

Anísio descreve a despedida da cidade de Vigo de forma caracteristicamente poética. Sente um imenso pesar em deixá-la e uma saudade inverossímil começa a invadir-lhe o coração. Carregará consigo uma boa impressão de Vigo, de sua paisagem e de suas belas mulheres.

Do amarelo do meu vapôr vejo desaparecer a primeira cidade hespanhola em que pus os pés; a Bahia desaperta o seu longo abraço lentamente, saudosamente; no fundo a nos olhar pelos olhos a dentro,

⁸⁸ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem à Europa*. Lisboa, 1925, 56 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC. Grifos do autor.

⁸⁹ Idem. Grifos do autor.

Vigo nos attrahe irresistivelmente; as gaivotas acompanham demoradamente, em lindos trabalhos de azas, o vapor que lhes foge; da ultima lancha que deixou o vapor bateu e rebateu, em despedidas, lenços brancos – outras azas de saudade – e a impressão final que fica, é que, de toda a terra de Espanha – me vem um grande convite, cheio de tentações, quente como o convite de amigo. O meu coração se aperta em uma saudade inverosimil e a perco de vista a terra hespanhola com os olhos cheios d’agua⁹⁰.

O viajante registra o final de sua viagem pelo navio: “ao som de música e ao agitar de lenços deixamos o Sierra Morena para soltarmos em Portugaleta – porto de Bilbao – de onde fomos de trem para Bilbao”⁹¹. Sobre esta cidade, ele deixou escrito somente uma frase: “Bilbao – Aspecto moderno – as egrejas”⁹².

Outra região espanhola visitada é Castela. “De trem penetramos a terra hespanhola. Só tivemos dia em Castella”⁹³. Anísio vai descrever a viagem, a animada conversa com dois portugueses e uma italiana quando Castela lhes apareceu coberta de neve e magnífica:

A noite toda passamos em animada palestra: dois portugueses muito meridionais e uma italiana, bastante moderna fiseram do nosso compartimento um gabinete de conversa audaciosa e franca. Quando o dia começou a raiar para esses quatro farristas extravagantes de um trem, Castella estava sob os nossos olhos toda enfeitada de neve...Depois a neve foi augmentando, augmentando e a terra desolada de Castela era magnifica de alvura e de luz.⁹⁴.

Segundo Anísio, a italiana de mentalidade moderna os havia deixado e ele e os dois portugueses, um deles ministro da republica no governo de Sidonio Pais, discutiam “problemas difficieis de intercambio intellectual” entre Brasil e Portugal e commentavam com severidade os disparates políticos do seu pais”⁹⁵.

De Espanha para a França o viajante registra a sua passagem por algumas cidades e novamente volta o seu olhar ao aspecto físico e a paisagem:

⁹⁰ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem à Europa*. Lisboa, 1925, 56 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

⁹¹ Idem.

⁹² Idem.

⁹³ Idem.

⁹⁴ Idem. Grifos do autor.

⁹⁵ Idem.

“O dia 11 de novembro foi um triste dia de chuvas em Paris”⁹⁶ e “às 8 horas, depois de percorrer pela ultima vez a avenida dos Campos Elyseos e parar, a cabeça descoberta, diante do soldado desconhecido, sob o arco do triumpho”⁹⁷, embarcou. O dia amanheceu pouco depois de Bordeaux. “Faria um sol ameno de inverno e a paisagem nesse sul da França era ainda verde e linda como a que havia atravessado quatro meses antes”⁹⁸.

Uma cidade em especial chama atenção de Anísio Teixeira, Paris. Ele vai escrever um longo comentário de suas noites delirantes, de fantasias, sonhos e ilusões. O frenesi da vida moderna e o ambiente requintadamente artificial de Paris não o agrada. Compara-a a uma grande Babel, que prospera com a perda das conexões e a falta de referências aos valores do passado.

Quando eu procuro revêr Paris e fecho os olhos com energia, num appello a todas as forças mysteriosas da lembrança gira em minha imaginação um filme singularmente confuso, um filme cujas scenas creadas da dispersão do trabalho preparatório dos studios, não fossem postas em ordem, um filme a que faltasse a intelligencia organisadora do director de scena ou que, por paradoxo, tivesse um metteur em scène genial. Todos os planos se confundem com um pesadelo. O real e o imaginario fasem um só par singularmente affectivo, como na vida. O fantastico, o artificial enquadra os seres banaes da vida quotidiana, elevando-os, consagrando-os. As pequeninas maravilhas das mil e uma noites têm o aspecto de brinquedo de creanças à vista das realidades das grandes cidades de 1925. Quando a sombra desce sobre a grande Babel, com a naturalidade com que se extingue a luz em um cinema, é que a cidade toma todo o seu prestigio. As primeiras scenas, como nos grandes filmes apresentam o quadro inimaginavel. A electricidade accende as flores, inquietantes que recriam os scenarios de fantasia e de sonho. E sob a caricia daquellas chammes impassíveis, o chão é uma superficie movel de rodas e pés, que vão e vem, sobem e descem, riem, fanfarram, gritam numa apresentação supremamente original dos personagens⁹⁹.

Espectáculos, cenas, teatros, holofotes, noites delirantes, alucinações, carnaval, desejos, curiosidade, fastio, tédio, misérias, personagens, fanfarra, luzes, bastidores, tudo isso que faz parte das cidades grandes e modernas não agrada Anísio, que prefere a tranquilidade e as coisas simples da vida. Ele nascera e crescera no sertão baiano, estava acostumado a

⁹⁶ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem à Europa*. Lisboa, 1925, 56 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

⁹⁷ Idem.

⁹⁸ Idem.

⁹⁹ Idem.

uma vida pacata e tranquila. Dessa forma seria inevitável não estranhar a cotidianidade de uma grande metrópole.

Enquanto a maioria dos viajantes de classes altas considerava a metrópole parisiense um lugar diferente, excitante, cheio de novidades, cidade da beleza, da cultura e bom gosto, que oferecia todas as aventuras e atividades da vida social e todas as facilidades de conforto, Anísio, ao que tudo indica, tinha uma outra visão sobre Paris:

O ambiente requintadamente artificial de Paris aparece como um studio gigantesco, em que já não houvesse a preocupação pueril de occultar os andaimes, os holophotes para a iluminação das scenas e todas as pequeninas miserias dos bastidores. A sua é dentro da noite uma excitante para as imaginações mais desvairadas. O carnaval, com o seu effeito sobre a vontade e a mentalidade dos homens, é a suggestão contente dessas noites delirantes e modernas. Seu quadro eminentemente péfido e suggestivo da vida moderna, o Homem passeia a sua alma desajeitada e cega. Não o guia nenhuma força lucida. Não o guia nenhuma fortaleza. A matilha de todas as fraquesas e de todas as miserias o envolve, o move, aceía esse rei desthronado. Dentro do quadro dantesco da civilização o homem é um titere, grotesco como todos os titeres. Diverte-se. Diverte os outros. Chora. Commete todos os dramas. No mais dilacerante o Grand Guignol, no Grand Guignol de uma noite em Paris ¹⁰⁰.

Uma imagem de cidade moderna, alegre, com requinte e bom gosto para a moda, a comida, os grandes feitos arquitetônicos. Paris era destino certo da elite, que buscava o antigo, a tradição, o ilustrado, a civilização, o culto e o belo. Mas, se Paris era tão admirada, não deixamos de observar a exceção com Anísio Teixeira que sugere outra imagem fugindo àquela consagrada pela literatura universal de Cidade Luz.

Não é apenas Anísio que se decepçiona com a vida de uma grande metrópole. Muitos outros intelectuais, artistas, escritores, poetas terão a mesma reação. As cidades sofriam uma reforma na sua estrutura política, física, e social. Representavam a cristalização de um novo modo de viver e ver o mundo: os cafés, bares, teatros, holofotes, galerias, luxo, compras, destilava-se e vivia-se o novo.

Várias cidades europeias, na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX vão passar por reorganização de seus espaços.

¹⁰⁰TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem à Europa*. Lisboa, 1925, 56 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC. Grifos do autor.

Especialmente na França, a urbanística desempenhou importante papel neste novo ciclo de reformas.

De acordo com Menezes (2004), a partir da Revolução Inglesa e, em especial, no século XIX, o desenvolvimento das cidades muda de ritmo não mais para acompanhar as badaladas dos sinos nos mosteiros, mas o tic-tac do relógio mecânico. O crescimento obedece às normas ditadas pelas necessidades econômicas de produção de mercadorias, e não simplesmente de trocas. Aparece, então, a cidade moderna, afastada do mundo religioso e condenada a se erigir à beira dos muros da fábrica, com a fumaça das chaminés a encobrir os campanários das antigas igrejas e o relógio das indústrias a regular o tempo nas ruas. A arquitetura do passado cede rapidamente terreno a formas e contornos do mundo da produção e do trabalho.

Os habitantes da cidade moderna, segundo o autor, parecem estar condenados ao progresso, levados pelo vento que sopra rumo ao paraíso. A velocidade das mudanças provocadas por intervenções no espaço urbano deixa-os aturdidos, e a cidade – antes um sonho de progresso material e espiritual – não passa agora de um enorme bloco de concreto gelado, um pesadelo que levam todos a correrem em direção às enormes grades de ferro protegendo suas casas.

Inicialmente no século XVIII, com continuidade ao longo dos séculos, a destruição e a reconstrução das cidades não cessaram. Estas que até então conservavam uma aparência medieval, com suas ruelas sujas e esgoto escorrendo a céu aberto, concede espaço a grandes avenidas e mudanças na sua paisagem, favorecendo o passeio, as visitas, o turismo ou a *flânerie*.

Entre 1853 e 1870 o barão George Eugène Haussmann, – funcionário público, engenheiro, homem ambicioso, foi o escolhido pelo Imperador Napoleão III para realizar as reformas urbanas na capital francesa. Paris passou por uma grande reforma planejada, que mudou as concepções de urbanismo. Esta modernização transformou não só os lugares, mas também as pessoas e as relações entre elas.

Para Benjamin (1985), Baudelaire via com profundo descrédito as teorias do progresso. Em seu ensaio *Exposição universal de 1855*, este autor denuncia e critica veementemente o progresso, que destrói referências, fazendo

tábua rasa do passado. Ele quer preservar suas referências do passado, a aura; resguardar a experiência de qualquer crise – a fim de preservá-las das intempéries vindas do novo cenário urbano.

Segundo Benjamim (1994 a) é o próprio Baudelaire quem funda uma poesia voltada para a cidade e oriunda dela, escrevendo sobre a Paris das primeiras décadas do século XIX, uma cidade grandiosa, planejada, urbanizada, que passa durante a vida do poeta por várias transformações, centro da produção intelectual e cultural e pólo irradiador de ideias na época. A face da Paris revelada pelo autor é caótica e opressora, apresenta claramente aquele caráter dicotômico apontando para a atração e a repulsa.

As mudanças nas grandes cidades estavam transformando o ser humano em um andróide incapaz de produzir experiência, conforme Benjamin (1994 b). O autor busca compreender por que a poesia lírica do século XIX não mais era apreciada pelo grande público. Para Benjamim, o fato é que essa poesia não apelava à experiência do leitor, porque ela havia mudado, e o poeta – exceto Baudelaire – não se dera conta disso. Único ainda a ter sua obra lírica apreciada, ele soube ligar sua vida e poesia a de seus contemporâneos; e Benjamin lê nesta poesia a própria angústia de ver a técnica e a modernidade destruírem a tradição, a perda da humanidade frente à industrialização e urbanização do mundo.

O dia-a-dia do habitante da cidade grande, de acordo com Benjamin (1995) está um caos. A sua vivência não pode transformar-se em experiência. O declínio da narrativa ajuda a explicar a atrofia da experiência: ao passar da antiga forma de narrativa para a informação e desta para a sensação, perde-se o elo entre o narrador e o ouvinte, e a comunicação se perde. A antiga forma de narrativa – tão cara a Benjamin – não tinha a pretensão de transmitir um acontecimento, mas integrá-lo à vida do narrador, que seria passada ao ouvinte como experiência.

Assim como Benjamim, Anísio faz uma reflexão da vida nas grandes cidades, as mudanças nela ocorridas, o desenvolvimento e todo o seu aparato modernizador. Compara o espírito da humanidade nas grandes cidades ao espírito que reina na guerra. A modernidade aparece como um projeto irresistível e avassalador.

O estado de espírito da humanidade hoje, nas grandes cidades é semelhante ao estado de espírito que continua reinar na guerra. Um homem que esteja condenado ao drama formidável e que faça a guerra com essa persuassão instintiva que é aquella a ultima cartada que elle joga, perde systematicamente a esperança. As suas reservas de virtude e de força se misturam no único esforço definitivo que exigem delle. Todas as preocupações de futuro desaparecem, para apenas predominar a preocupação do presente admirante. Nos momentos de permissão, esse homem não procura divertir-se. E' muito vulgar a diversão para a sua vida tecida no drama e no sangue. Procura esquecer, anesthesiar-se, usar de todos esses succedaneos dos delirios das felicidades pacificas e tranquillias. A noite do homem moderno é o seu momento de permissão na lucta formidável. Por que admirar as allucinações dessas noites se sabemos quaes são as realidades dos dias?¹⁰¹

Próximo destino de Anísio: Estados Unidos. Agora as suas observações e escrita não serão mais sobre as cidades e sim sobre os sujeitos. Isso se justifica pela intenção de sua viagem. Ele não se desloca a lazer, a peregrinação, passeio, mas sim a um trabalho de observação e análise da sociedade, política, cultura e educação norte-americana. As suas observações iniciam-se a bordo na cotidianidade do navio:

O primeiro contacto com a America atravez deste navio, se tem sido um curto e pequeno contacto, não deixa de ser expressivo. Vivo entre um povo cordial e frio. No fundo é a eterna mola que faz com que tudo seja exacto, automatico, machinal, neste paiz¹⁰².

O outro contato é por meio da obra de Henry Ford. Segundo Anísio a obra de Ford, *My Life and Work* é bem uma preparação para visitar o país americano. Não conhece livro que produza uma profunda e positiva impressão de otimismo e confiança.

Acabo de ler a obra de Ford, My Life and Work, que é bem uma preparação para visitar o pais americano. Não conheço livro que procura uma mais profunda e positiva impressão de optimismo e de confiança. Como as grandes obras de lucidez e clarividencia, não ha nesse livro logar para as phraseologias, o sentimentalismo, as hesitações. Tudo está tão unido, tão cerrado, tão nítido, que lembra a obra de Henry Ford um desses tratados definitivos sobre determinados assumptos, um desses livros que jorram uma tal

¹⁰¹ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan American, 1927, 50 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

¹⁰² Idem.

quantidade de lus e verdade incontestáveis, que para sempre ficam como a pedra angular do assumpto, que poderá ser enriquecida de comentários, accrescida de detalhes – mas, sobre que sempre se há de apoiar a razão humana¹⁰³.

Anísio faz uma comparação dos livros de Ford e Inácio de Loyola. São obras radicalmente diferentes, uma de um industrial e outra de um religioso. Assim, é possível observarmos uma mudança operando no pensamento de Anísio. Antes aparentando um devaneio à religião, à tradição e bons costumes assolapados pela modernidade e a técnica. Agora valorizando por igual o campo religioso e o campo industrial.

Em campos diversos – na vida espiritual um; na vida industrial, outro; - dois livros deram-me essa sensação de plenitude, de profundo accôrdo, de inexistência de duvida – Os exercícios espirituais de Ignácio de Loyola; My Life and Work de Henry Ford. Ambos tem esse traço característico de unidade, de equilíbrio, de ligação que marca as obras que descobriram o contacto com a realidade. Esse realismo essencial, indestrutível que define a verdade e lhe dá essa força de golpe, de arremesso, com que taes livros nol’a communicam¹⁰⁴.

Depois de suas leituras, o viajante passará às observações. Compara, admira, estranha e entende o estrangeiro como diferente. Constrói uma narrativa que pretendia dizer quem é o “outro”. Na fenomenologia existencial de Sartre (2001) olhamos pra fora, observamos o “outro” e só assim somos capazes de voltar a nossa interioridade e conhecer a nós mesmos. É o “outro” que me identifica e julga.

Quem será esse “outro” tão diferente que causa fascinação e repulsa em Anísio Teixeira? Na medida em que críticas são feitas aos americanos, o viajante busca sempre a comparação com o seu padrão cultural tendo como referencial a cultura europeia.

É possível entender três momentos na narrativa de Anísio. A primeira trata das qualidades dos sujeitos observados, exaltações e admirações não faltam; a segunda demonstra estranhamento e receio por suas ações e a

¹⁰³ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan American, 1927, 50 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC. Grifos do autor.

¹⁰⁴ Idem.

terceira vai trazer a tona os defeitos, considerados pelo viajante como repugnante, pois é o contrário de si, o que aprecie e acredita ser o correto.

O olhar, segundo Sartre (2001) não é neutro, ele avalia e atribui julgamentos de valores que são, ao mesmo tempo, verdadeiros e falsos. Assim é possível dizer que elementos ficcionais e reais estavam presentes na escrita de Anísio.

No navio em que Anísio viajava havia povos de várias nacionalidades – argentinos, franceses, filipinos, mexicanos, dentre outros. No entanto, o seu olhar volta-se somente ao povo americano. Com que olhar ele observa esses sujeitos? Um olhar subjetivo, objetivo, crítico, reflexivo, preconceituoso, atento, desatento ou investigativo? Todos eles.

De acordo com Anísio, o americano tem a liderança do mundo pelo trabalho e pelo progresso. Isso o leva a analisar a sua realidade, a realidade do Brasil, contrária dos Estados Unidos. Dessa forma, o exemplo americano de sociedade, cultura, educação e trabalho são referenciais e modelares.

Anísio reconhece a si como pertencente aos povos latinos, cismadores e tristes, diferente dos americanos, alegres e humorados. Porém, há um segundo momento da narrativa que o viajante reconhece os defeitos dos americanos: “Elles são uma tal demonstração de energia que se torna o seu ambiente, levemente arrogante, insolente, indesejável¹⁰⁵.”

Percebendo o diferente, o viajante passou a enxergar a si também como um diferente, e entender que havia pessoas com tradição e educação distinta da sua. A cultura europeia aprendida em família e nos colégios jesuítas, passa a não ser o único referencial. Existiam outros costumes, mesmo que esses fossem uma desestruturação do então acreditado e aceito.

Anísio sempre estava atento aos acontecimentos cotidianos a bordo envolvendo os americanos. Seguia pistas, vestígios, descrevia, analisava, comparava, expressava de modo indireto uma imagem do americano. Sempre atento, vendo, ouvindo, presenciando, atestando e registrando o que dizia respeito a esses sujeitos.

Ele tentou reproduzir na sua escrita o *como são, o que são, o que fazem, como fazem* esses sujeitos. Por uma parte ínfima de americanos

¹⁰⁵ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan American, 1927, 50 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

presentes no navio tentou reconstruir uma sociedade de americanos, evidentemente que suas leituras sobre esse povo o ajudaram na sua reconstituição.

Apesar de suas atentas observações, Anísio se deixou levar pelas aparências. Um contato de duas semanas entre pessoas dentro de um navio não daria conta para afirmar algo sobre alguém. Anísio também não levou em conta o contexto situacional, as emoções e os sentimentos ali vividos. O que ele dizia serem aqueles americanos, não se resumia entender que todos os americanos eram e agiam daquela forma.

O que o viajante registrou não é uma verdade incontestável, uma autenticidade dos fatos, mas sim uma versão, fragmentos da realidade. Ele produziu, em certo sentido, uma pequena história situacional dos sujeitos. É possível dizer que ele “inventou” o jeito, a maneira de ser do americano.

Inicialmente o observador atenta para as características físicas e psicológicas desse povo. Segundo ele os americanos não conversam, riem. Em sua mesa encontra-se uma senhora, muito alegre, muito risonha, o que nada falta “para ser uma legítima americana, nem a nasalidade de uma lingua difficilima de perceber; nem a liberdade masculina de conversar; nem essa energia amarga de uma raça forte e positiva”¹⁰⁶. Ao seu lado senta-se um americano moreno, cuja origem não descobre e que tem uma “socegada e tranquillia alegria, sem irritações e sem difficuldades”¹⁰⁷. “Um americano de origem francamente alemã, mas participante desse bom humor nacional”¹⁰⁸, se encontra junto do viajante. Do outro lado, um senhor moço, “também alegre e tambem pratico”¹⁰⁹. No centro, o engenheiro chefe de bordo: “um velho, de rosto liso e energia intacta, de riso contente e fácil”¹¹⁰. E por fim, Anísio faz uma consideração:

Como se vê o primeiro traço que percebo do americano é o da satisfação. Dahi, esse aspecto raro: não vejo nenhum americano antipathico. Todos têm essa alegria um nadinha mechanica e como artificial, mas que lhes dá um ar de sympathia, de victoria¹¹¹.

¹⁰⁶ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan American, 1927, 50 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

¹⁰⁷ Idem.

¹⁰⁸ Idem.

¹⁰⁹ Idem.

¹¹⁰ Idem.

¹¹¹ Idem.

Para dizer o “outro” Anísio também dispõe da comparação, a sua escrita é repleta de elementos comparativos. Compara seus companheiros de navio, os americanos, aos latinos-americanos. Evidentemente que exalta as qualidades do primeiro em detrimento do segundo:

Fasem a vida com esse bom humor, esse calculo, essa acceitação que os impede de estar tristes. Ha, em tudo, para nós um pouquinho de montagem. Para elles – entre o espirito que fomos, por veses, em uma funcção, em um dever, e o que temos diante da vida, em geral, não ha differença. Esse fundo de sonho, de hesitação, de inconsciencia, de mysterio que nos faz a nós latinos – scimadores e tristes – elles não o conhecem, nem o querem conhecer. O lado positivo, o footh da vida, os absorve e lhes basta. Reflectindo-se, vê-se que elles tem rasão. Mas, os americanos têm sempre rasão, sempre lógica – o que não quer dizer que tenham da vida o seu sentido completo e difficil¹¹².

Continuando as suas observações e registros, o viajante diz que nos passeios do tombadilho, ou reunida nos salões, ou animada pelo prazer do esporte e da dança – é sempre a mesma sociedade satisfeita e a vontade, superiormente instalada na vida, divertindo-se com ruído, alegre e satisfeita. “É uma raça unificada. Pode se assim resumir o conceito que se poderá fazer sobre esse grande povo, que vive a vida com a precisão e a dignidade de uma machina”¹¹³.

À medida que os dias vão se passando dentro do navio, Anísio começa a conhecer mais sobre americanos. Num primeiro momento, exaltava somente as suas qualidades, depois estranha algumas atitudes, e por fim, reconhece os seus defeitos.

A satisfação, a falta de etiqueta e de formalismo, a sobriedade (um unico prato em cada refeição), a marcha forte, atirada, de arremesso, que se torna visível sobretudo entre as mulheres, a facilidade infantil de se distrahir, a completa ausencia de espirito, no sentido latino da palavra, o gosto dos sports e da dança (que alias parece-me menos intensa) são as linhas em que se encaderna este povo, que se pretende e que tem de facto a liderança do mundo¹¹⁴.

¹¹² TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan American, 1927, 50 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC. Grifos do autor.

¹¹³ Idem. Grifo do autor.

¹¹⁴ Idem.

Anísio narra fatos considerados estranhos. Assim registra um pequeno incidente que lhe revelou a natureza do americano. Ao chegar à sala de jantar, o garçon indica o seu lugar. Chegam os demais companheiros de mesa e então o garçon apresenta-lhes como um verdadeiro mestre de cerimônia. Os americanos apertam-lhe a mão afetuosamente. Contava ter por aí adiante verdadeiros amigos, mas, Anísio se decepçiona:

Nada disto. Cumpriram praticamente, machinalmente aquelle dever – e acabou-se. Depois, o cumprimento sempre muito cordial não tem faltado, mas fica ahi. E a conversa da mesa transcorre entre os patrícios – muito cheia de risos e quase sem palavras¹¹⁵.

Outro episódio ocorrido surpreende Anísio. Ele descreve uma sessão de luta de box. Participavam da luta jogadores franceses, americanos e filipinos. “Venho desta reunião, e os meus nervos ainda estão a tremer da violência e dessas luctas humanas”¹¹⁶. O sangue escorria das faces dos jogadores e “havia, nos ultimos rounds essa lentidão penosa e violenta dos esforços máximos”¹¹⁷. Tudo era assistido com risos, alegria e festa. “E’ um traço característico desse povo essencialmente forte. Como tudo isto se coordena com o hard book que podia ser a divisa da gente americana”¹¹⁸.

Em tudo e para tudo levam eles esse superávit de energia e essa ausência de falso sentimentalismo, diz Anísio. Finalizando sua narrativa, acredita que a sessão não foi interessante, porém, ficou registrado essa documentação dos bons nervos americanos. “Não surprehende. Mas, o observador estima essas confirmações”¹¹⁹.

Agora há uma inversão, ou uma nova versão de olhar o sujeito americano. O registro das qualidades dessa gente é deixado de lado e os defeitos são postos à vista. De acordo com Hartog (1999) o princípio da inversão é uma maneira de transcrever a alteridade, tornando-a fácil de apreender no mundo em que se conta. Entretanto, pode funcionar também

¹¹⁵ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan American, 1927, 50 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

¹¹⁶ Idem.

¹¹⁷ Idem. Grifo do autor.

¹¹⁸ Idem. Grifo do autor.

¹¹⁹ Idem.

como um princípio heurístico, permitindo compreender, considerar, dar sentido a uma alteridade.

Anísio não deixa de reconhecer os defeitos dos americanos, apesar de sua admiração por eles. Estranha esse “outro” que lhe parecia tão querido, agradável e cheio de virtudes, pois segundo Hartog (1999, p. 231) “a inversão é uma ficção que faz “ver” e que se faz compreender”.

Mas a sua falta de...formalismo, a sua sans façon é realmente de arrepiar. A’ noite, ao jantar, as toilettes...Santo Deus! Ha os calções de cyclistas, os casacos de sports mais variados, os colletes de lã a dispensarem casacos, ha as combinações mais insolentes e mais grotescas que se podem imaginar! Hoje havia um que trasia smoking e calça branca enxovalhada. Aos jantares, é commum tomar a palavra um dos senhores e dizer pilherias, sob pretexto de annunciar qualquer cousa, que ficam perfeitamente bem em um palhaço. Outro, lembra-se de cantar qualquer cousa, em pleno jantar e é, vivamente applaudido. E toda essa gente vive a bordo como se estivesse em sua casa. Pela manhã enche-se a piscina. Toma-se café. Ou melhor, almoça-se, e de verdade. Lê-se, conversa-se, passeia-se. As 11 /12, corridas de cavallos. Aposto-se. Lancha-se as 13 horas. Ha jogos sportivos até as 18. As 19 janta-se. Até as 23 dança-se ou então ha alguma sessão especial, como ontem, a de Box. Como amanhã em que haverá baile de mascaras. Confirma-se, para mim, aquella theoria dos American Shocks. Dentro dessa cordialidade esse povo repelle as qualidades mais delicadas do espirito, por serem fracas¹²⁰.

Apesar desse olhar negativo sobre os sujeitos americanos, que segundo Anísio, tem a liderança no mundo pelo dólar, pelo trabalho, pela ciência, pela técnica e pelo progresso, ele faz uma observação:

Não nos precepitemos, porem. Continuo a supportar as suas pisadas de soldado em marcha diante de minha cadeira de bordo, as suas ruidoras expansões para que me seja possível conhecer alguma cousa dessa extraordinária alma americana¹²¹.

Finalizando suas reflexões sobre o povo americano, Anísio diz que se continuasse as suas observações de bordo, “seria indispensavel fixar aqui alguns typos bastantes característicos, dentre os habitantes desse pequeno

¹²⁰ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan American, 1927, 50 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC. Grifos do autor.

¹²¹ Idem.

mundo, de breve duração, mas tão interessante, de um navio”¹²². No entanto, não se destina a tais observações. Basta para o viajante “o traço geral”¹²³.

Viajar além de comparar, também é refletir. É estar com os olhos aguçados e os ouvidos bem abertos para recolher impressões produzidas por estes sentidos, a visão e a audição, permitindo um constante pensar o “eu” e o “outro”, o igual e o diferente e buscar compreender o porquê das diferenças.

O que cada um observa e registra é resultado da maneira, do lugar e do momento situacional que se escolhe ver. Nesse olhar, muitas vezes está embutido crenças culturais, religiosas, costumes, hábitos, formas de ser, de agir e sentir, tensões, opiniões, desejos e sentimentos. O olhar não é linear, tem muitas direções, curvas e obstáculos.

Além de que, cada um tem a sua própria forma de ver as coisas e o seu ponto de vista, como tal, não conseguimos obter uma análise integrada da realidade, apenas uma realidade inteligível. E as interpretações de uma determinada coisa ou sujeito podem e são as mais diversificadas possíveis. A realidade é móvel e sua percepção depende da visão de quem a lê/vê.

Se na viagem à Europa, Anísio se mostrava apegado ao tradicional e durante o seu percurso a bordo em viagem aos Estados Unidos apresenta uma oscilação na forma de pensar, ora admirando o moderno, mas condenando os gestos considerados grosseiros de sujeitos modernos, quando volta dos Estados Unidos, adere ao novo e a modernidade com um profundo entusiasmo. Isso é possível observar no seu relatório de observação das instituições educacionais norte-americanas, que será analisado no capítulo seguinte.

¹²² TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan American, 1927, 50 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

¹²³ Idem.

III capítulo

“Aspectos americanos de Educação”: registro de uma experiência

3.1 – *Relatório de observações escolares: dispositivos formais e textuais*

Nesse terceiro capítulo iremos analisar o relatório de Anísio. Ele foi um produto de seus estudos em sistemas educativos na América do Norte. Na verdade trata-se de um livro, teve duas edições no ano 1928 e possui todas as características e convenções tipográficas de um (formato, capa, contracapa, título, páginas, índice, notas, capítulos, etc.).

Inicialmente, esse relatório não tinha fins comerciais, ele foi distribuído gratuitamente pela Diretoria de Instrução Pública da Bahia às Escolas Normais e bibliotecas no intuito de apresentar o sistema de ensino norte-americano e as idéias de educação e democracia do filósofo Dewey.

Dessa forma, entendemos que a sua publicação tinha uma intencionalidade, produzido para um tipo de leitor específico, os professores e alunos da Escola Normal. Segundo Moraes (1996, p. 43), para que um autor “produza um texto ele deve ter uma concepção do leitor ideal e os efeitos que deseja provocar neste leitor. O nível das representações está na base da confecção do texto”.

Possivelmente, a intenção do diretor da instrução pública, Anísio Teixeira, era que os mestres e futuros mestres baianos entrassem em contato com as técnicas, os métodos e uma organização educacional considerada ideal, e, apropriando-se desse novo modelo, virem a praticá-lo de um modo parecido nas escolas da Bahia.

Ao longo dos tempos, diversas iniciativas pensaram nos professores como alvo de investimentos. Exemplos disso são os manuais pedagógicos, os relatórios de viagem publicados, as revistas de ensino, os jornais especializados e outros tipos de escritos sobre educação no intuito de fazerem os professores entrarem em contato permanente com outras teorias e experiências, as quais, segundo Catani (1994) constituíram um corpo de conhecimentos mundialmente compartilhados.

Ao examinarmos um material impresso (livros, revistas, jornais, manuais, etc.) devemos procurar compreender não apenas o seu conteúdo, mas também voltarmos nosso interesse para as suas características, convenções

tipográficas e os múltiplos dispositivos editoriais e protocolos de leitura que são produzidos estrategicamente pelos autores e editores na intenção de produzir uma concepção de leitor.

No relatório identificamos alguns dispositivos de leitura no sentido de impor uma justa compreensão do texto, pois de acordo com Chartier (1990 b, p. 17) “não devemos ignorar os processos através dos quais um texto faz sentido para aqueles que lêem”.

Uma advertência procura levar o leitor a corrigir os possíveis erros encontrados ao longo da obra e com um conselho: “O leitor inteligente corrigirá outros pequenos enganos”¹²⁴. Essa frase é um lugar comum que autores utilizam para manifestar humildade e cativar o leitor.

As imagens com legendas explicativas visavam reforçar no leitor as ideias contidas no texto. Todavia, é preciso lembrar a fotografia como uma realidade própria, não correspondendo necessariamente à realidade do texto escrito. Trata-se de uma segunda realidade, construída, codificada, sedutora em sua montagem e estética, de forma alguma ingênua, mas que é o elo material que representa de certa forma o assunto, observa Kossoy (2002).

O índice/sumário tem por objetivo mostrar a organização das temáticas do relatório. Os títulos antecipadores e as notas preliminares intencionam apresentar ao leitor uma ideia geral e a razão do assunto a ser desenvolvido.

Não se fala aos leitores somente por meio de texto. Segundo Chartier (1990 a, p. 123) “o leitor é, sempre pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, uma compreensão correcta, a uma leitura autorizada”. Esses profissionais utilizam várias estratégias, umas explícitas – como prefácios, apresentação, índice, advertências, glosas e notas e outras implícitas – fazendo do texto uma maquinaria no sentido de impor uma justa compreensão.

A primeira parte do relatório sob o título “Fundamentos de Educação”, contém 58 páginas e se dividi em quatro capítulos. Aqui encontramos o gênero¹²⁵ resumo, que é uma apresentação concisa e

¹²⁴ TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos Americanos de Educação*, 1928, p. 4.

¹²⁵ A expressão gênero, como observa Marcuschi (2003), sempre esteve na tradição ocidental, especialmente ligada aos gêneros literários, mas já não é mais assim. Atualmente é possível usar o gênero

frequentemente seletiva de um texto, pondo em relevo os elementos de maior interesse e importância.

Anísio se valeu do resumo para apresentar de forma concisa o pensamento de Dewey sobre educação, democracia, métodos e currículo. A ação de resumir pressupõe, conforme Matêncio (2003, p. 9) “selecionar macroproposições, relacioná-las em função dos propósitos atribuídos ao autor do texto-base ou dos propósitos de uma nova proposição”. Ao transformar um texto em outro, Anísio realizou uma retextualização, que para Marcuschi (2001, p. 46) “envolve operações complexas interferindo tanto no código como no sentido”.

Primeira parte do relatório

Capítulos	Aspectos tratados por Anísio
Capítulo I – Sentido actual de educação	<ul style="list-style-type: none"> - Os vários tipos de educação: informal/formal, do meio, compulsória, coercitiva, pela prática - Imaturidade e desenvolvimento infantil - Teorias educativas
Capítulo II – Educação e Democracia	<ul style="list-style-type: none"> - Sobre democracia, democracia e educação norte-americana - Como se caracteriza uma sociedade democrática segundo Dewey - A educação segundo Dewey - A educação segundo Rousseau
Capítulo III – Do Methodo em Educação	<ul style="list-style-type: none"> - O interesse - A aprendizagem se dá pela experiência - O método - A matéria de ensino para o professor e para o aluno - A sociedade americana - Não se deve transmitir ideias e pensamentos diretamente às crianças
Capítulo IV – A reconstrução do curriculum escolar	<ul style="list-style-type: none"> - A função da escola - O movimento educativo na América do Norte - O currículo da escola colonial - A escola deve abranger todas as culturas e sociedades - A moderna teoria educativa está voltada à infância

No primeiro capítulo o assunto abordado é o sentido da educação. Segundo Anísio a educação não pode provir do simples contato com as coisas, ou pessoas, mas de uma participação “nas actividades comuns, participação que nos faz compreender cousas, acontecimentos e actos à luz do seu actual

sentido social” (p. 18). Anísio acredita que a instituição escolar deve prover um meio no qual experiência se realize no círculo mais amplo possível. A educação deve significar uma libertação e não uma compulsão e a mesma é o processo de reconstrução e organização da experiência.

No segundo capítulo as temáticas tratadas voltam-se à educação e democracia. De acordo com Anísio, a democracia ganhou na América um sentido mais amplo do que o seu originário sentido político, significando uma nova experiência de vida, cujas conquistas estão longe de serem concluídas.

No terceiro capítulo o assunto volta-se ao método em educação. Anísio critica a educação escolástica e observa que as crianças devem ser postas em contato com uma real situação de experiência, cujo desenvolvimento lhe seja necessário pensar, refletir, raciocinar. Na teoria americana de educação, pensar é o método do ensino inteligente, diz ele.

O quarto capítulo refere-se à reconstrução do currículo e para tratar desse assunto, Anísio recorre novamente a Dewey. O movimento educativo ganhou na América seu definitivo impulso e sentido com a publicação do trabalho de John Dewey - “The Educational Situation” (1902). Paralelo a essa obra, crescia nos Estados Unidos um movimento com vista a ajustar a escola aos novos princípios, métodos e à nascente ciência da educação progressiva.

John Dewey (1859-1952) doutor em filosofia pela Universidade de Johns Hopkins, (Baltimore, USA), elaborou uma filosofia pragmatista, conhecida nos Estados Unidos como a “Escola de Chicago”. Esta teoria tem como eixo central o interesse de base psicológica gerado por situações da experiência de vida no ambiente social (CAMBI, 1999).

Em nota preliminar a esta primeira parte do relatório, Anísio traz um comentário sobre Dewey explicando o objetivo pelo qual é apresentado um breve resumo de suas idéias.

John Dewey é, na América, o filósofo que mais agudamente traçou as theorias fundamentaes da educação americana. A nenhum outro pensador é dado alli um lugar tão saliente na systematização da theoria moderna de educação. Apresentar, pois, na Bahia, em um breve resumo, tão fiel quanto me foi possível, as ideais com que Dewey fixa o actual sentido de educação, pareceu-me meio talvez favoravel, para despertar um interesse concreto pela revisão de nossas próprias concepções¹²⁶.

¹²⁶ TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos Americanos de Educação*, 1928, p. 9.

Esta frase para Mignot e Gondra (2006) é muito significativa e John Dewey é um nome que representa um universo intelectual, uma assinatura, uma marca, um ponto de vista, uma forma de reflexão à qual Anísio Teixeira presta homenagem, assumindo sua adesão e disposição em ampliar o auditório social deste educador e filósofo norte-americano.

Uma das razões que levaram Anísio a dar visibilidade ao pensamento de Dewey foi por considerá-lo o escritor que mais acertadamente conseguiu teorizar sobre educação. Ele tratou de uma educação “não para uma classe privilegiada, mas para todos os homens”¹²⁷.

Segundo Anísio, Dewey concebeu a educação como um processo de contínua reconstrução da experiência humana. A experiência é então compreendida como uma atividade permanente, um agir e reagir, conduzindo à reflexão e ao conhecimento. Vida, experiência e aprendizagem não podem estar separadas. Com base nesse entendimento Dewey propôs a organização da escola em torno de atividades presentes na vida em sociedade. A sala de aula deve ser um lugar em que essas atividades possam ser analisadas e transformadas continuamente.

Dewey propôs um método de ensino baseado no processo da pesquisa. A pesquisa deve surgir de uma motivação interior propiciando o aparecimento de um problema durante uma atividade contínua na qual o aluno esteja interessado. É necessário que o mestre ofereça condições para os discípulos elaborarem as próprias certezas, os próprios conhecimentos, as próprias regras morais.

O professor deve apresentar os conteúdos escolares na forma de questões ou problemas e jamais dar de antemão respostas ou soluções prontas. Em lugar de começar com definições ou conceitos já elaborados, deve usar procedimentos que façam o aluno raciocinar e elaborar os próprios conceitos para depois confrontar com o conhecimento sistematizado.

Este pensamento de Dewey esteve relacionado com o novo projeto de escola, cuja proposta era desmistificar a ideia de que existe uma dissociação entre a escola e a vida; mostrar que o ensino deve estimular a iniciativa, promover as condições para a exploração do interesse; fornecer um ambiente

¹²⁷TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos Americanos de Educação*, 1928, p. 35.

propício às atividades educativas, ou seja, a escola deve oferecer um ambiente de oportunidades, sem o qual se torna muito difícil apreenderem o interesse dos alunos.

Os movimentos em torno das chamadas escolas novas foram reproduzidos em vários países europeus (Rússia em 1859, Inglaterra e França em 1899, Alemanha em 1900). Recebeu várias denominações como pedagogia ativa, escola ativa, escola nova, escola do trabalho e pedagogia progressista. Nos EUA, este movimento teve uma orientação definida em torno da pedagogia de J. Dewey que, em 1896 criou e dirigiu em Chicago a primeira escola experimental norte-americana sob esta orientação (CAMBI, 1999).

O pensamento de Dewey sobre educação havia impressionado e conquistado Anísio Teixeira por tratar da igualdade, da democracia, da educação como direito de todos. De certa forma, essas questões eram novidades para Anísio que crescera cercado de privilégios, tivera uma formação escolástica e presenciara em seu país uma educação notadamente diferenciada para ricos e pobres.

A segunda parte do relatório sob o título Aspectos “Americanos de Educação” contém 106 páginas e é dividida por instituições e órgãos visitados: Anísio visitou escolas rurais (escolas secundárias rurais consolidadas de Flamington e escolas rurais em Maryland), duas escolas normais (a Escola Normal de Towson e Collegio Normal de Farmville), uma escola para negros (o Instituto de Hampton, na Virgínia), duas escolas secundárias (a Wilson Junior High School e a Colinwood High School em Cleveland), uma escola elementar do tipo experimental (a escola “Platoon” em Detroit), uma escola de agricultura (o Collegio de Agricultura no Estado de New York), o Órgão Federal de Educação na América (o Bureau de Educação), a Associação Nacional de Educação e o Departamento Estadual de Educação em Richmond.

Segunda parte do relatório

Instituições e órgãos educacionais visitados	Aspectos observados por Anísio
Escolas secundárias rurais consolidadas e isoladas em Flamington	Descrição física da escola, programas flexíveis, o currículo dos cursos, as aulas, Associação municipal de Pais e Professores, escola de um só professor, o inspetor auxilia o professor, lições, bibliotecas
Escola rurais em Maryland	Finanças escolares, métodos, Associação de Pais e Mestres
Escola Normal de Towson	Características físicas, recrutamento dos alunos, matrícula, valorização do professor primário, organização da escola, o currículo, aulas, método, a biblioteca
Collegio Normal de Farmville	Características físicas da escola, os métodos de ensino, cursos extra-escolares, programas e cursos, currículo
Escola para negros (o Instituto de Hampton, na Virgínia)	Características físicas do instituto, objetivos, métodos e resultados, administração e finanças, sistema de trabalho, disciplina e self-government, dormitórios, organização escolar
Escola secundária Wilson Junior High School em Cleveland	Organização escolar e currículo
Escola secundária Colinwood High School em Cleveland	Características físicas da escola, currículo, vida dos estudantes, a escola vocacional
Escola elementar do tipo experimental (a escola “Platoon” em Detroit)	Organização escolar, programas, métodos de ensino, organização do ensino
Escola de agricultura (o Collegio de Agricultura no Estado de New York)	Organização do colégio, organização do ensino, serviço de extensão, serviço de pesquisas
Órgão Federal de Educação na América – O Bureau de Educação	Objetivo desse órgão, atividades
Associação Nacional de Educação	Objetivo desse órgão, atividades, a Semana de Educação
O Departamento Estadual de Educação no Sul (em Richmond)	O serviço escolar, direção, centralização

Nessa segunda parte, Anísio mostra-se mais analítico e o gênero presente é o relato, que tem por objetivo trazer um levantamento de informações sobre algo. No relato a escrita é mais disciplinada, detalhada e objetiva. No entanto, há muito do ponto de vista e maneira de pensar do relator. Ele ocupa a posição de observador, examinando uma realidade, selecionando o que vale ser registrado, fixado, tornado visível. O assunto é abordado de forma a destacar o ponto de vista do enunciador.

Alguns aspectos das instituições educativas americanas observadas chamaram mais atenção de Anísio Teixeira: as características físicas, a organização escolar/ensino, os programas/currículos e os métodos de ensino/metodologia.

Anísio apresenta o ambiente físico educacional americano: vastos edifícios, instalações adequadas, oficinas para trabalhos (manuais, agrícola, mecânica e elétrica), ginásio amplo, banheiros com as devidas instalações sanitárias, oficinas de cozinha e costura, refeitório amplo e acomodativo, salas de aulas amplas, gabinetes de química e física, laboratórios de ciências e história natural, bibliotecas em excelentes condições de uso, belos jardins, pátios espaçosos e uma exuberante paisagem. A organização escolar é bem elaborada. Os programas dos cursos são flexíveis, permitindo uma adaptação às diferentes exigências e necessidades. Os métodos de ensino envolveram de simples memorização de livros à participação ativa dos alunos.

Em nota preliminar a esta segunda parte, de acordo com Anísio, foi somente após ter realizado cursos na Universidade de Columbia, que empreendeu uma viagem de estudos por vários estabelecimentos de ensino do país americano:

Antes de deixar aos Estados Unidos da América, como ilustração complementar aos cursos que me foi dado fazer, na Columbia University, empreendi uma excursão de estudos, visitando diversos estabelecimentos de ensino em vários pontos do país. Dou, a seguir, de minhas observações, nessa excursão, um breve relato¹²⁸.

Aqui é a tentativa de Anísio apresentar, relatar, descrever, partilhar o que presenciou e as suas opiniões, posições e sensações em relação a sua experiência. Na qualidade de intelectual empenhado na reforma da sociedade por meio da educação, ele busca entender o funcionamento das instituições educacionais observadas. O relato da excursão de estudos que faz se organiza de modo a tornar visíveis as condições intelectuais e materiais do sucesso das escolas norte-americanas.

No item a seguir faremos uma análise desse modelo de educação considerado ideal, e a crença era que ele seria a solução para a organização da educação de um país. Anísio nos apresenta por meio de um discurso comparativo e de imagens fotográficas um projeto diferenciado de escola, professor e aluno.

¹²⁸ TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos Americanos de Educação*, 1928, p. 64.

3.2 – *Representações de um modelo educacional “ideal”: um projeto diferenciado de escola, professor e aluno*

No seu relatório Anísio apresenta sempre um discurso positivo da educação americana. As palavras-chave do mesmo são democracia, renovação, mudança, modernidade, eficiência, inovação, criatividade, socialização, técnica, industrialização. Observamos assim, uma retórica da perfeição.

A sociedade e a educação americana moderna, segundo Anísio, é o resultado de uma ampla experiência democrática e de uma revolução industrial, que fez estalar todas as bases sociais estáticas do passado. A vida americana é “essencialmente dinamyc, não de um dinamismo verbal tão a gosto de certa retórica modernista, mas de um dinamismo consciente e voluntario, produzido por uma força visível e formidável – a industria”¹²⁹.

Esse pensamento de Anísio Teixeira reflete o ideário liberal, que nas décadas de 1910 e 1920 entendiam o sentido educativo como representação, justiça, cientificidade e técnica. Assim, pela via da educação teria sido buscada a consolidação dos ideais da democracia representativa e da industrialização (NAGLE, 1976).

Dessa forma, o relatório apresenta um modelo educacional, que estava se desenvolvendo extraordinariamente por meio da democracia, da técnica e da ciência. A América do Norte, nessa representação é convertida em ícone da modernidade pedagógica pela gratuidade, obrigatoriedade, secularização e higienização do ensino; palco de realizações espetaculares na área da educação, signo do progresso e da esperança.

No século XX havia um debate intenso entre os educadores da chamada Escola Nova, opondo-se frontalmente à escola que nomearam de “tradicional”. Anísio, imbuído dos princípios de renovação pedagógica, também será um defensor dessa “nova escola”:

Nessa orientação, para que a escola possa oferecer reaes *situações da vida* e genuínos problemas, os actuaes educadores americanos batem-se por uma completa reforma, em que todos os antigos característicos escolares desaparecem. *As escolas de experimentação* da America já não têm carteiras, não têm a classica e conhecida organização; são porem casas especiaes, repletas de toda sorte de material, onde as

¹²⁹ TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos Americanos de Educação*, 1928, p. 54.

crianças vivem um vida de organica experiencia e constructiva actividade¹³⁰.

Nas escolas americanas, segundo Anísio, predominam nas séries iniciais os desenhos e os trabalhos manuais e são livres as atividades das crianças. As carteiras desaparecem sendo substituídas pelas mesas, pelos cavaletes de desenhos e grande quantidade de tábuas, aparelhos de armação. “O ambiente respira a “kindergarten” e a escola é tudo, menos o velho typo tradicional que conhecemos”¹³¹.

O modelo educacional referido por Anísio, assumia um viés decididamente democrático. As escolas não comportavam um sistema de ensino dual; concedia oportunidades de educação para ricos e pobres, crianças, jovens e adultos:

A educação, na América, ganhou um novo sentido humano atravez dessa concepção social. O antigo dualismo de educação “utilitarista” para as massas e de “humanidades” para uma classe, especial e refinada, já não existe. Toda educação deve ser humana, isto é, deve prover aos problemas geraes da vida colectiva e desenvolver, atravez da observação, informação e estudo, um intelligente e generoso interesse social¹³².

O relatório traz a representação de um modelo escolar diferenciado. Já não era possível à instituição escolar ter a função de somente levar o aluno a adquirir certas habilidades, objetivo da antiga escola tradicional. Assim, era preciso algo mais:

A transformação social, científica e industrial e a tentativa democrática, vieram exigir um alargamento formidavel desse primitivo curriculum. O movimento educativo se orientou no sentido de evitar todos os exercicios artificiaes ou inuteis e de utilizar todo o material com que a sciencia estava contribuindo para guiar a industria e a vida social. Não era esse movimento apenas um reflexo do alargamento do conteúdo social, mas o resultado de uma mudança de direcção da própria educação. O ideal educativo se transformou. Enquanto os problemas passados da escola eram claramente fixos e visavam propriamente fornecer ao educando certas habilidades, ou

¹³⁰ TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos Americanos de Educação*, 1928, p. 44. Grifos do autor.

¹³¹ Idem, p. 90. Grifo do autor.

¹³² Idem, pg. 49-50. Grifo do autor.

leval-o a participar e compreender as realizações da antiga experiencia humana¹³³.

Esse modelo de educação apresentado por Anísio não permitia aos alunos estudarem em locais ou prédios escolares inadequados. Eram necessários espaços amplos, limpos e arborizados; prédios e instalações apropriadas, laboratórios e oficinas funcionando adequadamente; parques, jardins, áreas de lazer:

A escola se acha accommodada em dois vastos edificios, com uma soberba installação. No rez-do-chão se acham as officinas de trabalho agricola, mechanico, e electrico, o gymnasio, banheiros e todas as demais installações sanitarias. O primeiro andar tem a secção administrativa, o auditorio, as officinas de cozinha e costura e diversas salas de aulas. Em cima, novas salas de aulas e gabinetes de physica e chimica¹³⁴.

Os prédios escolares e suas características físicas vão ocupar grande espaço no relatório. Era preciso mostrar detalhadamente essa realidade, que certamente só havia de existir na América do Norte, como muitos educadores acreditavam na época:

O collegio normal de Farmville é uma outra documentação dessa minha afirmativa. Situado em uma amavel localidade de 3.500 habitantes, occupa, em uma pequena elevação, um grupo de grandes edificios, ligados entre si por galerias, a que uma serve de columna, dando-lhes uma certa graça e elegancia, e mais 12 menores edificações destinadas a dormitorios das alumnas. Um outro edificio escolar moderno embelleza os campos do collegio. Ahi funciona a escola de prática dos estudantes, uma grande escola, com todos os gráus primarios e secundarios, nas mais avançadas condições de aparelhamento e methodos. A vista do edificio principal põe-nos, primeiro, em contacto com um *hall* de recepção amplo e moderadamente mobiliado, no centro do qual uma admiravel copia da celebre estatua de Joana d'arc, em tamanho natural, põe uma singular nota de inspiração¹³⁵.

¹³³ TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos Americanos de Educação*, 1928, p. 68.

¹³⁴ Idem, p. 67.

¹³⁵ Idem, p. 121.

A educação nova exigia vários modelos de escolas para cada formação específica. Na América do Norte havia modelos de escolas para diferentes propósitos.

Segundo Anísio, o Sistema *Platoon* procura satisfazer às necessidades de um currículo moderno, equilibrado e efetivo. A Escola Secundária representa um sistema avançado de ensino, não havendo separação entre trabalho manual e intelectual. Nas Escolas Rurais todos os alunos estão sempre trabalhando; o desenvolvimento da leitura e exercícios de toda sorte permite um alto grau de autonomia e desenvolvimento intelectual. A Escola Normal em Maryland forma professores altamente qualificados para as escolas rurais, urbanas e o jardim de infância. O Colégio Normal de Farmville igualmente prepara professores para *kindergarten*, ensino primário e secundário. O Instituto de Hampton, uma escola para negros, compreende escola agrícola, de educação, de economia doméstica, comercial, de construção e de bibliotecários. O Colégio de Agricultura no Estado de Nova York oferece um curso de quatro anos, que conduz ao diploma de bacharel em ciências.

Esse novo projeto de escolas diversificadas também exigia uma formação adequada e diferenciada para os professores. Se a escola se transformava, era necessário também transformar o professor, “produzir-lhe” uma nova identidade. Martin Lawn (2000, p. 70) nos esclarece esta questão:

A identidade é “produzida” através de um discurso que, simultaneamente, explica e constrói o sistema. A identidade do professor simboliza o sistema e a nação que o criou. Reflete a “comunidade imaginada” da nação, em momentos em que esta é crucial para o estabelecimento ou reformulação dos seus objetivos económicos ou sociais, tal como se encontram definidos pelo Estado¹³⁶.

O antigo professor sem formação qualificada não condizia com a realidade de uma sociedade desenvolvida por meio da técnica, da ciência e com o perfil de trabalhador que estava a exigir. De acordo com Martin Lawn (2000, p. 73):

(...) seguindo mudanças na política económica e social, tornou-se necessário criar novos professores para as “escolas reestruturadas”.

¹³⁶ Grifos do autor.

Apesar de ter sido um acto contingente, relacionado com alterações na política, conceitos essenciais acerca da identidade dos professores – tais como mercado de trabalho, competências da força de trabalho, etc. – foram empregues no discurso da transformação¹³⁷.

A formação de professores é uma questão discutida por Anísio em seu relatório. Inicialmente ele faz uma observação quanto à decisão de seguir a carreira do magistério primário:

Como em toda a parte do mundo, também na América não é o aluno mais inteligente que procura ser professor primário. Os collegios com seus diversos bacharelados e depois as universidades atraem os alumnos mais capazes¹³⁸.

Apesar de o magistério não ser uma profissão tão almejada, disputada e só os “menos inteligentes” procurarem, Anísio diz que na América do Norte a formação do professor primário é um fator intelectual de primeiro nível. Há certa valorização da categoria seja em relação aos salários ou à formação.

À medida que a escola de massas foi se desenvolvendo, a admissão para as escolas normais tornou-se mais exigente, pois como observa Martin Lawn (2000, p. 72), “Seleccionar as pessoas para se tornarem professores, e controlá-las no seu trabalho, começou a ser visto como cada vez mais importante”. Dessa forma, Anísio vai tratar minuciosamente da admissão dos candidatos à Escola Normal de Towson, que segue essa lógica de seleção e controle:

Ao desejar matricular-se, o candidato ESCREVE à escola pedindo informações. A secretaria envia uma formula para ser preenchida onde se pedem nome, data de nascimento, residencia, escolas secundarias cursadas, collegios ou escolas normaes frequentadas, os graus que já possui, si já teve pratica de ensino e onde, para que deseja se preparar (...). Adiante, em outra pagina, uma recommendação formal e favorável do director da escola secundaria cursada pelo candidato é exigida, em que esse director fornece indicações sobre o caracter, habitos de estudos e qualidade do trabalho intellectual do alumno, alem da sua recommendação pessoal à admissão do candidato. Na quarta pagina da formula, o candidato indica minuciosamente todas as materias que cursou, no instituto

¹³⁷ Grifo do autor.

¹³⁸ TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos Americanos de Educação*, 1928, p. 84.

secundario, numero de semanas de aula e de classes e notas e os resultados obtidos em cada anno¹³⁹.

Anísio não via essas exigências como controle ou algo negativo, mas sim a representação de “um esforço actual dos mais adiantados estados da America, para elevar o nivel intelectual dos estudantes das Escolas Normaes”¹⁴⁰.

Além da formação exigida do professor, era preciso também uma mudança na sua postura. Ele não deveria tomar as decisões da vida escolar, entregar tudo pronto aos alunos, mas apenas auxiliá-los, pois estes são os únicos responsáveis pelo seu processo de ensino-aprendizagem. Esse projeto educacional diferenciado volta-se para o sujeito, entendendo que ele precisaria ser independente e pensar por si mesmo:

Esse espírito da aula-problema domina hoje a educação americana desde a classe primaria até a universidade. E’ um prazer vêr a simplicidade e a segurança com que a criança, ou o estudante de universidade, exprime a sua própria opinião. Muitas vezes tive, em cursos da Universidade de Colombia, crianças de 7, de 10, de 12, 13 annos, em frente a nossa turma, em trabalhos de classe, que eram simultaneamente demonstrações para nós. Pois bem, essas crianças lidavam com seus problemas, com suas lições, como si nós não existissemos. Francos, ingênuos, deliciosos de intelligencia, às vezes, e sem vislumbre, sem signal de acanhamento. Em publico ou sosinhos, esses meninos participam do mesmo espírito de confiança em si próprios e de segurança, que impulsiona toda a civilização americana¹⁴¹.

Na visão da época o modelo tradicional de educação, no qual o professor estava no centro, deveria ser substituído por um novo modelo, onde o aluno era o centro e responsável pelo seu processo de ensino-aprendizagem. A fala de Anísio Teixeira confirma essa questão:

A professora dá problemas aos alumnos, fornece-lhes as fontes de informação e os alumnos buscam e pensam por si. Outras vezes um grupo trabalha em conjunto em problemas mais complexos. E’ um prazer ver aquellas pequenas crianças com processos pessoais de estudo e com preocupação de investigação e de pensamento¹⁴².

¹³⁹ TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos Americanos de Educação*, 1928, p. 83.

¹⁴⁰ Idem, p. 85.

¹⁴¹ Idem, p. 90.

¹⁴² Idem, p. 77.

A representação da educação tradicional é que o aluno molda-se em função do saber apresentado pelo professor. O exercício deixa de ser um meio para chegar a um fim. Os alunos devem ainda respeitar, obedecer e submeter-se aos professores, pois são estes os detentores do saber. Na educação nova, a imagem que se apresenta é de um ensino voltado às necessidades e interesses dos alunos. O professor é apenas um mediador, um auxiliar na construção do conhecimento e da aprendizagem. Moraes (1996, p. 29) nos esclarece esta questão:

(...) A “*Escola Nova*”, enquanto imaginário, se opõe a uma “*Escola Tradicional*”. A “*Escola Tradicional*” estaria organizada sobre a figura do professor e o aluno teria uma função passiva. A “*Escola Nova*” é concebida como uma escola que respeita o desenvolvimento natural do aluno e os professores deveriam retirar seu conhecimento de “*como ensinar*” da observação da atuação do aluno. O ensino deveria ser individualizado, pois cada aluno teria características específicas¹⁴³.

Anísio critica a educação escolástica e observa que as crianças devem ser postas em contato com uma real situação de experiência, cujo desenvolvimento lhe seja necessário pensar, refletir, raciocinar. Segundo ele, “é” uma ilusão julgar que se pode transmitir alguma coisa directamente. E’ através do uso da coisa, através de seu sentido, através do meio, que se pode agir e que se pode educar”¹⁴⁴.

Anísio vai descrever e comentar a metodologia utilizada numa aula, que segundo ele “nada faz lembrar a nossa aula-conferencia ou a nossa aula- lição”¹⁴⁵:

A princípio, um de nós, com a mentalidade acadêmica e formal que possuímos, estranha e critica o methodo. Não é científico, não é ordenado, – era o que eu dizia quando me puz em contacto com o processo. Depois, perde-se muito tempo. Pode ser verdade, mas o que se perde é muito menos do que o que se ganha. O americano compreendeu que só ha um meio de pensar, que é o homem se pôr em lucta com um problema e procurar resolvê-lo. Pensamento ou conhecimento recebido passivamente é somente meio-pensamento ou meio-conhecimento. Nós estamos saturados dessa meia-cultura, desse meio-conhecimento. Sabemos tudo pela metade, mais ou menos.

¹⁴³ Grifos da autora.

¹⁴⁴ TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos Americanos de Educação*, 1928, p. 15.

¹⁴⁵ Idem, p. 88.

Nunca pensamos, por nós mesmos, o problema. Lemos o que os outros pensaram¹⁴⁶.

Esse espírito da aula-problema, de acordo com Anísio, domina a educação americana e é um prazer ver a simplicidade e a segurança com que a criança ou o estudante universitário expressam as suas próprias opiniões, lidam com os problemas, com as lições.

Os métodos de ensino americanos envolveram da simples memorização de livros escolares a uma completa ciência baseada nas pesquisas psicológicas e nos estudos sobre a infância, segundo Anísio. Nessas escolas as carteiras são substituídas por mesas e cadeiras e o ambiente em nada se aproxima das escolas tradicionais. Nas séries iniciais o professor procura despertar uma livre e independente atividade com as crianças. Problemas e fontes de informações são oferecidos aos alunos, que buscam resolvê-los pensando por si mesmo, outras vezes grupos trabalham em conjunto para solucionar problemas mais complexos:

E' um prazer ver aquellas pequenas crianças com processos pessoais de estudo e com preocupação de investigação e pensamento. O que se aprende assim não é o meio-saber de nossas escolas, mas um saber criador e pessoal, que fortalece a intelligencia e desenvolve a originalidade. Das escolas que visitei, todas, excepto uma, tinham menos de 4 professoras. De sorte que todas se occupavam de differentes grupos e todas tinham um excesso de trabalho, mas isso apenas as tornava mais exactas e mais esforçadas na realização das vantagens dos modernos methods de ensino¹⁴⁷.

A institucionalização da educação de massas nos Estados Unidos rompe definitivamente com o modelo de educação clássica, ou seja, a educação jesuítica, voltado somente à elite, com um currículo clássico, humanista, que havia dominado a educação secundária desde sua institucionalização. O objetivo da educação americana era formar um sujeito voltado para o trabalho, a indústria, especializado e não mais o homem de letras.

¹⁴⁶ TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos Americanos de Educação*, 1928, p. 89.

¹⁴⁷ Idem, p.77

O novo padrão de escola estava relacionado a estas ideias. Esse modelo de escolarização, ou seja, a escola de massas surge no final do século XIX na Europa em função das exigências do trabalho na indústria. Era proclamada então uma educação que associasse pensamento e prática.

Essa escola diferenciada, segundo Buendía (2000), surgiu como um imperativo sociopolítico e econômico, decorrentes das grandes transformações ocorridas nos sistemas produtivos, na organização e gestão políticas do mundo ocidental. Esse modelo escolar é aclamado como instituição referencial, modelar e especializada para atender novas demandas provocadas pelas transformações sociais.

O novo padrão de ver e conceber a escola nascido e consolidado no mundo europeu “adquiriu “características universais” e se impôs como fator decisivo das regulações culturais e econômicas presentes na cena internacional” (HOUSSAYE, 2007, p. 302). Atravessou fronteiras na criação, expansão e consolidação dos sistemas públicos de ensino, num processo de difusão mundial¹⁴⁸ e de uma *cultura escolar* histórica e socialmente construída (DOMINIQUE JULIA, 2001).

Dessa forma, o discurso pedagógico veiculado no relatório de Anísio caracteriza-se pela valorização desse novo paradigma – de uma nova pedagogia, de um modelo escolar diferenciado, de professores e alunos.

Das suas visitas às escolas americanas, Anísio teve a oportunidade de entrar em contato com um modelo educacional diferente do europeu e brasileiro. Conheceu diferentes escolas e modalidades educativas: de jovens e adultos, escolas secundárias, jardins de infância, escolas normais, escolas superiores, dentre outras. Isso permitiu ao viajante o artifício da comparação.

A conclusão geral por parte de Anísio é que o modelo educacional norte-americano, sem dúvidas, era o melhor. Havia um plano nacional, estadual e municipal de educação. As instalações, os espaços, as condições higiênicas dos prédios escolares eram excelentes. Os mobiliários, laboratórios e oficinas funcionavam perfeitamente. Assim, as condições materiais e organizativas eram critérios que deixavam o modelo de educação americano à frente do europeu e brasileiro.

¹⁴⁸ Sobre a difusão mundial da escola, ver a obra NÓVOA, António; SCHRIEWER, Jürgen (orgs.). *A difusão mundial da escola*. Lisboa: Educa, 2000.

O que também chama atenção nas escolas americanas urbanas ou rurais são as suas características arquitetônicas: espaços amplos, abertos, seus belos jardins, *hall* de entrada, salas de aulas ventiladas e espaçosas, quadras e salões esportivos, e, ainda um detalhe importante, os prédios eram econômicos e práticos, diferentes do aspecto monumental dos prédios escolares europeus e alguns brasileiros.

Para Anísio o modelo a seguir seria o americano por dispor de uma ampla, adequada, eficiente, organizada e moderna rede de escolas, e isso constituía uma das condições principais para que a renovação educacional na Europa e Brasil fosse possível.

Anísio entrou em contato com outras experiências ocupando a posição de intermediário, mediando conhecimentos, saberes, formas culturais, sociais, políticas, educacionais entre o Brasil, Europa e Estados Unidos, seguindo assim, uma perspectiva de educação comparada.

A busca por modelos educacionais em países estrangeiros seguiu em parte uma perspectiva de educação comparada, que se constituiu em torno de quatro aspectos essenciais – a ideologia do progresso, um conceito de ciência, a ideia de Estado-Nação e a definição de um método comparativo (NÓVOA, 1995 apud SILVA, 2004).

Conforme Nóvoa (2000) a comparação se dava na maioria das vezes de forma dicotômica: cultura inferior e superior, países civilizados e não civilizados, educação modelar e não modelar, sociedade desenvolvida e não desenvolvida, etc. Os países do Norte eram comparados com os países do Sul e comparavam-se também os países do Centro.

Por meio de sua viagem ao Velho Continente em 1925, Anísio teve contato com algumas instituições educativas, isto lhe permitiu compará-las com as instituições educacionais norte-americanas. Observa que visitou os melhores colégios na Europa, mas nenhum deles chega perto dos colégios americanos:

Visitei varios collegios na Europa. Nenhum delles, mesmo os melhores, apresentam os aspectos materiaes prósperos e modernos dos collegios americanos. Depois, a nossa primeira impressão naquellas casas de ensino é a de fixidez, de estabilidade, de um equilibrio conseguido e que se quer manter. Na America, o espirito de continuo progresso domina tudo. A estabilidade americana se

mantem pelo movimento, do mesmo modo que se mantem em equilíbrio uma bicicleta em corrida¹⁴⁹.

Segundo Anísio, o estudo da educação americana exigiria uma monografia especial e não pode fazê-lo resumidamente, mas acentua a diversidade e riqueza dos cursos secundários técnicos e profissionais. As oficinas das escolas estão aparelhadas em ordem a fornecer uma imediata preparação para o trabalho. Em nada essas oficinas de liceu podem invejar as melhores da Europa.

Anísio relata que visitou exposições de arte decorativa em Paris, apreciando trabalhos infantis. No entanto, nada se compara à América, que pode se orgulhar dos belos trabalhos de arte de suas crianças e os aparelhamentos especiais na montagem de *studios* com que dota as escolas.

As comparações dos modelos educativos dos Estados Unidos com o Brasil vão ser mais intensas. A posição ocupada por Anísio Teixeira permite isso. No período em que viajara à América do Norte em 1927 ocupava o cargo de Diretor Geral do Ensino na Bahia. Aparentemente conhecia a realidade educacional daquele estado pobre a mercê dos desmandos e autoritarismos políticos, o que não diferia muito da realidade dos outros estados do Brasil.

Assim, ele faz comentários sobre modelos educativos e métodos utilizados nos Estados Unidos e no Brasil. Primeiramente discorre sobre um problema existente em ambos os países: a educação de adultos; porém, com uma diferença a destacar. Os Estados Unidos valorizando essa modalidade de educação encontrou uma solução eficiente para a resolução do problema, diferentemente do Brasil que a põe em segundo plano e não há qualquer interesse por essa modalidade educacional.

Outra modalidade educativa comentada por Anísio é a educação secundária: a Wilson Junior High School e a Collinwood High School. Segundo ele, a sua organização é completamente diferente da ideia corrente de educação secundária no Brasil:

A organização dessas escolas secundarias é inteiramente diversa da idéia corrente de educação secundaria em nosso paiz. A escola secundaria aqui está penetrada da mesma idéia de educação popular

¹⁴⁹ Teixeira, Anísio. *Aspectos americanos de educação*, 1928, p. 82.

que reveste totalmente a idéia de educação primária. Não é a escola de cultura, no velho sentido da palavra, nem a escola de classe. É a escola que, como elementar se destina à imediata preparação para a vida.¹⁵⁰

Ao enaltecer e enobrecer o “outro”, Anísio opera um distanciamento, apontando um corte, uma ruptura, uma fenda entre o modelo educacional dos Estados Unidos e do Brasil. Assim, ele estabelece e afirma as qualidades do “outro” e os defeitos do “nós”.

Essa narrativa construída por Anísio dos modelos educacionais visava mais do que constituir um retrato fiel da realidade observada, produzir efeitos de comparação. Ele vai condenar a educação livresca e monótona brasileira, a vida literária artificial e desintegrada de suas instituições:

Qual será o brasileiro, sobretudo si foi alguma vez interno em um collegio, que não se lembrará do ambiente estreito dos seus dormitórios, da aridez da sua vida social, da sua supercongestão de trabalho puramente intellectual, em classes pobres e estereis, e das fugas indefectíveis, ora para as seduções da leitura de romances e uma vida litteraria artificial, ora a insubordinação e o constante descontentamento? Os melhores de entre nós terão sentido pelo menos o incompleto, o super intellectual dessa vida exclusiva de estudos, em que o contraste entre uma rica e variada vida de leituras e monotonia desgostosa da vida quotidiana, punha sempre a nota íntima de inquietação e tragedia, pela qual se caracteriza essa vida desintegrada de collegio¹⁵¹.

O estudo comparado das realidades educacionais entre Estados Unidos, Europa e Brasil serve não somente para apontar *distâncias* e *vizinhanças*, mas também para uma análise de compreensão de sentidos (CATANI, 2000). Essa compreensão tem o objetivo de legitimar certo modelo de educação – o americano – e deslegitimar outros – o europeu e o brasileiro.

Apontando os Estados Unidos como referência, Anísio estabelece comparações e opera com a noção de distanciamento e discrepância, tratando da Europa e Brasil como modelos educacionais que não condizem com uma nova realidade de conceber a educação.

¹⁵⁰ TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos Americanos de Educação*, 1928, p. 139.

¹⁵¹ Idem, p. 123.

O relatório produzido por Anísio pode ser caracterizado como uma “prática discursiva produtora de mediações culturais, cujos efeitos aparecem nas estratégias de apropriação de determinadas idéias, conceitos e modelos e na recusa explícita, no silenciamento ou no esquecimento de outros” (SCHUELER, 2007, p. 107).

Diferentes fotografias, com legendas explicativas ocupam espaços no relatório, ilustrativas e legitimadoras da verdade imposta pelo texto escrito. Imagens de prédios escolares, bibliotecas, oficinas, laboratórios, auditórios, salões, quadras esportivas, sujeitos em situações de aprendizagens, objetos construídos pelos alunos. O que Anísio queria apresentar/representar com essas imagens?

O discurso do relatório é o de um novo modelo de escola, professor e aluno, e, para confirmar, legitimar ou testemunhar esse discurso, o autor apresenta as fotografias. Assim o leitor poderia observar de forma “concreta” o modelo educacional apresentado pelo texto escrito.

A fotografia funcionou como testemunho de algo que Anísio presenciou e desejava transmitir. De acordo com Dubois (2006, p. 25) “a foto é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra”.

Para divulgar e legitimar de forma positiva as ações de um modelo educacional considerado como ideal e moderno, a fotografia foi essencial. Registrar as suas inovações e concretizações esteve como diretrizes do movimento pela reforma da instrução pública. Era preciso documentar os fatos e realizações, mostrar à população a grandiosidade de uma nova educação que estava a se impor.

As diferentes ideologias, de acordo com Kossoy (2002), onde quer que atuem, sempre tiveram na fotografia um poderoso instrumento para a veiculação das ideias e da consequente formação e manipulação da opinião pública; particularmente, a partir do momento em que os avanços tecnológicos da indústria gráfica possibilitaram a multiplicação massiva de imagens. E tal manipulação tem sido possível justamente porque as imagens possuem um alto poder de credibilidade, e, geralmente, seus conteúdos são aceitos e assimilados como a expressão da verdade.

Um documento fotográfico, conforme Modotti (2001) tem seus limites, mostrando apenas aquilo que o fotógrafo quis enquadrar e determinada luz e sombra lhe permitiram revelar. No entanto, repousa na convicção que a imagem vista pelos espectadores existe de fato, ocorrida em determinado e exato momento, e, como nos diz Ginzburg (2001, p. 138) “as imagens, quer representem objetos existentes, inexistentes ou objeto nenhum, são sempre afirmativas”.

Uma imagem tem uma realidade própria, e necessariamente não corresponde à realidade que envolve o seu registro e sim a “uma segunda realidade” (KOSSOY, 2002, p. 22), construída, codificada, sedutora em sua montagem, em sua estética, de forma alguma ingênua, inocente, mas que é, todavia, o elo material do tempo e espaço representado, pista decisiva para desvendarmos o passado.

A fotografia do edifício da biblioteca da Universidade de Columbia vai abrir emblematicamente o relatório de Anísio com “chave de ouro”. Possivelmente, ele escolheu tal foto para despertar uma emoção ou seduzir seu leitor. Essa imagem apresenta um belo prédio, que guarda em seu interior conhecimentos, e não era qualquer prédio, mas sim o da biblioteca de uma grande universidade americana.

Prédio da biblioteca da Universidade de Columbia

Dessa forma, entende-se que uma fotografia possui uma subjetividade, sentidos e objetivos que lhes são próprios. Assim, ela pode mentir, provocar, chocar, gerar cumplicidade, dores, alegrias, tristezas, sofrimentos, prazer, evocar sensações e emoções.

No relatório de Anísio observamos um número grande de fotografias referentes aos objetos construídos pelos alunos. Isso nos revela a valorização naquele momento de uma “pedagogia do fazer”. A criança aprende fazendo, não deve receber algo pronto, transmitido pelo adulto ou professor, mas, que estes sejam apenas mediadores do processo educativo.

Um projeto de cidade feito por alunos da *Lincoln School*

Casa de boneca construída por alunos do ensino secundário

Trabalhos de cerâmica e de metal construídos por estudantes do curso secundário

Prédios, auditórios, refeitórios, ginásios, áreas de lazer e esportivas, dentre outros espaços físicos ocupam o maior número de fotografias. Para Anísio Teixeira a educação já não poderia ser realizada em qualquer lugar, de qualquer modo. Necessitava ter espaços e instalações adequadas. Essa questão foi uma das diretrizes do movimento escolanovista, que acreditava haver aprendizagem somente em espaços apropriados.

Palco de uma Escola Secundária onde se realizam apresentações culturais

Ginásio esportivo

Há 15 fotografias de sujeitos em situações de aprendizagens, lazer, exercícios físicos, construindo algo, trabalhando, lendo, estudando, observando. Certamente Anísio Teixeira objetivava mostrar que a aprendizagem acontece por meio da prática, e como dizia Dewey, pela experiência.

Cena de trabalho em um Jardim de Infância

Escola de Aplicação que funciona como prática para as alunas da Escola Normal. Ao fundo alunas observando a aula

Encontramos ainda no relatório fotografias dos prédios escolares, residenciais e universitários, com seus belos jardins, pátios sempre limpos e espaçosos. De acordo com Aumont (1995, p. 80). “a imagem é destinada a agradar seu espectador, a oferecer-lhe sensações (*aisthesis*) específicas”. Isso certamente foi um dos desígnios das fotografias na obra de Anísio. Os prédios necessitavam ser apropriados e de uma beleza visível e agradável aos olhos.

Escola Normal de Towson em Maryland

Richmond – edifício da residência das alunas da Escola Normal

E por fim, estão as fotografias das oficinas, laboratórios e bibliotecas. As oficinas com suas máquinas modernas, os laboratórios equipados e as bibliotecas com obras variadas e de qualidade, mostram que o americano tem feito bom uso da técnica, da ciência e do conhecimento, segundo Anísio Teixeira.

Biblioteca da Escola Elementar de Aplicação em Towson

O assunto, tal como se acha representado na imagem fotográfica, segundo Kossoy (2002) é resultado de um somatório de seleções de diferentes naturezas idealizadas e conduzidas pelo fotógrafo. Existe sempre uma motivação intrínseca ou extrínseca, pessoal ou profissional, para a criação de

uma fotografia, essa motivação influirá decisivamente na concepção e construção da imagem final.

Segundo Barthes (1990) a imobilidade, fixação de um instante por meio da pose eterniza uma ficção e não uma realidade, e isto constitui a natureza da fotografia. A pose do fotografado é uma imagem criada que se quer representar. Sendo assim, as fotografias dos sujeitos que figuram o relatório de Anísio, sempre alegres, satisfeitos, realizando atividades, possivelmente foram postos naquela situação porque seriam fotografados.

A imagem eterniza uma verdade fabricada. De certo modo, Anísio fabricou a representação de um modelo de escola, professor e aluno, eternizou-os por meio das fotografias. Mesmo que elas contivessem fragmentos do real, a ficção, a imaginação e a criatividade de seu construtor estavam presentes.

Uma imagem, ao mesmo tempo em que apreende o real, reflete o ponto de vista de seu autor. Anísio acreditava e exaltava um determinado tipo de modelo educacional, o norte-americano, portanto, as fotografias que se referem a ele, certamente representariam fatos positivos, idealismos, maravilhas, conquistas, esperanças, inovações, modernidade, perfeição.

As fotografias do relatório vêm testemunhar o modelo de educação prescrito pelo texto. Por seu caráter ativo, a visão é de todos os sentidos, talvez aquele que mais expresse a presença e a eficácia do poder. Muitas operações próprias do poder se realizam e se efetivam no olhar.

Desse modo, as imagens fotográficas funcionaram para dar uma impressão do real, um real idealizado por Anísio, ou seja, um modelo perfeito de educação, sem contradições, homogêneo de aparências e sustentado por essências.

Anísio procurou representar por meio de um discurso comparativo e de imagens o modelo de educação conhecido pessoalmente do outro lado do Atlântico. De que modo ele se apropriou desse modelo no seu percurso pela educação pública? Essa questão será discutida no próximo capítulo.

IV capítulo

A experiência da educação estrangeira em Anísio Teixeira

4.1 – *Reinventando e adaptando modelos*

Anísio não somente conheceu por leituras ou por narrativas de outras pessoas, que haviam viajado a países estrangeiros, um outro modelo de educação; ele teve a oportunidade de presenciar outras experiências e teorias educacionais, especialmente a norte-americana. Isso lhe permitiu contar ou provar o visto, ouvido e o vivido (Viñao, 2000), concedendo-lhe um lugar de destaque no campo educacional. Esta questão pode ser bem compreendida na carta de Monteiro Lobato a Fernando de Azevedo:

Fernando. Ao receberes esta, pára! Bota pra fora qualquer senador que esteja aporrinhando. Solta o pessoal da sala e atende o apresentado pois ele é o nosso grande Anísio Teixeira, a inteligência mais brilhante e o maior coração que já encontrei nestes últimos anos da minha vida. O Anísio viu, sentiu e compreendeu na América e ahi te dirá o que realmente significa esse phenômeno nôvo mundo. Ouve-o, adora-o como todos os que conhecemos o adoramos e torna-te amigo d'elle como me tornei, como nos tornamos eu e você. Bem sabes que ha uma certa irmandade no mundo e que é dêsses irmãos, quando se encontram, reconhecerem-se. Adeus. Estou escrevendo a galope, a bordo do navio que vai levando uma grande coisa para o Brasil: o Anísio lapidado pela América¹⁵².

O fragmento da carta nos permite compreender que Anísio foi reconhecido pelos seus pares como alguém de autoridade para interferir, resolver e decidir questões de um campo. Ele presenciara na América um modelo de educação e sociedade, que para a época era considerado extraordinário e moderno. E ainda, não apenas conheceu de nome autores conceituados envolvidos com a temática educacional, mas lhe foi possível juntamente com estes debater, discutir, analisar teorias, questões e políticas educativas. A carta de Monteiro Lobato a Anísio nos confirma esta questão:

Comecei a ler o manifesto. Comecei a não entender, a não ver ali o que desejava ver. Larguei-o. Pus-me a pensar – quem sabe está nalgum livro do Anísio o que não acho aqui – e lembrei-me de um livro sobre a educação progressiva que me mandaste e que se

¹⁵² Carta de Monteiro Lobato a Fernando de Azevedo. In: Carta de Monteiro Lobato a Anísio Teixeira. In: VIANNA, Aurélio e FRAIZ, Priscila. (Org) *Correspondência entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986, p. 68.

extraviou no caos que é a minha mesa. Pus-me a procurá-lo, achei-o. E cá estou, Anísio, depois de lidas algumas páginas apenas, a procurar dar berros de entusiasmo por essa coisa maravilhosa que é a tua inteligência lapidada pelos Deweys e Kilpatricks! Eureka! Eureka! Você é o líder, Anísio! Você é que há de moldar o plano educacional brasileiro. Só você tem a inteligência bastante clara e aguda para ver dentro do cipoal de coisas engolidas e não digeridas pelos nossos pedagogos reformadores. Acho que antes de reformarem qualquer coisa ou proporem reformas “os mais adiantados ou ilustres”¹⁵³ dos líderes educacionais do momento o que devem fazer é reformarem-se a si próprios, isto é, aposentarem-se e saírem do caminho. Eles não entendem a vida, Anísio. Eles não conhecem, senão de nomes, aqueles píncaros (Dewey e Co.) por cima dos quais você andou e onde pôde descortinar a verdade moderna. Só você, que aperfeiçoou a visão e teve o supremo deslumbramento, pode, neste país, falar de educação¹⁵⁴.

As viagens de estudo de Anísio o distinguiram socialmente pelo fato de ter visto o que a maioria não pode ver. Foi considerado um privilegiado por observar, estudar e analisar o que alguns somente puderam fazer por leituras de outros. Sobre esta questão Chamon e Faria Filho (2007, p. 58) afirmam o seguinte:

Quem fala e descreve é aquele que viu com seus próprios olhos. É esse o olhar da testemunha que confere credibilidade, que faz crer no narrador, e é frequentemente por ele reivindicado. Na verdade, trata-se aqui, de saber com exatidão, de saber “todos os segredos”¹⁵⁵.

A partir de seus estudos e conhecimentos *in loco* de uma experiência educacional estrangeira foi possível a Anísio colaborar para estruturar a educação de seu país, e, apesar dos contratempos, dificuldades e oposições, ele teve o apoio de muitos dos seus pares. De que forma ele se apropriou e pôs em prática esse modelo educacional no seu percurso pela educação pública?

Anísio se valeu desse modelo à imagem das necessidades políticas e das ideologias locais, promovendo alguns dos seus pressupostos, eliminando ou omitindo outros. Procurou repensá-lo em função de uma nova experiência.

¹⁵³ Grifo do autor da correspondência.

¹⁵⁴ Carta de Monteiro Lobato a Anísio. In: Carta de Monteiro Lobato a Anísio Teixeira. In: VIANNA, Aurélio e FRAIZ, Priscila. (Org) *Correspondência entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986, p. 68.

¹⁵⁵ Grifo dos autores.

Para Anísio tudo deveria ser revisto e aprimorado, pois nada era perfeito e definitivo. Assim, ele não foi um mero copiador de ideias e teorias, mas, apropriando-se delas foi possível por em prática um projeto educativo levando em conta a realidade educacional, social e política brasileira.

Batista (2005) observa que a transmissão de ideias abriu a possibilidade da invenção e da renovação porque, ao serem comunicados, os saberes dispersaram-se, multiplicaram-se, confundiram-se, numa pluralidade infinita de sentidos. Dessa forma, a troca das informações não foi um movimento de colheita ou cópia, e sim de transporte, de comunicação.

A autora diz ainda que os conhecimentos educacionais estrangeiros foram traduzidos nas mais diversas partes do mundo. Eles serviram mais como inspiração do que propriamente cópia. Em cada lugar e contexto ganharam sentidos diferenciados, tiveram a sua própria forma de recepção e ressignificação.

Para Schriewer (2001), no interior de cada país, a análise dos desenvolvimentos educacionais estrangeiros é entendida como um componente indispensável de discussão da política educativa, e, ainda, os critérios de seleção e as linhas de abordagem analítica acordam-se com as questões sociais e culturais. As descrições da alteridade cultural levada a cabo nesta perspectiva, são convertidas em formas de processar e apropriar comunicativamente modelos, de acordo com as necessidades de legitimação e de tomada de decisão de cada país.

Os saberes e projetos educacionais referenciais foram apropriados pelos educadores, desmontados e depois incorporados nos seus discursos e ações de acordo com as intenções e as estratégias particulares de cada local, acabando por configurar discursos híbridos (SCHRIEWER, 2001) sobre a escola, a formação, os professores e os alunos.

De acordo com Hermes Lima (1978) Anísio foi censurado por seus opositores, os quais diziam que ele agia fora da realidade, transplantando métodos, lições e teorias inadequadas à realidade educacional brasileira. No entanto, Anísio sabia que experiências não se transplantam, reinventam-se e exigem aprendizado novo. Segundo ele (1962, p. 68):

Entre as instituições sociais, sabemos que a escola, mais do que qualquer outra, oferece, ao ser transplantada, o perigo de se deformar ou mesmo de perder os objetivos. A escola já é de si uma instituição artificial e incompleta, destinada apenas a suplementar a ação educativa muito mais extensa e profunda que exercem outras instituições e a própria vida. Deve, portanto, não só ajustar-se, mas inserir-se no contexto das demais instituições e do meio social e mesmo físico. A verdade é que a escola, como instituição, não pode verdadeiramente ser transplantada. Tem de ser recriada em cada cultura, mesmo quando essa cultura seja politicamente o prolongamento de uma cultura matriz.

Leme (1988) informa que, quando Anísio assumiu a direção do ensino na capital carioca, circularam boatos entre os professores de uma tendência para a americanização da organização escolar e dos métodos de ensino, que estaria nas diretrizes de trabalho do novo diretor, o qual fizera sua formação especializada em educação nos Estados Unidos. Sob esse aspecto, o professorado carioca não deixava de ter razão.

Para Leme, Anísio foi, sem dúvida, o introdutor na educação brasileira dos métodos e processos da educação norte-americana. De um lado, diz o autor, havia aspectos positivos nessa postura, como a organização de um sistema integrado de ensino e o enriquecimento do currículo, especialmente da escola elementar muito descuidada ou mesmo inexistente nas instituições educativas do antigo Distrito Federal. Porém, o processo violento de americanização a que foi submetido o Brasil não se originou unicamente da escola e das iniciativas de Anísio. Foi um processo muito mais amplo.

Conforme Silva (2004, p. 73), os modelos estrangeiros de educação estiveram na base da organização dos sistemas educacionais mais pela forma do que por seu conteúdo. “É bem possível que, por trás de uma aparente semelhança, se escondam grandes diferenças, estas sim, acordadas com os interesses e projetos políticos de uma nação ou Estado”.

Os modelos importados se distanciavam muito da realidade condizente do Brasil. No entanto, como diz Catani (2000), há “aproximações e vizinhanças” no sentido de seguirem uma lógica de organização, consistindo na expansão da rede escolar, investimento na formação do professor, aumento de matrículas, organizações sindicais, surgimento de periódicos e preocupações com questões ligadas a higiene, moral e civismo, dentre outras.

Essa lógica de organização e preocupações com certos temas não foi inerente ao Brasil, mas sim um padrão que se disseminou com força e como forma, sobre a qual seguiu boa parte dos sistemas públicos de ensino no mundo ocidental.

Temos muitos exemplos de como Anísio adaptou o modelo da educação americana ao que realmente acreditava e almejava levando em conta à realidade do seu país. Primeiramente é preciso observar que ele se destacou dos demais reformadores educacionais por ser o mais “americanizado”. Os outros demonstravam admiração pelo Novo Mundo, todavia, os seus olhos e pensamentos ainda estavam presos ao Velho Mundo. Anísio definitivamente rompe com a cultura e tradição europeia.

Antonio Carneiro Leão quando assumiu a direção da instrução pública na capital do Brasil (1922-1926) construiu a reforma dos programas escolares por meio de textos e experiências europeias. A publicação de sua obra *Programma para os jardins da infância*, acusava leituras de Montessori, Decroly, Monchamp, Blanco Roldan, Kergomard, Brandt, Froebe, Omer Buyse, Feliz Klein, Buoca Bianca, dentre outros.

Fernando de Azevedo (1927-1930) procurou seguir uma orientação basicamente europeia à sua reforma da instrução pública no antigo Distrito Federal. Ele valorizou e utilizou autores de coleções pedagógicas da Cia. Melhoramentos e da editora F. Briguiet & Cia: Claparède, Ferrière, Pieron, Binet, Simon, entre outros.

Por outro lado, Anísio Teixeira desenvolveu sua gestão de 1931 a 1935 com base nas ideias norte-americanas, onde teve o seu principal teórico John Dewey. A emancipação do indivíduo, a liberdade de pensamento, o incentivo aos talentos e vocações individuais foram objetivos que procurou por em prática quando estava à frente da direção do ensino na capital carioca.

A aquisição de recursos humanos, bibliografia e programas estadunidenses marcaram a sua intervenção na instrução pública. Convidou a professora norte-americana Lois M. Williams para dirigir a Superintendência de Educação Física, Recreação e Jogos. Enviou o diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, Lourenço Filho, em missão aos Estados Unidos. E ainda, tomou providencias para que a biblioteca do Instituto de Educação recebesse os títulos lançados nos Estados Unidos. Os programas de Denver e

Colorado e as orientações da *National Educative Association* apareciam nos programas de ciências sociais das escolas cariocas como diretrizes da escola progressiva desejada e possível no Distrito Federal.

Reinventados e adaptados, alguns pressupostos da experiência norte-americana foram postos em prática por Anísio no seu percurso pela educação pública. Ele seguiu uma lógica americana de construção de prédios escolares, de escola normal, de ensino secundário, de ensino profissional, de escolas experimentais e integrais, de educação superior, métodos de ensino, a experiência do *self-government*, associações (Clubes de Estudantes e a Associação de Pais e Mestres), bibliotecas e órgãos auxiliares da educação.

Pedro Ernesto Batista ao ser nomeado interventor na antiga capital carioca tentou integrar os subúrbios pobres e favelas na rede de serviços sociais e organização política. No mesmo sentido, Anísio, que fora escolhido pelo interventor para a direção do ensino, tendo o seu total apoio, procurou uma integração das camadas pobres à escola. Para tanto, foi necessário uma ampliação da rede escolar (matrículas, construção e reformas de prédios escolares, etc.).

Na construção de prédios escolares, Anísio voltou o seu olhar ao modelo de prédios americanos: salas de aula, anfiteatros, bibliotecas, salas de leituras, refeitórios, laboratórios, oficinas, quadras, parques, jardins, dentre outros espaços, arejados, limpos, econômicos e eliminando-se deles todo o supérfluo. Esse item é considerado importante para Anísio. Isso se percebe no seu relatório, ao dar uma atenção especial às características físicas das escolas:

Hoje, visitei a Collinwood High School que conta pouco mais de 4.000 estudantes e que está aparelhada com uma espantosa riqueza de gabinetes, laboratórios e oficinas. (...) O rez-do-chão compreende um auditorio com capacidade para 1306 pessoas e com systema de ventilação e caloríficos em cada cadeira; dois gymnasios para meninos e meninas, com capacidade, cada um, para 1.200 pessoas, além de sala para vestir, para exames medicos, para aparelho e para escriptorio e de lockers, oito oficinas respectivamente de fundição, de moldagem geral, de metal (duas), de ceramica, de mechanica de automoveis e de machinas; e ainda duas salas de conferencias, escriptorios e quartos de ventilação. O primeiro andar, a que se chega pela porta principal, põe-nos em contacto atravez dos seus vastos corredores com balcões do auditorio, as diversas salas de administração (nove ao todo), com duas salas de estudo (270 lugares), duas salas de costura, três oficinas de trabalho em madeira e 17 salas de aulas. O terceiro andar offerece-nos 4 salas

para cozinha, duas officinas de typographia, 4 salas de desenho (mechanico), cinco salas para arte, um laboratorio de physica, dois de chimica, tres salas para sciencia, quatro salas para conferencia, um salão de estudo, uma sala de dactylographia, tres salas de aulas e um restaurante para 900 pessoas com cozinha mechanica. A torre da escola tem ainda tres salas e o tecto constitue um admiravel campo de recreio.¹⁵⁶

Fernando de Azevedo à frente da direção do ensino mandou construir nove escolas em estilo neocolonial. Com exceção da Escola Argentina e Escola Uruguai, todas as outras, incluindo a Escola Normal, obedeceram ao modelo das plantas dos colégios, seminários ou residências jesuítas da Colônia, isto é, o da quadra com seu pátio interno circundado por galerias avarandadas, que faziam a circulação entre ambientes (OLIVEIRA, 1981).

Em contrapartida, Anísio ergueu na capital da República prédios modernos, econômicos e funcionais corporificando, de acordo com Nunes (1996), a necessidade de reinvenção do espaço público a serviço dos objetivos da consciência pedagógica em plena construção. Esse novo projeto de prédios escolares reconfigurou e interferiu no espaço citadino, urbano. A escola, de alguma forma, reinventa a cidade.

Assim, ao se projetar escolas em determinado local, esse também era obrigado a se reprojetar. Casas e prédios eram implodidos para cederem espaços a outros mais novos e modernos; ruas eram asfaltadas, fechadas ou alargadas; locais considerados insalubres eram isolados para entrarem em reformas; populações pobres eram empurradas para lugares cada vez mais afastados da cidade; eliminava-se a sujeira, a aglomeração, a desordem, o aspecto antigo e de atraso das cidades.

Quando em visita à Europa, Anísio se mostrava avesso a qualquer tipo de construção que viesse afetar o aspecto tradicional das cidades e de seus monumentos, agora ele será a favor de sua reconfiguração, ou seja, a retirada de uma aparência tradicional para ceder espaço a uma aparência moderna. A crença nesse momento era que a modernização traria benefícios como saúde, higiene, bem estar, organização, erradicação da miséria, todos esses malefícios que em geral pertenciam a um passado, de uma sociedade atrasada.

¹⁵⁶ Teixeira, Anísio. *Aspectos americanos de educação*, 1928, p. 142.

Para Nunes (1996, p. 171) “o moderno pode ser visto como a expressão do que tem o tempo a seu favor, *o que avança*¹⁵⁷, e a tradição como a expressão do que luta contra o tempo, *o que resiste*”¹⁵⁸. Em ambos ocorre a projeção de um futuro em que um dos lados irá obrigatoriamente desaparecer.

Assim, a construção de prédios escolares é mais do que a tentativa de solucionar os problemas de demanda escolar existente, é também manifestação da construção de um novo estilo, o qual irá refletir em uma nova mentalidade, anunciando o desejo de erradicar o velho, o atrasado e arcaico.

Oliveira (1981) observa que o arquiteto Enéas Silva, contratado por Anísio para projetar a construção dos prédios escolares no Distrito Federal, resumiu o projeto em três palavras: saúde, higiene, economia:

Sem espaços mortos, sem espaços perdidos...até os mínimos detalhes esses prédios ofereciam um nível de economia e conforto expressos na seguinte porcentagem de eficiência [em termos do volume do espaço da escola usado para o ensino], nunca atingida por quaisquer outras escolas do mundo: instrução: de 68 a 72 por cento¹⁵⁹.

De acordo com a autora essas escolas ofereciam serviços de saúde e higiene e transmitiam uma mensagem arquitetônica a todos que passavam por elas. O estilo em *art déco* altamente estilizado era rico em mensagens simbólicas a alunos, professores e o público em geral. Sua aparência cheia de curvas apresentava uma nova linguagem visual. Esses prédios, de certa forma, quebravam com um visual do passado em estilo neocolonial, evocando sonhos do futuro moderno e industrial do Brasil.

Essa proposta de prédios arquitetônicos se difundiu pelas ruas das cidades brasileiras, corporificando-se nos edifícios e nas residências de classe média. Apesar de a intenção ser de uma ruptura com o tradicional, não é possível um rompimento total, brusco. Os arquitetos dessa época, conforme Nunes (1996, p. 172), buscaram a conciliação “na contradição vivida pela sociedade na década de 30 e espelhada na escola entre um presente-quase-passado, agrário e familiar, e um presente-quase-futuro, urbano e coletivo”.

¹⁵⁷ Grifos da autora.

¹⁵⁸ Idem.

¹⁵⁹ Citado em Oliveira (1981, p. 194).

Para a autora essa nova arquitetura escolar serviu de palco para a expansão regulada das atividades corporais, incorporando à escola, além das salas de aula, muitos outros novos espaços: parques, jardins, áreas livres, anfiteatros, dentre outros. Na leitura de quem freqüentou essas instalações escolares, particularmente as crianças mais pobres, a existência desses locais funcionou não como código de confinamento, mas de reapropriação de espaços de sociabilidade crescentemente sonegados às classes trabalhadoras pelas reformas urbanas que lhes empurravam para os morros ou a periferia da cidade.

Nunes observa ainda que a abertura das escolas para o mundo urbano tornou-se palco de conflitos e disputas. A vida das ruas passava a penetrar nas escolas de muitas formas (festas escolares, uso de seus espaços para lazer, recreação, reuniões, concursos, etc.) e a provocar acusações caluniosas dos católicos que apontavam Anísio e seus colaboradores como comunistas, vendo até nas instalações sanitárias comuns às crianças de ambos os sexos, dentro dos novos prédios escolares primários, a corporificação do comunismo ateu, em seu afã de dissolver a família e perverter moralmente os alunos.

A nova arquitetura escolar, pelas mãos de Anísio Teixeira, conforme Nunes (1996), construiu-se dentro do novo espírito técnico identificado como uma arquitetura racional e funcional. As construções projetadas por Enéas Trigueiro Silva destacavam antigas questões relativas à salubridade, à higiene, e à economia. Ainda o sonho eugênico, desenvolvido a partir da concepção funcional cujo alvo predileto era a saúde social.

A concepção da Escola-Parque da Bahia e muitas escolas experimentais do Rio de Janeiro foi consequência do modelo de escola *Platoon*, trazido por Anísio de Detroit, que valorizava a arborização, a salubridade, a higiene, a economia, a ventilação. Ao compararmos as fotografias presentes no relatório de Anísio com as fotografias do texto de João Augusto Lima Rocha – “As inovações de Anísio Teixeira na arquitetura e construção escolar: os casos da Bahia e do Rio de Janeiro”, é possível identificar semelhanças de escolas *Platoons*:

Escola tipo *Platoon* nos Estados Unidos

Escola tipo *Platoon* no Rio de Janeiro

Escola tipo *Platoon* na Bahia

A antiga Escola Normal isolada construída em estilo neocolonial na gestão de Fernando de Azevedo teve seus espaços reestruturados, adaptados e ampliados na gestão de Anísio. Foram instalados cinco laboratórios, duas oficinas destinadas a trabalhos manuais, gabinete de geografia, de ciências naturais e de estatísticas. Três salas especiais para desenho e artes aplicadas e dois anfiteatros para aulas teóricas. A biblioteca infantil e a biblioteca geral de educação ampliaram-se e adquiriram novos acervos. Instalou-se o museu de higiene, gabinete médico e dentário, e o ginásio de educação física foi reformado adquirindo materiais para a prática de exercícios e jogos. Foram construídos ainda 48 banheiros e um campo de jogos desportivos (HERMES LIMA, 1978).

Quanto ao nível de ensino, formação do professor, programas/currículos e seleção, a antiga Escola Normal seguiu a lógica da Escola de Professores da América do Norte. Primeiramente Anísio a transforma em Instituto de Educação pelo Decreto 3.810 de 19 de março de 1932, incorporando uma Escola Ginásial, uma Escola Secundária, uma Escola de Professores (incorporada à Universidade do Distrito Federal em 1935) e uma Escola de Aplicação (Jardim de Infância e Escola Primária), que funcionava como laboratórios e prática de ensino.

O mesmo aluno poderia passar nessas escolas 16 anos: 3 no Jardim de Infância, 5 na Escola Primária, 6 na Secundária, 2 ou mais na Escola de Professores. Dessa forma, o Instituto assegurava o ensino em todos os graus, tornando-se um complexo educativo, reunindo cursos de todos os níveis, assim como nas Escolas Normais americanas:

O collegio normal de Farmville occupa em uma pequena elevação, um grupo de grandes edificios, ligados entre si por galerias, a que uma serve de columnna, dando-lhes uma certa graça e elegancia, e mais 12 menores edificações destinadas a dormitórios das alumnas. Um outro edifficio escolar moderno embelleza os campos do collegio. Ahi funciona a escola de prática dos estudantes, uma grande escola, com todos os graus primários e secundarios, nas mais avançadas condições de aparelhamento e methods¹⁶⁰.

¹⁶⁰ Teixeira, Anísio. *Aspectos americanos de educação*, 1928, p. 121.

Anísio também teve uma atenção especial à formação do professor. Para ele, a complexidade dos estudos de educação, a elevação das escolas normais ao nível superior, à identificação dos professores primários aos professores secundários, inclusive nos salários, e as novas exigências dos requerimentos de admissão, são iniciativas, que nos Estados Unidos, se está “procurando tornar o professor primário um factor intellectual de primeira classe. E’ inteiramente recente esse movimento para uma preparação mais adequada do professor primário”¹⁶¹.

Ele vem expor ao interventor Pedro Ernesto Batista do Distrito Federal os motivos da organização do Instituto de Educação, assim como da formação de seus professores.

Dentro do plano geral já submetido a V. Ex. de reorganização e reajustamento do systema educacional do Districto Federal, occupa lugar de preeminência indiscutível o projeto de reorganização da antiga Escola Normal, que ora entrego à apreciação e aprovação de V. Ex. Em nossa preocupação, tão viva hoje, pela educação popular e universal, não nos temos apercebidos de que, acima do número de escolas e do número de alumnos matriculados, importa a qualidade do mestre, o seu preparo cultural e thecnico, as suas condições de remuneração e de trabalho e os seus atributos de formação moral e social (...) O projecto de reforma do Instituto de preparação dos professores, que acompanha esta exposição, busca resolver a primeira parte do problema: a formação adequada do mestre. Nesse projecto, a actual Escola Normal é transformada em um Instituto de Educação, destinado a ministrar educação secundaria e preparar professores primários e secundários. Tornam-se dispensáveis maiores esclarecimentos sobre a instalação da Escola Secundaria nos moldes da legislação federal, porque já foi isso objecto de decreto anterior de V. Ex.: Decreto 3.763, de 1º de fevereiro ultimo¹⁶².

Anísio tratando ainda da organização dos programas das Escolas Normais americanas atém-se à Escola Normal de Towson, composta de um curso normal de dois anos, uma escola primária e um jardim de infância, funcionando como laboratório para a pratica do ensino. O curso é dividido em três departamentos, e juntos trabalham por uma constante cooperação mútua, procurando dar ao curso uma unidade tão completa quanto possível.

¹⁶¹ Teixeira, Anísio. *Aspectos americanos de educação*, 1928, p. 84.

¹⁶² Teixeira, Anísio. Reorganização do Ensino Normal e sua transposição para o plano universitário: criação. *Boletim de Educação Pública*. Rio de Janeiro, v. 2, nº 1/2, jan./jun., 1932.

A “Introdução à Arte de Ensinar” é um curso do primeiro ano, oferecido em 12 semanas e tem por objetivo “introduzir os estudantes “através de observação directa, leitura e discussão, nos característicos da escola moderna”¹⁶³. O segundo curso compreende igualmente 12 semanas, com três horas semanais, e duas são dependidas na escola elementar e uma em conferência ou aula. O terceiro curso se divide em dois outros diferentes, um para os estudantes que escolheram o trabalho rural, outro para os que escolheram o urbano.

Desses programas e cursos americanos referidos por Anísio, é possível percebermos uma semelhança com os do Instituto de Educação. Ele expõe para o interventor Pedro Ernesto como seriam a sua organização:

Os cursos funcionarão em trimestres, para permittirem maior variedade em sua organização e melhor distribuição de tempo. Para a formação do professor primário, o período fixado de dous annos assim se distribuirá. O primeiro trimestre será commum a todos os programmas e se constituirá com os cursos geraes e de introducção, necessários para darem ao estudante uma vista do conjunto da profissão do magistério e lhe permittirem a escolha do typo de ensino a que se deseja consagrar. Os quatro trimestres subsequentes manterão os cursos de especialização necesarios para a formação do mestre, segundo o nível e objectivo do ensino escolhido. O sexto e o ultimo trimestre contara os cursos mais geraes de educação, destinados a synthetisar para o estudante os conhecimentos especializados adquiridos, bem como dar-lhe a visão social e filosofica do seu trabalho e das theorias que o iluminam e explicam¹⁶⁴.

Um outro aspecto observado na Escola Normal americana e que muito interessou a Anísio foi a seleção rigorosa, que, segundo ele, representa um esforço dos mais adiantados para elevar o nível intelectual dos estudantes da Escola de Professores.

Ao desejar matricular-se na Escola Normal, o candidato escreve à escola pedindo informações. A secretaria envia um formulário para ser preenchido, onde se pedem nome, data de nascimento, endereço, escolas secundarias, *collegios* ou escolas normais frequentadas. Se o candidato realizou a prática de ensino deve dizer aonde o fez e para qual especialidade.

¹⁶³ Teixeira, Anísio. *Aspectos americanos de educação*, 1928, p. 84-85.

¹⁶⁴ Teixeira, Anísio. Reorganização do Ensino Normal e sua transposição para o plano universitário: criação. *Boletim de Educação Pública*. Rio de Janeiro, v. 2, nº 1/2, jan./jun., 1932.

Do outro lado da página, assina um compromisso de servir “*pelo menos dois annos*, nas escolas publicas do Estado e no caso de não satisfazer esse compromisso, de indenizar a escola com \$30000, por ano de curso”¹⁶⁵. Esse termo é também assinado pelo seu responsável, assumindo a responsabilidade financeira da obrigação assumida pelo filho e por três testemunhas. Em outra página, uma recomendação formal e favorável do diretor da escola secundária cursada pelo candidato é exigida, fornecendo indicações sobre o seu caráter, hábitos de estudos e qualidade do trabalho intelectual.

Essa lógica de seleção, controle e rigor, com algumas diferenças, também acontecia no Instituto de Educação. A exigência mais significativa era a que só permitia o ingresso, na Escola de Professores, daqueles que já haviam cursado sua própria Escola Secundária. Sem admitir transferência de alunos, o processo de seleção ocorria no exame de admissão aos estudos secundários oferecidos pelo Instituto.

As turmas eram separadas pelo nível obtido nos testes de escolaridade e inteligência, marcando uma estratificação interna, submetida à mobilidade dos resultados escolares. O maior desgaste emocional, segundo Nunes (1996), ficava por conta da “turma dos gazes nobres”, a que tendo obtido as maiores notas não se misturava com as demais, correndo o risco de ser rebaixada caso não mantivesse a *performance*, deixando suas alunas em estado de permanente tensão. A escolha dos professores do Instituto de Educação passou a ser realizado por meio de concursos públicos e duas exigências se impunham: a elaboração de tese e a prova de aula.

Não somente o Ensino Normal, mas também o Secundário ganha um outro caráter na gestão de Anísio (1931-1935). Ele refutou as normas da legislação vigente a esse grau de ensino¹⁶⁶. Pelo Decreto 3.763 de 1º de fevereiro de 1932 amplia o sistema escolar carioca, introduzindo nele o Ensino Secundário, procurando seguir a diretriz norte-americana, entendendo que todos os graus de ensino deviam atingir a diferentes classes sociais.

De acordo com Anísio (1976, p. 94-95), na década de 20, o sistema educacional brasileiro, era um sistema particular de ensino secundário, de

¹⁶⁵ Teixeira, Anísio. *Aspectos americanos de educação*, 1928, p. 83. Grifos do autor.

¹⁶⁶ DECRETO N. 21.241 - de 4 de abril de 1932. Art. 1º O ensino secundário, oficialmente reconhecido, será ministrado no Colégio Pedro II e em estabelecimentos sob o regime de inspeção oficial.

caráter acadêmico e intelectualista, com veleidades de imitação do sistema francês, seguido das grandes escolas de profissões liberais, estas, em sua maioria, públicas e gratuitas. Para o povo, havia certa quantidade de lugares nas escolas primárias públicas, de onde poderiam estes poucos alunos se dirigir às escolas normais ou técnico-profissionais. O ensino brasileiro existente nesta época “não penetrava profundamente nenhuma grande camada popular e se caracterizava como uma educação de elite”. Nas palavras de Anísio (1952, p. 09):

Não somente no Brasil, mas no mundo inteiro, a transformação da escola secundária, no sentido de perder o caráter de escola de elite, o caráter de escola intelectualista, e de adotar pedagogia e a psicologia da escola primária. Não se trata de uma luta de sistemas pedagógicos, mas de um desenvolvimento institucional, conseqüente a mudanças sociais. Primeiro há a mudança de clientela da escola secundária, que já não é especificamente a de pessoas que se destinem ao ensino superior. Já agora, a clientela é de pessoas que, julgando o ensino primário insuficiente para a sua formação, desejam de qualquer modo continuar, prolongar a educação.

Marcado pelos ideais de Dewey, Anísio sabia que não podia separar cultura e trabalho e pressiona no sentido da adoção do método experimental no ensino primário e secundário. A reforma do ensino proposta por ele tentava alcançar um sistema organicamente articulado do ensino infantil, primário, secundário e universitário, onde diferentes classes sociais pudessem ter acesso. Não deveria haver lutas entre sistemas de ensino, mas um diálogo e uma relação mútua e espontânea, como era, segundo ele, nos Estados Unidos.

Anísio (1976) deixa bem claro quanto é crescente a aspiração do povo americano por mais educação. A cada ano eleva mais o nível educacional de todo o povo em todos os seguimentos do ensino, ficando a função seletiva em segundo plano e não o aspecto principal da educação. Constatando-se que cada um dos graus se faz, cada vez mais, formador e não apenas selecionador.

O Ensino Profissional também foi revisto por Anísio e ganhou um outro sentido. Ele procurou combater o isolamento do sistema municipal em relação aos sistemas estaduais e federais, e ainda, o divórcio entre o Ensino Secundário e Profissional, porque acreditava que essa separação redundava em

manter compartimentos estanques, incommunicáveis. Sacrificava o princípio fundamental da igualdade de oportunidades em educação. Segundo Anísio (2007, p. 205):

(...) Com efeito, tanto a escola primária quanto a escola profissional, ótimas que fossem, estiveram sempre relegadas no julgamento público, não sendo consideradas nem prestigiadas. Por outro lado, escola secundária e escola superiores, fossem práticas ou não, organizadas ou ineficientes, ricas ou desaparelhadas, todas gozavam do mais estranho prestígio social e legal. É que essas escolas *classificavam*¹⁶⁷ socialmente os alunos no grupo dirigente e as outras no grupo dos dirigidos. Tal organização escolar, nitidamente tradicional, sempre foi considerada por nós, como antidemocrática, originando-se, em verdade, de um dualismo filosófico entre cultura e trabalho que, por intermédio da Europa, nos chegou ainda da Grécia.

De acordo com Hermes Lima (1978), as primeiras experiências do Ensino Profissional na reforma de Anísio fizeram-se no Instituto de Educação e na escola Amaro Cavalcanti, que elevou todo o ensino técnico-profissional ao nível secundário, pois antes era somente ao nível primário. Assim, o aluno poderia seguir até os graus superiores. À noite, as escolas profissionais desdobravam-se em cursos de extensão, aperfeiçoamento e educação continuada, entrando em contato direto com a população adulta, suas aptidões e interesses.

Transformando as antigas Escolas Profissionais em Técnico-Secundárias é possível dizer que Anísio, em parte, seguia as diretrizes do Ensino Técnico ou Profissional norte-americano, pois este não era dissociado do Ensino Secundário.

Nas condições que a ciência, juntamente com a técnica e o método experimental, chegou aos Estados Unidos, lá não se separa cultura e trabalho, laboratório e oficina, educação secundária e educação profissional ou técnica, diz Anísio (2007). A obra de pensamento e ação, de teoria e de prática, tornou-se uma única. Essa imensa conciliação entre o pensamento e ação, a ciência e indústria, devem refletir-se na educação, unindo e pacificando objetivos supostamente hostis de cultura e de profissão, de teoria e prática, de pensamento e trabalho, completa Anísio.

¹⁶⁷ Grifo do autor.

Inspirado nas escolas comunitárias norte-americanas, com algumas semelhanças e diferenças, Anísio realizou em escolas do Rio de Janeiro e da Bahia uma experiência de ensino experimental e integral. Nos Estados Unidos, a jornada escolar dificilmente tem mais do que seis horas diárias, no Brasil passou a ter sete ou oito.

Para ser eficiente, segundo Anísio (1994), a escola pública deve ser de tempo integral para professores e alunos, como a Escola Parque por ele fundada em 1950 em Salvador. Cuidando desde a higiene e saúde da criança até a sua preparação para a cidadania, essa escola é apontada como solução para a educação primária no seu livro “Educação não é Privilégio”. Além de integral, pública, laica e obrigatória, ela deveria ser municipalizada, para atender aos interesses de cada comunidade.

A segunda administração educacional de Anísio no estado baiano (1947-1951), conforme Hermes Lima (1978), se deu com a coroação do Centro Educacional Carneiro Ribeiro – mais conhecido como Escola Parque – construído em três amplas áreas arborizadas no bairro popular da Liberdade. Ali se instalara uma grande “invasão”, denominação baiana da favela carioca, consolidada pela desapropriação da terra, asseguradas desse modo, aos invasores condições para construir suas casas e barracos.

Segundo o autor, no Centro, dividia-se a escola primária em dois setores: Escolas-Classes, envolvendo o ensino de letras e ciências e Escola-Parque, abrangendo uma multiplicidade de práticas educativas – no setor de trabalho: artes aplicadas, industriais e plásticas; no setor recreativo ou de educação física: jogos, recreação e ginástica; no setor artístico: teatro, música e dança; no setor de extensão cultural ou biblioteca: leitura, estudo e pesquisa; no setor socializante: grêmio, jornal, rádio-escola, banco e loja. O regime escolar caracterizava-se como semi-internato. Quando abandonada de pai e mãe, a criança receberia o regime de internato.

As escolas experimentais também seguiram essa lógica, porém, algumas não eram de tempo integral. Anísio denominou-as de escolas-laboratório, avaliadoras de métodos e técnicas. Essas experiências foram bem marcantes no Rio de Janeiro. O projeto de escola-comunidade foi implantado na escola Bárbara Othoni, o sistema *Platoon* nas escolas Argentina, México e Estados Unidos e o método de Dalton na escola Manoel Bonfim.

Na escola Bárbara Othoni, conforme Xavier (2007), o desenvolvimento ligado ao método de projetos era o ponto central da proposta pedagógica. A aplicação dos centros de interesses constituía uma das regras práticas de organização de classes e do currículo, tendo em vista a participação dos alunos em um conjunto de atividades comuns, de modo a desenvolver a individualidade pela divisão de tarefas, segundo o interesse e as possibilidades de cada um. Todas as etapas do trabalho eram discutidas pelas crianças como a escolha do tema, a opção pela forma de conduzir o estudo e o desenvolvimento do projeto adotado. Segundo a autora, a flexibilidade do programa curricular mobilizado pela aplicação do método de projeto não comprometeu a aprendizagem dos conteúdos formais de ensino, a despeito de ser uma metodologia alternativa, pouco explorada nas escolas da rede pública à época.

Sobre a *Escola Argentina*, Chaves (2000) diz que a mesma se tornou um modelo de escola experimental. Estabeleceu uma educação integral, que somando-se ao sistema administrativo e ao projeto arquitetônico do tipo *Platoon*, promoveu a ampliação do tempo de duração das aulas. A introdução de novas disciplinas na grade curricular reestruturou a ocupação e circulação dos alunos no espaço da escola, de acordo com o plano de atividades dirigido (salas de aulas, salas ambientes, jornal-escolar, clubes literários, cooperativa, oficina agrícola, teatro, biblioteca, etc.).

Em estilo neocolonial, situada no bairro do Engenho Novo, a *Escola Argentina* muda para um prédio moderno situado no bairro de Vila Isabel, construído em consonância com o sistema *Platoon*. Segundo Chaves Isto permitiu o ensino tornar-se mais dinâmico e participativo, ao mesmo tempo em que abriu novas vagas possibilitadas pelo aumento do número de salas construídas e pelo uso racional do espaço escolar.

Anísio visitou algumas escolas na América do Norte, que tinham por essas características, a mais visível foi a escola em Detroit, cujo sistema era o *Platoon*. Ele descreve densamente essa proposta educativa em seu relatório:

O systema *Platoon* se destina a satisfazer esses actuaes requerimento da escola moderna: – adoptando uma forma moderna e mais flexível de organização da escola elementar e construindo edifícios que sejam especialmente adaptados aos fins dessa nova organização. O dia escolar é de seis horas, em duas sessões de tres horas: das 8 hs., 30 da

manhã às 11 hs., 30 da manhã, e das 12 hs., 30 às 3 hs., 30 da tarde. Os alumnos são divididos em grupos ou “*platoons*”. O currículo é dividido em: 1) Materias fundamentaes, isto é, leitura, escripta orthographia, arithmetica e língua, 2) matérias especiaes: arte, musica, desenho, trabalho manual, sciencia, etc. Enquanto um grupo está estudando as materias fundamentaes (home-room-subjects), ao outro está sendo ministrado o ensino das matérias especiaes (special subjects). De sorte que metade dos alumnos se acha nas salas commons de aula (home-rooms), ao mesmo tempo em que a outra metade se acha nas salas especiaes. O dia escolar é dividido em quatro periodos de 90 minutos para o ensino das matérias fundamentaes e 12 periodos de 30 minutos para das matérias especiaes. O numero de salas depende do numero de classes ou de alumnos. Si, por exemplo, a escola tem 24 classes, isto é, 960 alumnos, ella deve ter dous *platoons*, de 480 alumnos cada um. Isto requer 12 salas ordinárias de aula (home-rooms) para o primeiro grupo de 480 alumnos; e a distribuição dos restantes 480, em salas especiaes, pelas seguintes actividades: auditorio, gymnasio, musica, arte, litteratura, bibliotheca, sciencia, geographia, recreio e artes manuaes¹⁶⁸.

Na capital carioca foram implantadas escolas tipo *Platoon* com 12, 16 e 25 salas de aula. A cada sala correspondiam 40 alunos no turno da manhã das 08:30 às 11:30 e o mesmo número no turno da tarde das 12:30 às 15:30. Seriam dois “pelotões” que se revezavam, tendo cada qual, no respectivo turno oposto, atividades em salas especiais.

O percurso das escolas experimentais, conforme Xavier (2007), não foi longo, pois a continuidade desse projeto necessitava da permanência de uma política que o apoiasse ou, na pior das hipóteses, não o considerasse negativamente, como focos de divergência do padrão oficial de organização escolar. Após a demissão de Anísio da Secretaria Geral de Educação e Cultura, foram extintas as Escolas Experimentais. Contudo, a perspectiva experimentalista seria retomada nas décadas de 1950-60, em nível nacional, com a nomeação de Anísio para a direção do Inep.

Outro projeto de grande relevância na gestão de Anísio esteve na criação da Universidade do Distrito Federal (UDF). Esta instituição, nas palavras de Hermes Lima (1978, p. 182) “nasceu sob o fogo dos opositores”. A sua inauguração aconteceu em 31 de julho de 1935, instituída pelo Decreto 5.513, com as seguintes faculdades: de educação; de ciências, filosofia e letras;

¹⁶⁸ Teixeira, Anísio. *Aspectos americanos de educação*, 1928, p. 151-152.

de economia e direito e instituto de artes. O total de alunos matriculados alcançou 727 no ano letivo de 1935.

Por se apresentar como um centro de pensamento livre, “gerando a mística de seus valores como técnicas de indagação, de pesquisa e de aprendizado, tudo conduzido por um espírito universitário nascente” (Hermes Lima, 1978, p. 184), a UDF foi rotulada de esquerdista e comunista. De acordo com Nunes (2000), nos seus curtos e turbulentos quatro anos de existência, pois foi incorporada à Universidade do Brasil em 1939, ela encarnou a ambigüidade e a rebeldia de uma instituição que surgia dentro do Estado, mas pretendia ser autônoma em relação a ele.

Hermes Lima observa que Anísio foi criticado por estar criando institutos superiores, enquanto faltavam no Brasil escolas primárias. Anísio (2007, p. 122) rebate essas críticas dizendo o seguinte:

Quase cinco séculos depois, possuímos seis universidades, das quais apenas uma tem, além de objetivos práticos e profissionais, objetivos de cultura desinteressada e de preparação para a carreira intelectual. Pois o nosso país, que não é, positivamente, a pátria das universidades, Começou a se organizar a Universidade do Distrito Federal, com rumores em volta de si de que era demais, de que nos sobram instituições de cultura superior e nos faltam escolas primárias. Ninguém até hoje mais profundamente sentiu a necessidade da educação popular primária do que Jefferson (...) Raros homens de Estado, entretanto, podem se orgulhar, como Jefferson, de terem deixado de sua vida um monumento imperecível como a Universidade de Virgínia, carinhosamente fundada, constituída e organizada pelo grande espírito da democracia do Novo Continente.

A universidade norte-americana, de acordo com Anísio (1960), é uma instituição aberta, envolvida por todos os problemas do presente, em permanente esforço de adaptação e readaptação a um mundo em transformação. Nela, professor, alunos e estudos estão constantemente mudando, com muitos cursos e programas novos ano a ano, constituindo um grande fórum de debate. E ainda, valoriza o progresso científico, o experimentalismo e a técnica.

Em contrapartida, a universidade brasileira, atrelada a um modelo francês-napoleônico de ensino enciclopédico e profissionalizante, fica num mundo fechado de estudos remotos e distantes, controlado pelos professores. Para compreender as duas instituições, é preciso reconhecer que na América

do Sul ainda sobrevivem aspectos da universidade medieval, e na América do Norte quase nada existe que possa lembrar a corporação medieval, salvo os nomes dos títulos universitários. São instituições modernas, planejando seus objetivos e suas atividades com flexibilidade e praticidade, diz Anísio.

Assim, a UDF surgiu contra esse modelo de educação superior criticado por Anísio. Ela não seria apenas uma escola de ensino e transmissão do saber existente. Iniciava-se a pesquisa vinculada ao ensino, à extensão, ao experimentalismo e ao estudo científico, sendo possível ser um centro de estudos, debates e discussões.

Certamente, o modelo de Ensino Superior americano serviu como inspiração para UDF. Ela se caracterizava e diferenciava das outras universidades brasileiras por apresentar valores modernos, mais flexíveis, de cunho audaciosamente experimental, embora não lhe faltasse o cunho clássico, e abrangia uma clientela mais diversificada, não somente aquela tradicional vinda das classes média e alta. Nas palavras de Hermes Lima (1978, p. 184):

Consciente de servir a uma sociedade pluralista, cujo denominador comum só podia ser a liberdade, a Universidade do Distrito Federal ligou-se historicamente a tarefa de prender nossa cultura à totalidade da vida brasileira, ao saber que coordena pensamento e ação, vencido o particularismo da luta pessoal e isolada pelo conhecimento. A memória dela guardou-se na Universidade do antigo Estado da Guanabara, hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Anísio procurou dar ao ensino em todos os graus um caráter experimentalista e científico. Segundo ele, a escola não poderia se limitar a ensinar a ler, escrever e contar, mas teria que ser vista como um espaço de mudanças de hábitos, procurando familiarizar os alunos com os aspectos da ciência, da técnica, da democracia e da cultura nacional. Essa nova mentalidade da escola exigiria, então, que ela não só revisse os seus próprios fins, mas também, os seus programas e métodos. Obrigaria o espaço escolar, por meio de uma ação educativa direcionada, estimular nos seus alunos o desenvolvimento do pensamento pela prática e ação.

Com o desenvolvimento da ciência experimental e da técnica, conforme Anísio (1960, p.65), nas escolas norte-americanas, todas as formas de trabalho passaram a ser ensinadas, e ainda, todas as atividades humanas

“passavam a ser intelectuais e tôdas as atividades intelectuais passavam a ser práticas, logo a escola – fôsse a primária, a secundária, ou superior – passaria a ser também simultaneamente *intelectual e prática*¹⁶⁹”.

Em visita às escolas norte-americanas, o método, a organização das salas, o material utilizado e a forma como eram conduzidas as aulas chamaram a atenção de Anísio:

Na theoria de educação americana, pensar é o methodo do ensino intelligente. As crianças devem ser postas em contacto com uma real situação de experiencia, em cujo desenvolvimento lhe seja necessário pensar, reflectir, raciocinar e por esse modo adquirir o conhecimento. O trabalho, na escola, não deve começar com o material já elaborado em sua ultima forma scientifica e logica, em arithmetica, geographia, etc., mas com uma situação empírica de real experiencia e real problema, como as situações anteriores à escola. Os methods efficientes em educação, são aqueles que dão alguma coisa a fazer e como fazer demanda reflexão e observação, o resultado é alguma cousa apprendida.¹⁷⁰

Assistindo uma aula na Escola Normal de Towson, Anísio diz que o trabalho de classe obedece a um sistema de discussão coletiva de certo problema. Essas aulas, segundo ele “nada faz lembrar a nossa aula-conferencia ou a nossa aula-lição”¹⁷¹. A classe se reúne para estudar um problema concreto e definido. O estudo desse problema não é formal e acadêmico, dessa forma, os alunos ficam mais vontade. A discussão é aberta a todos para exporem suas opiniões espontaneamente.

Situações problemas, problemas da vida prática, estudos de um problema real ou simulado, aprendizagem pela experiência, valorização da vida real ou concreta foi o método usado nas escolas do Distrito Federal, especialmente nas escolas experimentais e no Instituto de Educação.

Sob esse aspecto, Nunes (1996) observa que a consulta ao dossiê dos documentos produzidos pelo corpo docente do Instituto de Educação do Distrito Federal, na década de 30, mostra que a cultura pedagógica ali cultivada era temperada pelos chamados “problemas da vida prática”, percebidos nas escolas provocavam a análise de atitudes de diretores, professores e alunos no espaço escolar.

¹⁶⁹ Grifo do autor.

¹⁷⁰ Teixeira, Anísio. *Aspectos americanos de educação*, 1928, p. 44.

¹⁷¹ Idem. p. 89.

Essa análise de atitude denuncia, por meio das situações-problema, questões vividas efetivamente como o caso de um aluno maior que pretendia violar sexualmente outro menor e, sem conseguir seu intento, maltratou-o a socos e pontapés, tendo sido expulso pela diretora. Ou daquele caso em que certo aluno foi apanhado pela professora na “prática de um vício secreto”. Que atitude tomar? Como agir diante destas situações? Essas questões e muitas outras eram discutidas em sala de aula, segundo Nunes.

Algumas instituições educacionais norte-americanas, como o Instituto de Hampton desenvolviam um modelo de gestão no qual os alunos eram os seus responsáveis, ou seja, o *self-government*. De acordo com Anísio o objetivo do *self-government* “é promover a unidade e lealdade ao instituto e dar aos alunos hábitos de direção e governo de si mesmos”¹⁷². Diz ainda que dessa experiência participam todos os estudantes e é deliberado por um conselho de 26 membros.

Para organizar um trabalho criativo, desenvolvido de forma coletiva, Anísio tentou por em prática a experiência do *self-government* na sua gestão no antigo Distrito Federal, não resultando muito sucesso, pois de acordo com Nunes (1996, p. 176):

A experiência do *self-government*, através da qual a gestão escolar era realizada pelos próprios alunos, organizados em conselhos, nos quais decidiam sobre sanções, estímulos aos colegas retardatários, apoio aos menos ajustados, programas e estudos supletivos, atividades curriculares e extracurriculares, foi lida como “anarquia” que, sem sólidas raízes no círculo familiar dos alunos, invertia a hierarquia da autoridade escolar, promovendo a desordem.

Um texto sem assinatura localizado no arquivo pessoal de Anísio sob a guarda do CPDOC faz referências ao ambiente da Escola Técnica Amaro Cavalcanti e da experiência do *self-government* vivenciado nela:

É a Amaro Cavalcanti uma escola secundária com perto de mil alunos, heterogênea com seus três turnos de programas diferentes, freqüentada por meninas, meninos, pubescentes: adolescentes e adultos; heterogeníssima porque pessimamente colocada (e instalada) para um curso de finalidade comercial, nela se refletem amplamente os contrastes de classe da sociedade, vindo a menina e a mocinha de pai rico (...) com a menina e a mocinha paupérrimas, a quem o diretor, fazendo a ginástica de aproveitamento de verbas e da boa

¹⁷² Teixeira, Anísio. *Aspectos americanos de educação*, 1928, p. 129.

vontade dos fornecedores, teve de fornecer roupa e calçado. Nesse ambiente salada de frutas-pot-pourri os fatos só podiam mostrar a impraticabilidade, não tinham outra coisa em fazer senão atestar o ridículo do *self-government*¹⁷³.

Para Nunes, essa experiência sofreu resistências por que, na medida em que se quebrava o código cultural inscrito nas relações informais da cidade e da escola, confundia as noções de igualdade e identidade, obrigando os adultos a olharem os estudantes como indivíduos numa totalidade coletiva. A distribuição do poder escolar foi vivida como um grande risco para a autoridade pedagógica.

Outra experiência valorizada nas escolas norte-americanas, que Anísio pôs em prática quando estava na direção da educação, foi a Associação ou Clube dos Estudantes, cujo propósito era promover jogos desportivos, atividades intelectuais, reuniões, festividades, conselhos estudantis.

Em visita à escola secundária em Cleveland, segundo Anísio, esta instituição, além de um conselho de estudantes, que fiscaliza e exerce vigilância sobre a disciplina colegial e desempenha todo o serviço de polícia e tráfico no edifício, conta com 46 diferentes clubes dirigidos pelos estudantes.

Essa experiência pode ser vista no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. De acordo com Nunes (1996), a associação de estudantes da Escola de Professores gerou a criação do Clube Desportivo, que promovia festas, sessões de cinema, atividades esportivas e contava com o estímulo e apoio de professores como Edgard Sussekind de Mendonça, do diretor da Escola Secundária, professor Mário de Brito, e do diretor do próprio Instituto, Lourenço Filho.

Essas associações e clubes escolares são pontos importantes na formulação da educação integral que se queria criar na escola. Sob a responsabilidade dos próprios alunos, tinha como objetivo desenvolver-lhes a iniciativa, o espírito participativo, a integração e prepará-los para a vida em sociedade.

A vida escolar na América, segundo Anísio, não se resumia somente de programas e lições, mas tinha todo um aparato de associações que a tornava mais rica e democrática, onde também, além dos alunos, professores,

¹⁷³ Arquivo Anísio Teixeira, produção intelectual, AT/S Ass. Pi 32/36.00.00, CPDOC/FGV, RJ.

funcionários, participavam os pais. E é assim que Anísio mostra-se entusiasmado.

A Associação de Pais e Mestres, diz Anísio, existe em todas as escolas da América, e realiza um trabalho de grande importância, auxiliando o serviço público de ensino. Não só desperta um espírito de cooperação moral entre a família e a escola, como provê uma multidão de pequenas coisas concretas e práticas de imediata necessidade. Cada escola tem a sua Associação de Pais e Professores e está consolidada em dois Conselhos Gerais – um para as escolas de brancos e outro para as escolas de negros.

A criança e o adolescente para Anísio eram vistos como elementos de ligação entre a escola e a família, desse modo era necessário estreitar esta comunicação, pela criação, difusão e efetivação da Associação de Pais e Mestres nas escolas, fosse as de periferias, urbanas ou rurais.

A escola se transformava em muitas, abria as suas portas, não era mais a escola somente dos professores, diretores e alunos. Era a escola da diversidade, que se expandia, e, portanto, convidava novos atores sociais a adentrá-la. Para isso foram criadas muitas associações, dentre as quais está a de Pais e Mestres.

Os dados estatísticos do Ministério da Educação e Saúde, segundo Nunes (1996) mostram que em 1933 o Distrito Federal possuía 98 clubes de leitura, 20 clubes desportivos, 19 obras de escotismo, sete ligas da bondade e 88 associações de pais e mestres.

Um outro fator observado por Anísio, que o agradou muito e mereceu comentários no seu relatório, foi a valorização e uso intenso das bibliotecas nas escolas e universidades americanas. Segundo ele, as bibliotecas, sejam das escolas pequenas, grandes, isoladas, consolidadas, rurais urbanas ou das instituições superiores “é particularmente interessante”¹⁷⁴. “Concluí a minha visita com uma vista pela biblioteca. Vinte e cinco mil volumes. Era a fonte que permitia o trabalho original e rico das classes”¹⁷⁵.

O desenvolvimento das bibliotecas, segundo Anísio, acompanha o desenvolvimento americano de educação. Elas existem por toda a parte, nos

¹⁷⁴ Teixeira, Anísio. *Aspectos americanos de educação*, 1928, p. 71.

¹⁷⁵ Idem, p. 91.

colégios, nas escolas, nas comunidades, nas igrejas e a sua organização é cada vez mais científica, exigindo pessoal especializado para o trabalho.

As bibliotecas americanas têm chamado a atenção de muitos países europeus, que muitas vezes enviam os seus especialistas para conhecê-las. Existe no Instituto de Hampton desde 1925 o curso para bibliotecários, consistindo em um departamento autônomo. Compreende um ano de curso de colégio e um ano de curso especializado, preparando bibliotecários para atuar nas mais diversas instituições que tenham um sistema de bibliotecas.

À frente da Instrução Pública, Anísio procurou seguir o exemplo americano, estabeleceu uma política de criação de bibliotecas. O Decreto 4.387 de 08 de setembro de 1933 tratava sobre a criação da Divisão de Bibliotecas e Cinema Educativo.

Bibliotecas escolares, centrais e locais foram construídas e outras reformadas; para todos os públicos, crianças, jovens e adultos e todos os usos; estudos individuais e em grupo, pesquisa, leitura, atividades sócio-educativas e de convivência social. A biblioteca, na gestão de Anísio, fazia parte da grade escolar. As crianças eram introduzidas no mundo da literatura que, além de ensinar, acabavam por lhes incutir padrões de gosto e estética.

Um fator importante no uso da biblioteca escolar na gestão de Anísio (1931-1935), que é bem parecido com o norte-americano, está na supressão das exigências formais no contato com o livro, que ficava ao alcance do desejo e das mãos dos alunos, em estantes abertas, onde podiam escolhê-los à vontade; criação de uma hora livre no dia escolar e a orientação dada ao ensino da leitura visando a sua valorização e compreensão.

A biblioteca infantil do antigo Distrito Federal, criada em 16 de abril de 1934, conforme Pimenta (2001) foi um dos projetos mais ambiciosos na reforma de Anísio, e um espaço onde Cecília Meireles desenvolveu sua criatividade e desempenho em favor da literatura infantil. A biblioteca se instalou no Pavilhão Mourisco e foi constituída inicialmente das seguintes seções: livros, gravuras, cartografia, recortes, selos, moedas, música, cinema, produção artística, propaganda, publicidade, observações e pesquisa.

Esses e muitos outros projetos de biblioteca foram desenvolvidos e apoiados por Anísio. Ele também investiu na compra e doações de livros,

revistas, periódicos, etc. os quais muitos provinham dos Estados Unidos da América.

Anísio conferiu ao ensino uma prática de organização escolar baseado em pesquisas, estatísticas, inquéritos e estudos referentes aos problemas educacionais, procurando possíveis soluções, e ainda, elaboração de material didático-pedagógico; realização de estudos sobre currículo, métodos e técnicas; cursos de aperfeiçoamento para professores, orientadores, supervisores e administradores escolares, dentre outras ações. Para isso, criou órgãos auxiliares de educação.

Dessa forma, é possível dizermos que ele procurava seguir uma ideia americana que acreditava ser necessário a criação de órgãos auxiliares para tornar a educação mais eficiente. O Órgão Federal de Educação (o Bureau de Educação) nos Estados Unidos é o principal deles, cuja função, segundo Anísio consiste:

(...) em levantar estatísticas, proceder a estudos, apresentar sugestões e fazer inqueritos. Com a complexidade do serviço educacional da America isso representa uma formidável actividade. E' extraordinário o numero de publicações que os diversos departamentos especializados desse Bureau, editam annualmente, a fim de manter em dia o estado das multiplas e variadas actividades educativas do paiz¹⁷⁶.

É bem provável que o *Bureau* de Educação tenha servido como inspiração a Anísio para criação no Brasil de órgãos auxiliares. Na direção do Inep ele fundou no Rio de Janeiro em 1955 o CBPE – Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, e as cinco sedes regionais: em São Paulo (SP), sob a direção de Fernando de Azevedo; em Belo Horizonte (MG), sob a direção de Mário Casasanta; em Porto Alegre (RS), com a direção de Eloah Ribeiro Kunz; em Salvador (BA), com a direção de Luiz Ribeiro de Sena e em Recife (PE), inaugurado em 1957, com a direção de Gilberto Freyre.

Os Centros tinham como objetivos recolher, elaborar e divulgar documentação pedagógica; estimular e desenvolver estudos e pesquisas; realizar o aperfeiçoamento e a especialização de professores e especialistas da educação, e ainda, reuniram intelectuais nacionais e internacionais, que fizeram

¹⁷⁶ Teixeira, Anísio. *Aspectos americanos de educação*, 1928, p. 93.

pesquisas sobre diferentes temáticas como a reconstituição histórica de aspectos da realidade brasileira, a urbanização, a industrialização e seus efeitos sobre a escolarização do país e a formação de docentes para o primeiro e segundo graus (FARIAS *et alii*, 2001).

Todos os Centros possuíam Divisões de Estrutura e Pesquisas Educacionais (Depe), de Documentação e Informações Pedagógicas (DDIP), de Estudos e Pesquisas Sociais (Deps) e de Aperfeiçoamento do Magistério (DAM), todos subordinados ao Inep. Foram inaugurados também os centros nacionais de treinamento de pós-graduação, vinculados a Capes.

O CBPE, dirigido inicialmente por Castro Faria, abrangia estudos sociológicos, antropológicos, estatísticos e históricos sobre a realidade brasileira. Teve uma biblioteca de educação com 120.000 volumes e editava a revista “Educação e Ciências Sociais”. Em 1956, Anísio compareceu à 1ª Conferência Internacional de Pesquisa Educacional, realizada nos Estados Unidos, onde apresentou um informe sobre o CBPE (FARIAS *et alii*, 2001).

Na sua administração, Anísio iniciou uma série de levantamentos e inquéritos, que levariam a uma análise detalhada das condições do ensino em cada Estado. Conforme Saavedra (1988) foi instituída uma Campanha de Inquéritos e Levantamentos do Ensino Médio e Elementar (Cileme). O objetivo dessa campanha era procurar entender o como e o porquê da prática educativa em situações conjunturais particulares, levando em conta os aspectos culturais de uma determinada sociedade.

Anísio acreditava que a escola por se transformar em muitas, abranger novos atores sociais, classes heterogêneas de alunos, se dividir em muitas seções necessitava de órgãos auxiliares para ajudá-la na empreitada de uma educação eficiente e para todos. Ele criou na sua gestão no Antigo Distrito Federal (1931-1935), na Bahia (1947-1951) ou como diretor do Inep órgãos, associações, grupos, departamentos especializados no intuito de tornar a educação mais eficaz.

Assim, nota-se uma estreita relação entre o *Bureau* de Educação e o CBPE no que diz respeito às diretrizes para um programa de desenvolvimento ou controle da educação: estatísticas, pesquisas, inquéritos, estudos, intercâmbio, publicações, cursos de especialização ou aperfeiçoamento para os profissionais da educação.

Considerações Finais

Anísio, em suas andanças por tantos lugares, segundo Azevedo (1960), não representou a imagem de um conquistador de paisagens, do homem encantado pelos costumes exóticos, do turista a procura de sensações novas. De volta de suas viagens, Azevedo diz nunca ter ouvido do amigo uma observação sobre estas questões, e nem o surpreendeu em atitudes que denunciasse prazer diante do mundo exterior. O seu interesse voltava-se sempre às questões de educação, política e cultura.

Na Europa e América, Anísio conquistou reputação e prestígio que poucos brasileiros alcançaram na esfera da educação, diz Azevedo. Depois das viagens de estudo e observação, entre 1927 e 1928, seguiram-se muitas outras, e estas sempre para atender a convites dos mais significativos. Ele viajou com livros, ideias e teorias para debatê-las, retificá-las em uns pontos e completá-las em outros. No convívio com diferentes pessoas e de mais variadas formações, discutiu, confrontou opiniões e pontos de vista, sobre a base da luz da experiência estrangeira.

O percurso de Anísio em terras alheias lhe possibilitou mudanças, seja de crenças ou postura. As viagens mudam os sujeitos, e como diz Ianni (1996), toda viagem objetiva a ultrapassar fronteira e ao mesmo tempo em que as dissolve, recria-as. Demarca diferenças, singularidades, alteridades, semelhanças, continuidades e ressonâncias. Tanto singulariza como universaliza. Constrói, recria identidades e descortina pluralidades.

Anísio foi em busca do desconhecido, do novo, do imprevisto, das incertezas, certezas, verdades, mentiras, decepções, alegrias, tristezas, surpresas. Ele atravessou fronteiras, experimentou não somente a distância, mas também a diferença, a alteridade constitutiva do “outro”.

Segundo Ianni (1996), uma viagem faz com que o viajante se desenraíze, se solte, se liberte, dissolva barreiras, invente diferenças e imagine similaridades. A imaginação do sujeito viajante voa longe, defrontando-se com o desconhecido, o exótico, o surpreendente, o maravilhoso, o insólito, o absurdo, o terrificante. Tanto se perde como se encontra e, ao mesmo tempo em que se afirma, modifica-se, sempre em busca de sua identidade. Desta

forma, a experiência vivenciada por Anísio em terras estrangeiras foi uma das maneiras que encontrou de conhecer melhor o mundo para melhor se conhecer nele.

Essa questão pode ser mais bem compreendida nos seus diários de viagem, os quais contêm reflexões de suas experiências em relação ao “outro”, representações de seus pensamentos, suas contradições, anseios, dúvidas, seus desejos, sentimentos e emoções.

Mais do que simplesmente distinguir e aumentar o seu conhecimento, as viagens e o cotejamento de culturas por elas proporcionado foi parte importante no processo de construção da identidade de Anísio. Permitiu-lhe ainda reformulação de verdades antigas, ressignificações de novas, renovação e aumento do seu estoque de cultura e capital simbólico.

Uma viagem é experiência positiva, uma vez que habilita os seres humanos a comparar e fazer julgamentos baseados na multiplicidade e na diversidade das informações adquiridas, pois o viajante sempre compara o novo, o inédito com aquilo que já conhece e faz parte de sua vida cotidiana. Assim, foi possível a Anísio nas suas andanças, observações e estudo em países estrangeiros, comparar modelos educacionais e procurar pôr em prática aquele considerado o referencial.

Depois de suas viagens, a sua trajetória não seria mais a mesma. Anísio teve a oportunidade de atuar mais intensamente na área político-educacional por razões do conhecimento *in loco* adquirido em outros países, lhe permitindo um lugar de prestígio, autoridade e legitimação no campo educacional.

Como intelectual, educador, escritor, administrador ou gestor ele pôs em prática uma série de iniciativas no intuito de apresentar, fazer circular e estabelecer os princípios da Escola Nova, base da pedagogia conhecida nas escolas americanas. Uma dessas primeiras iniciativas foi a publicação do seu relatório das visitas às instituições educativas norte-americanas. Para Carvalho (2007, p. 278) relatar a viagem e dar publicidade ao relato “são práticas indissociáveis na realização de objetivos comuns: propagar idéias, promover aproximações, difundir iniciativas”.

O discurso do relatório apresenta uma dicotomia típica do período de transição do século XIX para o século XX – a “educação tradicional” e a

“educação nova”. A educação tradicional, que consistia em métodos e processos sem base científica, racional e organizada, deveria na opinião de Anísio ser substituída por uma educação nova, moderna a qual consistia numa base racional, científica, estruturada e voltada aos estudos psicológicos do desenvolvimento infantil.

O relatório traz uma representação dessa nova educação: métodos modernos de ensino, metodologia adequada às aulas, lugares apropriados para os estudos, a aprendizagem baseada na experiência, o professor como mediador do conhecimento e o aluno deveria ser independente e pensar por si mesmo.

A América do Norte impactou Anísio que, pela teoria de Dewey, ia encontrando frestas para um projeto educacional democrático, científico, moderno, racional, valorizando a descentralização e a divisão de poderes dentro do corpo político.

Em parte é possível entender o deslumbramento de Anísio pela sociedade e educação norte-americana. Isto porque ele não vivia em outro mundo, não estava à margem dos acontecimentos históricos, políticos, sociais, culturais, que aconteciam na sociedade de seu tempo. Os Estados Unidos surgem como uma grande nação, apresentando um novo modelo econômico, outra forma de vida. Além disso, prezava a liberdade e a igualdade de direitos.

De certa forma, esse país tinha revolucionado por romper com os padrões educacionais da educação jesuítica, voltado somente à elite, com um currículo clássico, humanista, que havia dominado a educação secundária desde sua institucionalização. Esse currículo era herdeiro das chamadas “artes liberais”, vindo da Antiguidade Clássica, se estabelecera na educação universitária da Idade Média e do Renascimento, na forma do *trivium* (gramática, retórica e dialética) e *quadrivium* (astronomia, geometria, música e aritmética).

Anísio experimentou o papel de viajante que percorre outro mundo e conhece seus segredos. Da viagem realizada ao Novo Mundo voltou não só com uma boa dose de encantamento, mas também com projetos e sonhos de pôr em prática aqui nos trópicos um modelo de educação “ideal”.

Longe de uma assimilação acrítica de ideias sem lugar na realidade educativa, Anísio serviu-se desse referencial educacional estrangeiro para

realizar uma grande reforma da instrução pública, especialmente na antiga Capital da República do período de 1931 a 1935. Essas ideias consideradas inovadoras e modernas atravessaram o Atlântico e encontraram um novo caminho na experiência brasileira.

Não se tratou de uma pura e simples transposição daquilo que Anísio apreendeu em suas observações e estudos. Ele era por demais sensível, inteligente e criativo para deixar de perceber que as tentativas de cópia são sempre desastrosas.

Assim, à luz da experiência americana de educação, Anísio pode adaptá-la à realidade educacional de seu país. Sempre em vista às questões políticas, sociais e culturais; o seu trabalho resultou em uma maneira de utilizar, apropriar e reconfigurar sistemas desejados de escolarização.

A reforma educacional conduzida por ele, segundo Nunes (1996, p. 177), “empurrou a escola para fora de si mesma”, ampliando sua área de influência e interferindo nos espaços da cidade e hábitos de sua população. Anísio, como intelectual que conquistou uma posição no campo educacional, participou da mentalidade de sua época endossando o papel disciplinador da escola sobre a cidade no sentido de ordená-la, organizá-la, estruturá-la e modernizá-la por meio de hábitos, atitudes e reformas.

Entender a influência da escola sobre a cidade se torna importante, na medida em que a construção de um estilo de vida moderno na sociedade brasileira, pela ótica da escola, ainda é uma história a ser desenvolvida resgatando as peculiaridades das práticas urbanas (NUNES, 1992).

A educação para Anísio seria o instrumento, que progressivamente solucionaria os problemas de ordem social, cultural e política. E ainda, deveria ser portadora e formadora de uma visão experimental, relacionado ao método científico. Caberia à instituição educacional ajudar a preparar o aluno para um mundo marcado pela ciência e pela indústria, visando à construção de uma sociedade cada vez mais democrática e moderna.

Anísio foi combatido por defender um projeto educacional, que para a época era considerado revolucionário, e, portanto ameaçava o *status quo*. Era um projeto democrático, num país habituado aos regimes aristocráticos e ditatoriais.

No Antigo Distrito Federal, ele criou uma rede municipal de ensino do Jardim de Infância à Universidade. Introduziu a moderna arquitetura escolar, criou os serviços de pesquisa, extensão e aperfeiçoamento, as escolas técnicas secundárias, escolas experimentais ou escolas-laboratório. Transformou a antiga Escola Normal isolada em Instituto de Educação. A sua iniciativa mais polêmica esteve na criação da UDF, instituição que mudou o ensino superior brasileiro, extinta em 1939 no período do Estado Novo.

A sua segunda gestão na Bahia (1945-1949) foi marcada pela continuada preocupação com a formação do magistério, com os programas de ensino, com a escola primária, a participação da população nas questões educacionais, com a organização administrativa do sistema educacional e com os recursos financeiros necessários para a manutenção do sistema.

Na direção do Inep, articulado com o CBPE, Anísio conduziu e valorizou pesquisas que dessem suporte ao projeto educacional iniciado em suas gestões como diretor do ensino na Bahia e Rio de Janeiro. Ele incentivou e construiu os centros de aperfeiçoamento docente, ampliação da escolaridade primária, procurando minimizar as suas deficiências, reativou o projeto das escolas experimentais, entre outras realizações.

Anísio entendia uma viagem como uma dimensão formadora. Ele não viajou simplesmente para passear ou desfrutar dos prazeres exteriores, mas sim para estudar, especializar-se, adquirir novas experiências do campo no qual estava atuando. Assim é possível dizer que as suas viagens foram importantes na sua formação, e, teve ainda, desdobramentos no seu pensamento e atuação educacional.

Acreditando que por meio de uma viagem se adquiriria experiências educacionais e culturais para assim inventar o futuro, especialmente o futuro educacional para o Brasil, Anísio investiu financeiramente em viagens de educadores aos países estrangeiros. Essa questão pode ser confirmada no seu relatório de um ano de administração como Diretor Geral da Instrução Pública carioca:

Não só como uma necessidade geral do systema escolar, como por imperiosa exigência do plano legislativo da escola de professores, ficou o orçamento para 1932, na parte relativa à Instrução Pública, a verba de 450 contos ao custeio no estrangeiro de professores publicos

em cursos de aperfeiçoamento. A reforma dos planos e methods de preparo dos professores, não se poderia fazer sem que especializassemos devidamente um certo número de professores em escolas de países estrangeiros, onde a preparação do magistério assumiu já os característicos technicos e scientificos, a par de uma melhor organização pratica, que desejariamos prevalecessem na Capital do Paiz¹⁷⁷.

O Decreto 3.810 de 19 de março de 1932, o mesmo que transformou o a antiga Escola Normal em Instituto de Educação, regulava a formação técnica de professores primários, secundários e especialistas no estrangeiro. No seu artigo 83 expressa o seguinte:

Os professores assistentes da Escola de Professores, contractados para as secções de Materias de Ensino e Pratica de Ensino, serão commissionados no estrangeiro para especializações e aperfeiçoamento tecnico. Paragrapho unico. Durante o ano de 1932 e enquanto não voltarem, devidamente especializados, os professores commissionados no estrangeiro, as secções de Biologia Educacional e Hygiene, de Educação, de Desenho, Artes Industriaes e Domesticas, de Musica, de Educação Physica, Recreação e Jogos e de Pratica do Ensino funcionarão sómente com o fim de ministrar curso de aperfeiçoamento para professores¹⁷⁸.

Anísio explica no seu relatório que o envio de professores ao estrangeiro é prepará-los para o futuro, um futuro educacional cada vez mais científico, técnico e democrático e, ainda, para adquirirem a compreensão das aspirações dos diversos povos, conhecerem os diferentes métodos e técnicas das sociedades de referência no intuito de serem protagonistas do aperfeiçoamento ou desenvolvimento da educação brasileira.

Segundo Anísio é cada vez mais crescente o número de professores e estudantes em intercâmbio em outros países. O Japão mantém um número extenso de seus jovens no estrangeiro e dia-a-dia cresce nos Estados Unidos jovens que procuram na Europa preparação técnica e inspiração intelectual.

Anísio argumenta que, se países mais desenvolvidos enviam os seus professores e estudantes a aprenderem com outros países, porque seria

¹⁷⁷ TEIXEIRA, Anísio. O systema escolar do Rio de Janeiro. Relatório de um ano de administração. *Boletim de Educação Pública*. Rio de Janeiro, anno II, nº 3 e 4, 1932, p. 357. Foi mantida a escrita original do documento em todas as citações.

¹⁷⁸ Foi mantida a escrita original do documento.

diferente com o Brasil que “não existe sequer ainda a Universidade, na sua afeição classica e universal, isto é, de centro de investigação scientifica?”¹⁷⁹. Continuando o seu argumento, Anísio diz ser necessário a formação e experiência em países estrangeiro por que:

Se ficarmos aqui, entocados dentro de nós mesmos, à espera de que se crie entre nós, “por evolução propria”, toda a sciencia, com as suas technicas e os seus processos; ou que ella nos venha, registrada pelo correio, nos livros que compramos; ou que os poucos de nós, sufficientemente afortunados para viajar ao estrangeiro, nol-a possam trazer, em pequeninas prestações, – é prolongar o espantoso fakirismo em que temos modorrado e leval-o, afinal, até a fronteira da negligencia criminosa¹⁸⁰.

Portanto, Anísio acredita que em face da organização rudimentar da educação e da cultura do Brasil é necessário sistematizar a política educacional “de enviar ao estrangeiro, para matricula nas escolas technicas e superiores que não possuímos, estudantes brasileiros”¹⁸¹, porque segundo Anísio, viajar é *inventar o futuro educacional*¹⁸² do país.

Levando em conta estas considerações, seria desafiante e sugestivo para um outro trabalho analisar a história e os fatores que levaram Anísio, como gestor da instrução pública ou como diretor do Inep, a investir em viagens de educadores, principalmente para os Estados Unidos.

Quem foram esses educadores? Porque foram escolhidos? Qual era o propósito de se estudar em outro país? Qual o desdobramento disso para a educação do Brasil? Que categoria de educadores viajaram mais? Os universitários, secundários, primários, os especialistas (orientadores, inspetores, administradores educacionais)? A análise e reflexões destas questões ajudam a compreender as influências, apropriações e possíveis leituras de um modelo de ensino estrangeiro no campo educacional brasileiro e na formação e atuação dos educadores em seus percursos pela educação pública.

¹⁷⁹ TEIXEIRA, Anísio. O systema escolar do Rio de Janeiro. Relatório de um ano de administração. *Boletim de Educação Pública*. Rio de Janeiro, anno II, nº 3 e 4, 1932, p. 363.

¹⁸⁰ Idem, p. 364. Grifo do autor.

¹⁸¹ Idem, p. 363.

¹⁸² Grifo nosso.

Fontes

TEIXEIRA, Anísio. **Anotações de viagem à Europa**. Lisboa, 1925, 54 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

TEIXEIRA, Anísio. **Anotações de viagem aos Estados Unidos**. Navio Pan American, 1927, 50 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

TEIXEIRA, Anísio. **Aspectos americanos de educação**. Salvador: Tip. De São Francisco, 1928.

Referência Bibliográfica

ADORNO, T. O ensaio como forma. In: T. ADORNO, **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas Cidades, 2003, p. 15-45.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Claudio C. Santoro. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

AZEVEDO, Fernando *et al.* **Anísio Teixeira: pensamento e ação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

_____. Anísio Teixeira ou a inteligência. In: **Anísio Teixeira: pensamento e ação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960, p. 27-34.

BARTHES, Roland. **A Câmera Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única**. Obras escolhidas. Vol. II. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. 3ª ed. Obras escolhidas. Vol. III. São Paulo: Brasiliense, 1994 a.

_____. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas. Vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1994 b.

_____. **Sociologia**. Org: KOTHE, R. Flávio. São Paulo: Ática, 1985.

BOMENY, Helena. Novos talentos, vícios antigos: os renovadores e a política educacional. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, v. 6, nº 11, 1993, p. 24-39.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO Janaína (orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 25-39.

_____. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004 a.

_____. Leitura, leitores, letrados, literatura. In: **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004 b, p. 134-146.

_____. O campo intelectual: um mundo à *parte*. In: **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004 c, p. 169-180.

_____. Espaço social e poder simbólico. In: **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004 d, p.149-168.

BUENDÍA, Miguel. Modelos de escola na história de Moçambique. In: NÓVOA, António e SCHRIEWER, Jürgen (Eds.). **A difusão mundial da escola**. Lisboa: Educa, 2000. p. 151-155.

BUYSE, O. **Métodos americanos de educação geral e técnica**. Salvador: Imprensa Oficial, 1927.

CAMBI, Franco. O século XX até os anos 50. “Escolas Novas” e ideologias da educação. In: _____. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999. p. 509-593.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A bordo do navio, lendo notícias do Brasil: o relato de viagem de Adolphe Ferrière. In: **Viagens Pedagógicas**. MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio e GONDRA, José (orgs). São Paulo: Cortez, 2007, p. 277-293.

_____. A Escola e a República. In: **A escola e a República e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003, p. 11-47.

_____. Anísio Teixeira: itinerários. In: **A Escola e a República e Outros Ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003, p. 165-193.

CATANI, Denice Barbara. **Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (1902-1918)**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

_____. Distâncias, vizinhanças, relações. In: NÓVOA, António; SCHRIEWER, Jürgen (Eds.). **A difusão mundial da escola**. Lisboa: Educa, 2000. p. 143-150.

_____. **Ensaio sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos.** São Paulo, FEUSP, 1994, tese de livre-docência.

_____ e Souza, Cynthia Pereira. A geração de instrumentos de pesquisa em História da Educação: estudos sobre revistas de ensino. In: VIDAL, Diana Gonçalves e HIISDORF, Maria Lúcia Spedo (orgs). **Brasil 500 anos: tópicos em história da educação.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CHAMON, Carla Simone e FARIA FILHO, Luciano. A educação como problema, a América como destino: a experiência de Maria Guilhermina. In: **Viagens Pedagógicas.** MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio e GONDRA, José (orgs). São Paulo: Cortez, 2007, p. 39-64.

CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: _____ **A história cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: DIFEL, Rio de Janeiro: Bertrand, 1990 a.

_____. Textos e edições: a “literatura de cordel”. In: _____ **A história cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: DIFEL, Rio de Janeiro: Bertrand, 1990 b.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas.** São Paulo: Moderna, 1982.

CHAVES, Mirian Waidenfeld. O liberalismo de Anísio Teixeira. **Cadernos de Pesquisa**, nº 110, jul, 2000, p. 303-211.

COSTA, Marcelo Timotheo. De volta à Estação Europa: relatos de viagem e mudança em Alceu Amoroso Lima. In: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, v. , nº 35, 2005, p. 66-81.

DUARTE, Hélio Silva. **Escola-Classe, Escola-Parque, uma Experiência.** São Paulo: FAUUSP, 1973.

DUBOIS, Philipe. **O ato fotográfico e outros ensaios.** Campinas, São Paulo: Papirus, 2006.

ECO, Umberto. **Interpretação e Superinterpretação.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FARIAS, Doracy Rodrigues et al. Anísio Teixeira: breve biografia. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 82, n. 200/201/202, jan./dez., 2001, p. 207-242.

FILHO, Luís Vianna. **Anísio Teixeira: a polêmica da educação.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (org). **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GONDRA, José Gonçalves. Exercício de Comparação: Um Normalista da Corte na Europa. In: **Viagens Pedagógicas**. MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio e GONDRA, José Gonçalves (orgs). São Paulo: Cortez, 2007, p. 39-64.

GOUVEIA NETO, Hermano. **Anísio Teixeira: educador singular**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1973.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaios sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

HÉLIO SILVA. **A Revolta Vermelha**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1969.

HERMES LIMA. **Anísio Teixeira: estadista da educação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HEYMANN, Luciana Quillet. Papéis de um educador: Notas sobre o arquivo pessoal de Anísio Teixeira. In: Monarcha, Carlos (org). **Anísio Teixeira a obra de uma vida**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 265-287.

HOUSSAYE, Jean. Pedagogias: importação-exportação. In: **Viagens Pedagógicas**. MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio e GONDRA, José Gonçalves (orgs). São Paulo: Cortez, 2007, p. 294-314.

IANNI, Octávio. A metáfora da viagem. In: **Revista Cultura Vozes**. Petrópolis, ano 90, v. 2, mar/abr, 1996.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Nº 1, jan./jun., 2001, p. 9-43.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LAWN, Martin. Os professores e a fabricação de identidades. In: NÓVOA, António e SCHRIEWER, Jürgen (Eds.). **A difusão mundial da escola**. Lisboa: Educa, 2000. p. 69-84.

LEME, Paschoal. **Memórias: vida de família, formação profissional e opção política**. São Paulo: Cortez; Brasília: INEP, 1988.

MATENCIO, Maria de Lourdes. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. In: **ANais do III Congresso Internacional da ABRALIN**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. DLCV: Língua, lingüística e literatura, João Pessoa, v. I, n. 1, 2003, p. 9-40.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2001.

MENEZES, Marcos Antonio de. **Um Flâneur Perdido na Metrópole do Século XIX: História e Literatura em Baudelaire.** Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

MICELI, Sérgio. **O ponto onde estamos: viagens e viajantes na história da expansão e da conquista.** São Paulo: Página Aberta, 1994.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Papéis guardados.** Rio de Janeiro: UERJ/Rede Sirius, 2003.

_____. Entre cartas e cartões postais: uma inspiradora travessia. In: **Viagens Pedagógicas.** MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio e GONDRA, José (orgs). São Paulo: Cortez, 2007, p. 246-276.

_____ e GONDRA, José. Viagens de educadores e circulação de modelos pedagógicos. In: **Viagens Pedagógicas.** MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio e GONDRA, José (orgs). São Paulo: Cortez, 2007, p. 39-64.

_____. A descoberta da América. In: NUNES, Clarice (org.) **Aspectos americanos de educação & Anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006, p. 9-24.

MODOTTI, Tina. A imagem como testemunho. In: **Lendo Imagens.** MANGUEL, Alberto (org). São Paulo: Companhia da Letras, 2001, p. 85-106.

MONTAIGNE, M. **Ensaio.** 2a ed., São Paulo, Abril Cultural. (Os pensadores), 1980, p. 500.

MORAES, Dislane Zerbinatti. **Literatura, memória e ação política: uma análise de romances escritos por professores paulistas.** São Paulo: Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação, 1996 (dissertação de mestrado).

MOREIRA, Carlos Otávio F. **Entre o indivíduo e a sociedade: um estudo da filosofia da educação de John Dewey.** Bragança Paulista: Edusf, 2002.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República.** São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1976.

NÓVOA, António. Tempos da escola no espaço Portugal-Brasil-Moçambique: dez digressões sobre um programa de investigação. In: In: NÓVOA, António e SCHRIEWER, Jürgen (Eds.). **A difusão mundial da escola.** Lisboa: Educa, 2000. p. 121-142.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira: a poesia da ação**. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

_____. Cultura escolar, modernidade pedagógica e política educacional no espaço urbano carioca. In: HERSCHMANN, Micael; KROPF, Simone e NUNES, Clarice. **Missionários do progresso: médicos, engenheiros e educadores no RJ – 1870/1973**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996, p. 155-224.

_____. História da educação brasileira: Novas abordagens de velhos objetos. **Teoria e Educação**, nº 6. 1992, p. 151-182.

OLIVEIRA, B. S. de. **A modernidade oficial: a arquitetura das escolas públicas do Distrito Federal (1928-1940)**. FAU – Universidade de São Paulo. Tese de Doutorado, 1981.

OLIVEIRA, Silvana M. Pessôa. **De viagens e de viajantes: a viagem imaginária e o texto literário**. (Tese de Doutorado). Belo Horizonte: FALE/UFGM, 1995.

PIMENTA, Jussara. Leitura e encantamento: a Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco. In: **Cecília Meireles: a poética da educação**. (org). NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: Loyola, 2001, p. 105-120.

PIMENTEL, Thaís Velloso. **De Viagens e de Narrativas: Viajantes Brasileiros no Além-Mar (1913-1957)**. FFLCH/USP. Tese de doutorado, 1998.

PINO, Claudia Amigo. **A ficção da escrita**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

POPKEWITZ, Thomas S. e BLOCH, Marianne. Construindo a criança e a família: registros de administração social e registros de liberdade. In: NÓVOA, António; SCHRIEWER, Jürgen (Eds.). **A difusão mundial da escola**. Lisboa: Educa, 2000. p. 33-68.

PRADO, Eduardo. **Ilusão americana**. Hipertexto, 2002.

PRONKO, Marcela Alejandra. Crônica de um fracasso: uma história dos projetos de criação de Universidades do Trabalho no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. XX, n. 66, 1999, p. 84-103.

ROCHA, João Augusto de Lima *et alii*. **Anísio em Movimento: a vida e as lutas de Anísio Teixeira pela escola pública e pela cultura do Brasil**. Salvador: Fundação Anísio Teixeira, 1992, p. 226.

_____. **As inovações de Anísio Teixeira na arquitetura escolar: os casos da Bahia e do Rio de Janeiro**. In: <http://www.bvanisioteixeira.ufba>. Acesso em 05/10/2010.

SAAVEDRA, Silvia Maria Galliac. **Passos e descompassos de uma instituição de pesquisa educacional no Brasil: a realidade do Inep.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 1988.

SANTOS, Fabio Maruci. Um Éden germânico: Europa e América nas viagens de Oliveira Lima. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 35, 2005, p. 22-46.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada.** Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2001.

SCHAEFFER, Maria Lúcia Garcia Pallares. **Anísio Teixeira: formação e primeiras realizações.** São Paulo: USP/Faculdade de Educação, 1988.

SCHUELER, Alessandra Frota M. de. **A longa peregrinação de um professor da roça na Europa.** In: *Viagens pedagógicas*. MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio e GONDRA, José Gonçalves (orgs). São Paulo: Cortez, 2007, p. 39-64.

SCHRIEWER, Jürgen. **Formas de Externalização no Conhecimento Educacional.** Lisboa: EDUCA, 2001.

SILVA, Vera Lucia Gaspar. **Sentidos da Profissão Docente: Estudo comparado acerca de sentidos da profissão docente do ensino primário, envolvendo Santa Catarina, São Paulo e Portugal na virada do século XIX para o século XX.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SILVA, Vivian Batista. **Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970).** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a democracia: introdução à administração educacional.** Org: NUNES, Clarice. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007. (Coleção Anísio Teixeira, V. 4).

_____. **Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola.** Org: NUNES, Clarice. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007. (Coleção Anísio Teixeira, V. 2).

_____. **Ensino Superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969.** Org: NUNES, Clarice. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. (Coleção Anísio Teixeira, V. 10).

_____. **Educação e Universidade.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

_____. **Educação não é privilégio.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

_____. **Educação no Brasil**. 2ª Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional – MEC, 1976.

_____. A universidade de ontem e de hoje. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 41, n. 95, p. 27-47, 1964.

_____. Valores proclamados e valores reais nas instituições escolares brasileiras. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v.37, n.86, abr./jun. 1962. p. 59-79.

_____. Confronto entre a educação superior dos EUA e a do Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 33, nº 84, out/dez, 1961, p. 48-60.

_____. A universidade americana em sua perspectiva. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 36, nº 78, abr/jun, 1960, p. 63-74.

_____. Discurso de posse no Inep. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, nº 45, 1952, p. 70-79.

_____. Reorganização do Ensino Normal e sua transposição para o plano universitário: criação. *Boletim de Educação Pública*. Rio de Janeiro, v. 2, nº 1/2, jan./jun., 1932.

_____. O systema escolar do Rio de Janeiro. Relatório de um ano de administração. **Boletim de Educação Pública**. Rio de Janeiro, anno II, nº 3 e 4, 1932.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. **Discurso pedagógico, mito e ideologia: O Imaginário de Paulo Freire e Anísio Teixeira**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

VENANCIO FILHO, Francisco. Contribuição norte-americana à educação no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, V. IX, nº 25, nov./dez., 1946, p. 229-266.

VIANNA, Aurélio e FRAIZ, Priscila. (Org) **Correspondência entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato**. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986.

VIANA FILHO, Luís. **Anísio Teixeira: a polêmica da educação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

VIÑAO, Antonio. Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos. **Revista Teias**, UERJ, Rio de Janeiro, volume 1, 2000, p. 82- 95.

_____. Viages que educan. In: **Viagens Pedagógicas**. MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio e GONDRA, José (orgs). São Paulo: Cortez, 2007, p. 15-38.

WARDE, Mrian Jorge. Americanismo e Educação: um ensaio no espelho. **São Paulo em Perspectiva**, ano 14, nº 2, 2000, p. 37-43.

XAVIER, Libânia Nacif. A Reforma do Ensino no Distrito Federal (1930-1935): Experimentalismo e Liberalismo em Anísio Teixeira. **Cadernos de História da Educação**, nº 6, jan./dez. de 2007.